



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**COMUNICAÇÃO COM OS “MORTOS”:
ESPIRITISMO, MEDIUNIDADE E PSICOGRAFIA**

IRACILDA CAVALCANTE DE FREITAS GONÇALVES

ORIENTADOR: PROF. DR. FABRÍCIO POSSEBON

JOÃO PESSOA-PB

OUTUBRO DE 2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

COMUNICAÇÃO COM OS “MORTOS”:
ESPIRITISMO, MEDIUNIDADE E PSICOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Estudo das Religiões, sob a orientação do professor Dr. Fabrício Possebon.

JOÃO PESSOA-PB
OUTUBRO DE 2010

G635c Gonçalves, Iracilda Cavalcante de Freitas.
Comunicação com os “mortos”: espiritismo, mediunidade e
psicografia / Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves.—
João pessoa: [s.n.], 2010.
155f.
Orientador: Fabrício Possebon.
Dissertação (mestrado) – UFPB – CE

1.Ciências das Religiões. 2. Espiritismo. 3. Discurso 4.
Psicografia.

UFPB/BC

CDU: 279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

“COMUNICAÇÃO COM OS “MORTOS” ESPIRITISMO, MEDIUNIDADE E
PSICOGRAFIA”

Iracilda Cavalcante de Freiras Gonçalves

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Dr. Fabrício Possebon
Orientador

Maria Angélica de Oliveira
Profa. Dr.^a. Maria Angélica de Oliveira

Membro



Profa. Dr.^a. Flávia Ferreira Pires
Membro

Aos meus “mortos” queridos

Meu irmão, “Hominho”

Minha mãe, “Zefinha”

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me fazer existir, por me dar a oportunidade de evoluir a cada existência e por me permitir desfrutar, nessa caminhada, da companhia silenciosa e ativa do meu anjo da guarda, sempre a postos me inspirando, orientando-me nas horas mais precisas;

À minha coragem de vencer o medo de mudar, de me libertar das amarras das velhas idéias, de enveredar por novos caminhos e, principalmente, de acreditar que posso, devo e preciso construir a minha história;

Agradeço ao meu pai “Corminho”, minha inspiração;

Ao meu marido, por continuar a estimular e a alimentar a minha vontade de melhorar sempre, deixando os caminhos livres para que eu pudesse trilhá-los da melhor maneira que me conviesse e, assim chegar ao ponto desejado;

Aos meus filhos, por continuar a acompanhar os meus passos, alegrar os meus dias, aceitar as minhas ausências e, principalmente, por alimentar a minha vontade de viver e buscar dias melhores;

As companheiras Ivanilda e Robéria pelo incentivo e pela escuta das alegrias e das lamúrias;

Á Elisa, pelo companheirismo e pelo apoio fundamental a minha família na minha presença e na minha ausência;

À Prof.^a Dr.^a Ivone Lucena não só por acreditar haver, detrás das cinzas, um resto de fogo ávido pela vontade de saber e pela brisa incessante das novas idéias, lançando-lhe o sopro vital ,mas, também por alimentá-lo até hoje.

Aos professores da Pós-Graduação, sempre contribuindo, cada um ao seu modo, com os conhecimentos necessários à iniciação científica e à construção da minha identidade de professora-pesquisadora em Ciências da Religião

Aos novos amigos que conquistei nessa nova caminhada. Enfim, agradeço a todos os amigos, já ditos e não-ditos, que contribuíram e continuam a apóia-me na busca da minha completude de sujeito.

Ao Prof. Dr. Severino Celestino da Silva e a Prof.^a Dr.^a Flávia pela leitura criteriosa que fizeram do meu trabalho no processo de qualificação.

Ao prof. Dr. Fabrício Possebon, meu orientador, por acreditar na minha vontade de saber/poder.

RESUMO

Fundamentados nos princípios teóricos de Michel Foucault sobre análise de discursos observamos o discurso religioso Espírita. Lançamos mão desse suporte teórico porque entendemos que ele oferece a sustentação necessária à investigação científica que ora nos propomos realizar, uma vez que trata o discurso como uma prática social cujo funcionamento é regulamentada por normas que controlam a produção e circulação de discursos em nossa sociedade. Objetivamos compreender como esse campo discursivo materializa um dizer sobre a comunicação com os “mortos”, por meio da mediunidade de psicografia e o faz circular por meio de regras próprias. Selecionamos como corpus analítico os textos que constituem a literatura básica da doutrina: os livros organizados por Allan Kardec e, também, textos que constituem a literatura complementar. A análise da discursivização produzida por Kardec sobre a doutrina Espírita e a mediunidade de psicografia nesse conjunto de enunciados permitiu-nos observar a importância que o processo de produção discursiva mediúnica psicográfica, o sujeito-autor-psicógrafo, o médium, e o sujeito-autor-psicografado, o autor espiritual, assumem nesse campo discursivo. Técnica: a mediunidade de psicografia, técnico: o médium psicógrafo e, produto: o texto psicográfico figuram, para a doutrina, como peças de um jogo de *Verdades* cuja existência funciona como meio de provar um dos princípios fundantes da doutrina: a imortalidade e a comunicabilidade dos Espíritos e, por que não dizer, como forma de ratificar a própria existência da doutrina.

Palavras-chave: Discurso, Religião, Espiritismo, Mediunidade, Psicografia

RESUMEN

Con base en los principios teóricos de Michel Foucault en el análisis del discurso se observa el discurso religioso Espírita. Hemos utilizado este marco teórico, porque creemos que ofrece el apoyo necesario a la investigación científica que ahora tenemos la intención de lograr, pues tratará de cómo el discurso como una práctica social cuya actividad esté regulada por normas que controlan la producción y circulación del discurso en nuestra sociedad. Nuestro objetivo es entender cómo este campo discursivo encarna algo que decir sobre la comunicación con los muertos "" a través de la mediumnidad de psicografía y circula a través de sus propias reglas. Seleccionado como el corpus de análisis que constituyen la bibliografía básica de la doctrina: los libros organizados por Allan Kardec y también textos que son complementarias a la literatura. El análisis elaborado por la Doctrina Espírita speechlization Kardec en la canalización y la escritura automática de este conjunto de declaraciones nos permitió observar la importancia que el proceso de producción textual psíquica psicográficas el tema-autor-psychographer el medio, y el sujeto-autor-psiografado, el escritor espiritual, tome este campo discursivo. Técnica: mediumnidad de psicografía, técnicos: la psychographer medio y de productos: el texto psicográficas dado para la doctrina, como piezas de un conjunto de verdades cuya existencia es un medio de probar uno de los principios fundadores de la doctrina: la inmortalidad y comunicabilidad de los espíritus, y por qué no decirlo, como una manera de ratificar la existencia misma de la doctrina.

Palabras clave: Discurso, Religión, Espiritismo, Mediumnidad, Psicografía

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I – ESPIRITISMO: GENEALOGIA, EXISTÊNCIA E FUNCIONAMENTO.	19
1.1 De Rivail a Kardec: ciência ou religião?.....	22
1.2. Espiritismo: uma genealogia à brasileira.....	35
1.3 Pelos caminhos da FEB: a trajetória de uma legitimação.....	39
1.4 Pelas mãos de Chico Xavier: o registro de uma sedimentação.....	41
1.5 Da teoria à prática: os sentidos de uma vivência.....	52
1.6 Da vontade de <i>verdade</i> a <i>verdade</i> Espírita.....	54
1.7 Sob o olhar de Kardec: <i>verdades</i> da doutrina Espírita.....	57
1.8 Dos movimentos de uma prática: a vivência Espírita.....	63
II- SOBRE A COMUNICAÇÃO COM OS “MORTOS”: AS VERDADES ESPÍRITAS.....	69
2.1 Mediunidade: “origem”, <i>verdade</i> , função e sentido.....	72
2.2 Da prática mediúnica: tipologia, existência e funcionamento.....	78
2.3 Sob ordem do discurso Espírita: a função médium.....	89
2.4 A Reunião Mediúnica: um ritual discursivo?.....	98
III- SOB O OLHAR ESPÍRITA: A ESCRITA DO ALÉM.....	107
3.1 A Mediunidade psicográfica Espírita: uma configuração.....	108
3.2 A função médium psicógrafo: existência e funcionamento.....	116
3.3 A função de autor médium psicógrafo: instauração e modo de existência.....	123
3.4 A produção e a recepção mediúnica psicográfica: práticas.....	128
3.5 O texto psicográfico: existência, produção, circulação.....	136
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	155

INTRODUÇÃO

(...) não parece indispensável, longe disso, que a função autor permaneça constante na sua forma, na sua complexidade e mesmo na sua existência. Podemos imaginar uma cultura em que os discursos circulassem e fossem recebidos sem que a função autor jamais aparecesse. (...). Todos os discursos, qualquer que fosse o seu estatuto, a sua forma, o seu valor, e qualquer que fosse o tratamento que se lhes desse, desenrolar-se-iam no anonimato do murmúrio. E do outro lado pouco mais se ouviria do que o rumor de uma indiferença: 'Que importa quem fala'. (Michel Foucault. *O que é o autor?*, p. 70)

A vontade de saber e a vontade de *verdade*, características inatas do ser humano, são sentimentos extremamente moventes. Funcionam, a cada instante, como estímulo para a construção de saberes e *verdades* que permeiam a existência humana, tentando justificar os porquês de ser e estar no mundo. A todo o momento, produzimos “novos” saberes e “novas” *verdades* que (re)encantam a existência e fazem-nos (re)inventar o mundo. Para este trabalho de pesquisa, a minha vontade de saber e a minha vontade de *verdade* tomam, como alvo de análise, *verdades* que circulam no campo religioso Espírita.

A emergência de minha vontade de saber e vontade de *verdade* sobre o campo religioso Espírita surgiu nos anos noventa. Morava numa cidade interiorana. Lá, tomamos conhecimento da existência de estudos sistemáticos, institucionalizados, relativos ao Espiritismo. Do lugar religioso pelo qual respondíamos, a religião católica, qualquer referência ao Espiritismo, enquanto religião, representava uma mera ilusão, ou melhor, uma exclusão concreta. Desde aquela época, deu-se início a minha grande inquietação sobre os saberes e as *verdades* que circulam nesse campo e, conseqüentemente, a motivação para observá-lo de forma sistemática. Passei, então, a freqüentar reuniões de estudos sistematizados sobre a doutrina, em um Centro Espírita.

Em 2000, surge a vontade de estudar esse campo pelo viés da cientificidade, no mestrado. Projeto adiado. O contexto acadêmico, no meu campo de origem, por

inúmeros motivos que não convém relatar, não oferecia pontos de acessos para pesquisas nesse campo. Trilhei então outros caminhos.

Em 2006, o advento do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões - PPGCR, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, naturaliza, portanto, as possibilidades de pesquisa no campo religioso. Aguça-se novamente a motivação para focar o campo discursivo Espírita como objeto científico de pesquisa. Minha vontade de saber entrou em sintonia com a ordem do discurso acadêmico vigente.

Em meio aos inúmeros sentidos que compõem o corpo dessa doutrina, nosso estudo busca construir um gesto de compreensão de como o Espiritismo discursiviza¹ o fenômeno da comunicação entre vivos e “mortos”², por meio da mediunidade de psicografia. Observar essa técnica é, portanto, analisar a relação que os “vivos” mantêm com os “mortos”, por meio de um processo singular de produção discursiva, que se atualiza na relação entre um sujeito-psicógrafo, médium Espírita especializado, e um sujeito-psicografado, um Espírito.

O Espiritismo apresenta a comunicação com os “mortos”, a mediunidade, como uma prática constitutivamente heterogênea. Por este motivo, selecionamos uma dentre as práticas mediúnicas posta em exercício por esse campo discursivo, a psicografia. Esta técnica singulariza-se por produzir um produto concreto, um bem de consumo: o livro. Este permite que os princípios doutrinários espírita, inicialmente, com circulação restrita aos centros Espíritas e aos lares dos adeptos da doutrina, adentre os mais diferentes espaços da nossa sociedade. Os espíritos “invadem a rua”. Milhares de Espíritos ganham “voz” pelas mãos dos inúmeros médiuns psicógrafos. É este acontecimento discursivo que instiga a nossa curiosidade de pesquisadora e nos move em busca de respostas para as nossas inquietações sobre o objeto de estudo selecionado para a pesquisa.

Reconhecemos a importância das contribuições de uma pesquisa que utilize o método comparativo na compreensão do exercício da mediunidade, em culturas

¹ O termo discursiviza ou discursivizar será utilizado, neste estudo, com o sentido de materializar um dizer sobre um objeto ou uma situação não-discursiva, ou seja aquela que ainda não foi submetida a uma prática discursiva. Conforme Foucault (2000a) um acontecimento não-discursivo só passa a ter existência material, ou seja, a ser visível ou audível, a partir do momento em que ele emerge em uma materialidade

² Ao utilizamos aqui a palavra “mortos” não estamos negando o princípio da doutrina Espírito de que não há “mortos”, pois entendemos que, para o Espiritismo, exista, apenas, a morte biológica do corpo carnal e não do Espírito, este é eterno e vive ora como encarnado, ora como desencarnado.

religiosas distintas e, até, no mesmo campo religioso. Entretanto, para este momento, focamos, especificamente, o campo da cultura religiosa Espírita. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, dessa forma, utilizamos, o conhecimento especializado produzido por pesquisadores sobre a temática em foco, com o objetivo de aplicar os pressupostos teóricos que deram sustentação ao nosso trabalho de produção de leitura e construção da dissertação.

Para este estudo, não foi possível apoiar-nos em uma extensa bibliografia. Ela ainda está em construção. Uma breve incursão no campo acadêmico, no campo das Ciências Humanas brasileira, sinalizou que, em comparação à literatura de outras culturas religiosas que povoam o cenário religioso brasileiro, a literatura Espírita, presente na cultura religiosa brasileira há mais de um século e meio, ainda não mereceu a devida atenção dos acadêmicos.

Ao iniciarmos o levantamento dos teóricos que já trabalharam sobre o tema em questão, ou melhor, sobre a doutrina Espírita, surpreendemo-nos ao descobrir que as nossas suspeitas encontraram ecos nas falas de teóricos brasileiros que, atualmente, exercem atividade nesse campo. O interesse das ciências humanas pelo campo religioso espírita é muito recente. As obras que se sedimentaram, enquanto referência teórica para os futuros pesquisadores, são escassas. Apesar de substanciais, as contribuições até então produzidas são insuficientes para dar conta da complexidade desse campo de estudo.

“O Espiritismo é um mundo ainda a ser desbravado, pleno de silêncios e questões de pesquisas as quais merecem um tratamento histórico e antropológico”. Essa afirmação é do pesquisador Bernardo Lewgoy (2004, p. 19), doutor em antropologia social pela Universidade de São Paulo – USP. Sua tese, defendida no ano de 1999, intitula-se: *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre a cultura escrita e oralidade no espiritismo Kardecista*. Nela, o autor analisou a relação do Espiritismo com o universo lingüístico: produção escrita e oral, bem como a produção de leitura. O autor produziu diversos artigos sobre o campo em questão e publicou, em 2004, um capítulo da sua tese sob o título: *O grande mediador: Chico Xavier e a Cultura Brasileira*.

Conforme o antropólogo (1998, p. 100), atualmente, as pesquisas, no campo da antropologia brasileira, têm retomado o campo Espírita. Os novos estudos tomam novo fôlego a partir dos trabalhos de pesquisa realizado pela autora, Maria Laura Viveiros de

Castro Cavalcanti, com a sua dissertação de Mestrado, em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ (1982), cujo título é *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no Espiritismo*, publicada em formato de livro. Nesta pesquisa, a autora estuda o Espiritismo como um sistema religioso que se inclui no quadro das religiões mediúnicas, abordando conceitos básicos como ritual, mediunidade, transe e possessão. A autora apresenta um capítulo, específico sobre a mediunidade Espírita.

A confirmação da idéia de escassez dos estudos no campo Espírita, também pôde ser verificada a partir da fala do antropólogo Emerson Alessandro Giumbelli. Compondo a bibliografia mais recente sobre o Espiritismo Kardecista, o pesquisador produziu a dissertação de mestrado, defendida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ (1995), intitulada: *O cuidado dos mortos: discursos e intervenções sobre o espiritismo e a trajetória da Federação Espírita Brasileira (1890-1950)*. Trata-se de um estudo pautado em princípios teóricos foucaultianos que versa acerca da história da condenação e legitimação do Espiritismo no Brasil. Pela produção dessa pesquisa, o autor ganhou, em 97, o segundo lugar nacional do prêmio "Arquivo Nacional de Pesquisa". Sua dissertação foi publicada em livro, em 1997, sob o título: *O cuidado dos mortos. Uma história da Condenação e legitimação do Espiritismo*. Deste autor, têm-se publicado artigos e capítulos de livros. O pesquisador, (re)conhecido pelos seus estudos sobre o Espiritismo, afirma que, avaliada em seu conjunto, as produções efetuadas sobre o Espiritismo, no meio acadêmico brasileiro, até o momento, não representa

nem a densidade da literatura que versa sobre o que se convencionou chamar de 'religiões afro-brasileiras', nem a abundância que a preocupação com os grupos pentecostais tem gerado, nem a continuidade das abordagens sobre a história e a atualidade das instituições católicas" (GIUMBELLI, 1997, p. 160)

Endossando o argumento da escassez de produção acadêmica no campo em foco, trazemos a voz da Pesquisadora Jaqueline Stoll (2003, p.52-53), doutora em Antropologia Social, pela Universidade de São Paulo, USP. Sua tese *Entre Dois Mundos: o Espiritismo da França e no Brasil*, defendida em 1999, versa sobre a temática do surgimento do Espiritismo na França e sua reinterpretação em solo brasileiro. A autora tem produzido artigos e publicou, em 2003, sua tese sob o título:

Espiritismo à Brasileira. Quanto à questão da religiosidade Espírita, como objeto de estudo científico, observa-se que o campo “não suscitou maior interesse no meio acadêmico. Dentre as religiões consideradas ‘brasileiras’, o Espiritismo tem sido das menos estudadas”. Fato que denuncia relações de poder/resistência dentro do campo do discurso científico na produção de pesquisas nesse campo do saber.

Conforme a pesquisadora Eni Orlandi (1997), o silêncio é fundante, é constitutivo de sentidos. Nesse caso, ele atua como forma de denunciar o quanto a prática discursiva se movimenta de forma policiada. Para Michel Foucault (2000b), há em toda sociedade relações de poder/saber funcionando no controle da produção e circulação de sentidos, permitindo que alguns sejam atualizados enquanto outros sejam silenciados. Saber o como e o porquê de o campo discursivo espírita continuar “pleno de silêncios” e, portanto, um campo preñado de pesquisa pode ser considerado, portanto, uma questão instigadora.

Stoll (2003, p. 53) afirma que o Espiritismo, como objeto de pesquisa acadêmica, tem seu início marcado pelos trabalhos assinados por Cândido Procópio de Camargo e Roger Bastide. Camargo lança o seu primeiro título, em 1961: *Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica*, estudo no qual delinea traços distintivos do Espiritismo brasileiro e propõe a tese do “continuum mediúnico”: elegendo a mediunidade, relações comunicativas com Espíritos, como traço identitário comum às religiões mediúnicas, o autor propõe que Espiritismo e Umbanda sejam vistos como pólos de um eixo que coloca essas religiões em situação gradual, singularizando-se pelo modo como põe em funcionamento as relações comunicativas com Espíritos. Ao Espiritismo o lugar da mediunidade consciente, doutrinária; a Umbanda a mediunidade inconsciente, ritualística. Depois, em 1973, Camargo publica: *Católicos, protestantes e Espíritas*. Neste livro, retoma, através de um estudo comparativo, a tese do continuum e, reafirma o traço distintivo do Espiritismo brasileiro: o aspecto religioso, em detrimento das características filosóficas e científicas que, segundo Kardec, são constitutivas do Espiritismo. Por outro lado, Roger Bastide, publica, em 1960, *As religiões africanas no Brasil*. Neste livro o autor analisa a emergência da macumba, da umbanda, do candomblé e do Espiritismo buscando observar o entrelaçamento dessas formas de religiosidades com traços ressignificados pelo contato com religiões africanas.

Esses autores, explica Stoll (2003, p.53), são responsáveis pela emergência do

Espiritismo, enquanto foco de estudos, no cenário religioso dos anos 60. Tornaram-se, por isso, referência teórica para toda a produção intelectual ulterior, seja no campo dos estudos históricos, sociológico ou antropológico, seja, atualmente, no campo específico das Ciências das Religiões. Conforme a teórica (2003, p. 69), o pesquisador que primeiro chamou a atenção dos pesquisadores sobre a lacuna provocada pela ausência do campo religioso espírita, como objeto de estudo, no campo acadêmico, foi Luiz Eduardo Soares no artigo intitulado *O autor e seu duplo: a psicografia e as proezas do simulacro*, publicado na revista *Religião e sociedade*, em 1979.

Os franceses, Marion Aubraé e François Laplantine, também tratam sobre o campo Espírita no livro *La table, les livres et l'esprits*, Segundo Stoll (2003, p. 54), o autor “compila e sistematiza os dados apresentados por seus predecessores”.

Sobre o Espiritismo, há, também, o livro de Sylvia Damázio: *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro* (1994), que faz uma reconstituição histórica da emergência do Espiritismo no Rio de Janeiro. Ainda pela USP, pela Escola de Comunicação e Artes, 1989, temos a dissertação de Mestrado, em Ciências da Comunicação, de Thais Montenegro Chinellato: *O espírito da paraliteratura: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester*.

Na Unicamp, identificamos a dissertação de mestrado, ligada ao Departamento de História: *Religião em Confronto: O Espiritismo em Três Rios (1922-1939)*, da autora Angélica Aparecida Silva de Almeida; e, mais recente, a dissertação de mestrado de Alexandre Caroli Rocha, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem - IEL intitulada: *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*, dissertação de mestrado, Campinas Unicamp, 2001. Esta pesquisa analisa o livro de poemas mediúnicos Parnaso de além-túmulo, do médium mineiro Chico Xavier.

Os trabalhos desses estudiosos servem de fonte para que pesquisadores possam tomar o Espiritismo como campo de observação, a exemplo, dentre outros, do jornalista Ubiratan Machado, com o seu livro *Os intelectuais e o Espiritismo: um estudo sobre relações de intelectuais brasileiros com o Espiritismo, na segunda metade do século XIX e começo do século XX* (1983) e Renato Ortiz: *A morte branca do feiticeiro negro* (1988). Este livro é o resultado de sua tese de doutorado, orientada pelo professor Roger Bastide. Ao contrário do seu orientador que, em seu livro *As religiões africanas no Brasil*, defendeu a tese de que a Umbanda era uma religião negra, Ortiz afirma que a Umbanda, apesar da influência africana, aparece como uma religião nacional que,

conforme o autor “se opõe às religiões de importação: protestantismo, catolicismo e Kardecismo. (...) Nos encontramos diante de uma síntese brasileira, de uma religião endógena” (ORTIZ, 1978, p. 17). Ortiz no seu livro assinala, no entanto, que Bastide, em 1975, rever suas posições e passa a considerar a Umbanda como uma religião nacional do Brasil. Afirma ele: “o caráter de síntese e de brasilidade da Umbanda é desta forma confirmado e reforçado” (1978, p. 17).

Pela breve pesquisa bibliográfica efetivada, percebemos que nenhum dos trabalhos elencados trata, especificamente, sobre a temática da mediunidade psicográfica no campo Espírita. A única pesquisa que conhecemos cujo corpus de estudo se compõe de textos psicografados pelo Médiun Chico Xavier, dentre as que foram possíveis ter conhecimento, é o trabalho efetivado por Alexandre Caroli Rocha. Acreditamos, portanto, que a leitura do trabalho de Jaqueline Stoll, Laura Maria Viveiro de Castro, Emerson Giumbelli, Bernardo Lewgoy, Luiz Eduardo Soares, dentre outros teóricos brasileiros, poderá lançar luzes sobre a temática que ora nos propomos analisar.

O corpus da pesquisa foi constituído pelos textos que formam a literatura básica Espírita, assinados por Kardec: *O livro dos Espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O céu e o inferno*, *A gênese*, *O que é o Espiritismo e Obras póstumas* e, ainda, textos que pertencem à literatura complementar: *Testemunhos de Chico Xavier*, autoria de Suely Caldas Schubert, *A psicografia ante os tribunais*, de Miguel Timponi, *Devassando o invisível e Recordações da mediunidade*, autoria de Yvonne A. Pereira; *Palavras minhas* e *Explicando*, assinados por Chico Xavier, dentre outros.

O produto resultante de nossa pesquisa está organizado em três momentos, materializados em capítulos: o estudo do campo discursivo espírita, em seguida do fenômeno da mediunidade e, por fim, da técnica mediúcnica psicográfica. O tratamento dado aos três eixos temáticos tomou como referencial os estudos de Cruz (2004), Foucault (1992; 2000A; 2000B; 2000C; 1997); Stoll (2003); Bakthin (2000); Eliade (2002; 1992; 1991; 2008); Machado (1997; 1992); Medina (1988) Schubert (1998); Frye (2004); Silva (2009); Souto Maior (2003; 2004; 2005) dentre outros autores especializados no campo discursivo em foco. Nossa proposta é fazer uma análise do discurso espírita com o objetivo de compreender como esse campo discursivo materializa um dizer sobre a comunicação com os “mortos”, por meio da mediunidade de psicografia e o faz circular por meio de regras específicas. Por esse motivo, dentre

esses estudiosos tomamos como aporte teórico básico os fundamentos de Michel Foucault sobre o funcionamento do discurso. A escolha dos fundamentos teóricos desse autor se justifica uma vez que trata o discurso como uma prática social cujo funcionamento é regulado por normas que controlam a produção e circulação de discursos em nossa sociedade.

O primeiro momento está representado pelo primeiro capítulo, intitulado: *Espiritismo: genealogia, existência e funcionamento*. Nele, discorremos acerca de aspectos gerais sobre o Espiritismo. Versando sobre a doutrina espírita, ele representa o momento de compreensão do campo discursivo religioso no qual o nosso objeto de análise está inserido. Para efeitos metodológicos, distribuímos esse acontecimento em oito itens. No primeiro item, analisamos como se deu a emergência dessa doutrina no cenário religioso francês do século XIX, tomando como referencial discursivo o sujeito-autor responsável por sua organização, Allan Kardec. Em seguida, apresentamos traços biográficos desse autor, centrando nossa atenção na sua iniciação ao Espiritismo. No segundo, buscamos compreender como se deu a emergência da doutrina Espírita, desta vez, em solo brasileiro. Para tanto, tomamos como foco os dois primeiros grupos kardecistas constituídos no Brasil. No terceiro, versamos sobre o papel da Federação Espírita Brasileira na legitimação da doutrina Espírita. No quarto item, focamos o médium Chico Xavier, personagem principal no processo de sedimentação da doutrina no Brasil, após a década de 50. Para tanto, utilizamos textos autobiográficos e biográficos. No quinto tratamos da discursivização de Kardec sobre as razões por meio das quais a vivência da experiência religiosa Espírita se justifica. No sexto, versamos acerca da discursivização kardequiana sobre a(s) *verdade(s)* da doutrina, ou seja, o critério de verdade que a doutrina assume para justificar a emergência, circulação e sedimentação de suas crenças e, ainda, os princípios teóricos que constituem as *verdades* da doutrina. No sétimo, tratamos das *verdades* acolhidas por Kardec, com o objetivo de fazê-las funcionar como *verdades* que compõem o corpo doutrinário do Espiritismo. Por fim, o último item deste capítulo; nele apresentamos um esboço da vivência espírita. Para tanto, centramos nossa atenção na estrutura do movimento Espírita brasileiro.

O segundo capítulo: *Sobre a comunicação com os “mortos”*: *verdades espíritas* tematiza o fenômeno da comunicação com os “mortos”. Nele versaremos, especificamente, sobre o princípio da comunicação com os mortos, na perspectiva do

Espiritismo. O conteúdo deste segundo momento está distribuído em quatro itens. No primeiro item procuramos apresentar *verdades* espíritas sobre a “origem”, o sentido, a função e a *verdade* do fenômeno da mediunidade. No segundo, tratamos sobre “as verdades acolhidas pelo Espiritismo” sobre a existência e o funcionamento das práticas mediúnicas; apresentamos, também, um quadro tipológico das principais modalidades de mediunidade. No terceiro, apresentamos uma leitura sobre a existência e o funcionamento da função de sujeito-médium no processo discursivo mediúnico. No quarto, tratamos sobre o modo como a doutrina discursiviza o funcionamento da reunião mediúnica: prática grupal de produção de discursos que visa, dentre outros objetivos, o esclarecimento e a orientação de Espíritos desencarnados.

O terceiro capítulo: *Sob o olhar espírita: a escrita do além* é construído como objetivo de tematizar o terceiro momento: a compreensão do fenômeno da mediunidade de psicografia. O conteúdo está distribuído em cinco itens. O primeiro trata da técnica psicográfica: apresenta o tratamento dado pela doutrina Espírita ao fenômeno da psicografia. O segundo, o terceiro e o quarto tratam do técnico em psicografia, o médium: o segundo apresenta as *verdades* espíritas sobre a existência e o funcionamento da função de médium psicógrafo, no processo mediúnico psicográfico; o terceiro versa sobre a emergência e funcionamento da função autor psicógrafo e da função autor espiritual e, o quarto versa sobre as práticas de produção e recepção de discursos mediúnicos psicográficos; para tanto, tomamos como modelo a prática psicográfica dos médiuns Chico Xavier e Yvonne A. Pereira. Por fim, o quinto item. Este discorre sobre o produto resultante da técnica da psicografia: o texto psicográfico, sua produção, existência, circulação e funcionamento.

Por último apresentamos as considerações finais. Nela expomos as conclusões da pesquisa sobre o objeto observado: a comunicação com os “mortos” na ótica do Espiritismo. Entendemos que esse trabalho se constitui em mais um olhar sobre um objeto discursivo, que certamente estará sempre disponível para ser observado sob outras perspectivas. É nossa pretensão acreditar que este estudo pode assumir, simultaneamente, relevância científica e social. Cientificamente, ele pode servir como referencial de leituras para investigações ulteriores, no campo das Ciências das Religiões. Quanto ao aspecto social, entendemos que a compreensão desse fenômeno Espírita pode funcionar como antídoto contra *verdades* que circulam, fortalecendo a intolerância que, ainda, cerca essa cultura religiosa e, conseqüentemente, seus adeptos.

Desse modo, poderá contribuir, também, com a aceleração do processo de sedimentação do respeito às diferenças religiosas. O estudo dessa temática poderá contribuir, ainda, com o estreitamento dos laços acadêmicos com a sociedade, no que diz respeito à compreensão da religiosidade espírita e poderá funcionar, também, como uma resposta concreta ao imperativo proposto pela instituição recente do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, (21 de janeiro).

I - ESPIRITISMO: GENEALOGIA, EXISTÊNCIA E FUNCIONAMENTO

Ora, a aparição da Vida “vem” de qualquer parte que não é este mundo e, finalmente, retira-se daqui debaixo e “vai-se” para o além, prolongando-se de maneira misteriosa num lugar inacessível à maior parte dos vivos. A vida humana não é sentida como uma breve aparição no Tempo, entre dois Nadas; é precedida de uma preexistência e prolonga-se numa pós-existência. Muito pouco se conhece acerca desses dois estágios extraterrestres da Vida humana, mas sabe-se pelo menos que eles *existem*. Para o homem religioso, portanto, a morte não põe um fim definitivo à vida: a morte não é mais do que uma outra modalidade da existência humana. Eliade (1992, p. 120)

Sabemos que, desde os tempos mais remotos, o ser humano sempre buscou explicações, definições, razões para entender o mundo e a sua existência nesse mundo.

A necessidade de atribuir significados a atos fundamentais como o nascimento, a vida, a morte, a reprodução, a alimentação, o trabalho sempre fizeram, portanto, parte das inquietações humanas e passaram a ter formatos distintos a partir de valores construídos pelas diferentes campos do saber. Concordamos com a pesquisadora Neide Miele quando afirma que “os seres humanos são produto e produtores de cultura”. Conforme a autora “cultura é diversidade, é metamorfose constante”. Desse modo, é impossível “reduzir a humanidade, do seu nascimento até a contemporaneidade, a uma única crença” (MIELE, 2007, p.222).

Como compreender e aceitar/rejeitar, por exemplo, o fato de nascer/morrer? Por que o ser humano tem uma existência passageira? Entre o existir e o deixar de existir o homem procura resolver essas inquietações de várias maneiras. Uma delas é sustentada pela religiosidade que *justifica* determinadas interrogações e incógnitas. A busca de significados que explicassem os sentidos do mundo da vida e da morte fizeram os homens pensarem na relação entre a Terra e o céu, entre o humano e o divino. Explicações estas que se constituíram por discursos religiosos diversos.

Conforme Possebon (2008, p. 9), entre os povos *primitivos* não existia a idéia de religião enquanto sistema fechado havia, no entanto, crenças, mitos, deuses, a comunicação entre o mundo dos homens e o além, o mistério, a devoção, a fé, os

sacerdotes, elementos que podem ser utilizados para descrever, atualmente, uma dada religião. Os indivíduos estavam inseridos em um contexto em que o sagrado³ era o comum. Desse modo, tanto a natureza como os atos humanos: a vida profissional, os afazeres domésticos, o lazer, a diversão, o descanso, etc., eram sacralizados.

No mundo contemporâneo, o fenômeno da globalização possibilita-nos visualizar como a religião passou a ser uma problemática de destaque no nosso cotidiano. A eclosão de Novos Movimentos Religiosos, por exemplo, é uma das questões que tem movimentado o cenário religioso da “pós-modernidade”. Conforme Miele (2007, p. 218), apesar da efervescência desses movimentos produzir o sentido de que a “nossa civilização nunca esteve tão tomada pelo fenômeno religioso”, o fato é que “a religião nunca deixou de estar presente na vida dos seres humanos, de suas culturas, de suas crenças e lutas, seja em tempo de paz ou de guerra, em tempos de calma ou de revoluções”.

No que diz respeito ao cenário brasileiro, a questão religiosa tem assumido uma posição de grande relevância. O Brasil é, consensualmente, um país que se destaca pela religiosidade e pluralidade religiosa. Conforme Cruz (2004, p. 9) a “pluralidade e vitalidade religiosa” firmam-se, portanto, como um traço identitário da religiosidade brasileira. Entendemos que essa nuance é uma consequência do modo como se deu a formação do povo brasileiro. A sua condição inicial de *lugar* a ser explorado propiciou a sua constituição enquanto país que acolhe, em seus limites, diferentes etnias. O perfil religioso brasileiro reflete, pois, o *caldeirão* cultural por meio do qual ele foi e continua a se constituir enquanto nação. A heterogeneidade dos traços identitários que constituem a religiosidade brasileira tem sido um campo fértil para pesquisas, em diferentes campos do saber, por pesquisadores brasileiros e, também, estrangeiros, como é o caso de Roger Bastide; Marion Aubrée; François Laplantine, dentre outros.

A preocupação com a problemática da aceitação da pluralidade religiosa brasileira é uma temática que ganhou, em nossa época, uma grande importância. Uma prova atualíssima da movimentação contra a existência e permanência de grupos de

³ Para uma reflexão sobre a noção de sagrado ver *As formas elementares da vida religiosa*, de Émile Durkheim, São Paulo: PAULUS, 1989 e *o sagrado e o profano* de Mircea Eliade. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Para uma leitura deste objeto de discurso, na perspectiva de Eliade e, ainda, exemplos de aplicação deste princípio teórico ver Tò Thaumastón: O maravilhoso. Introdução do pensamento grego arcaico, de Fabrício Possebon, João Pessoa: Ed Universitária, 2008. Sobre uma leitura crítica acerca dessa noção ver *Mística e religiosidade: para além do “sagrado” e do “profano”*, do pesquisador sergipano Cícero Cunha Bezerra., *Religare – Revista de Ciências das Religiões* nº 5 (março 2009). João Pessoa: Editora da UFPB, 2009. V. 1

religiosos que pregam a intolerância religiosa, em nosso país, foi a criação recente do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa (21 de janeiro 2008). Este fato denuncia o quanto a Lei constitucional que garante a liberdade de Religião e culto permanece bastante atualizada. Entendemos que se os diferentes fundamentalismos religiosos persistem, é sinal que o respeito às minorias religiosas, ainda é uma utopia e, por este motivo, o exercício religioso necessita permanecer regulamentado por leis. A busca dos seres humanos por respostas para as anomalias da vida humana, as diferenças sociais, as mortes (prematuras ou não-prematuras), as desigualdades de aptidões, intelectuais e morais, ainda continua, portanto, constituindo-se em caminho que conduz a religiosidade.

Em meio às diferentes formas de religiosidades presentes na cultura brasileira, no cenário religioso da contemporaneidade, observamos como a doutrina religiosa Espírita constrói um lugar em meio a essa diversidade religiosa, enquanto religião que constrói um saber específico sobre o mundo, o homem e os porquês da sua existência nesse mundo. Procuramos mostrar como ela, (de)marca a sua posição, como um domínio de saber que construiu respostas para esses questionamentos.

Entendemos que a compreensão do modo como a doutrina está constituída nos subsidiou no processo de compreensão de como ela conceitua e vivênciava o fenômeno da comunicação com os “mortos”, objeto sobre o qual se move a nossa pesquisa. Tratamos de sua genealogia na França; de seu surgimento, legitimação e sedimentação em solo brasileiro e, ainda de seus fundamentos teóricos e funcionamento de suas práticas. São estas, portanto, as problemáticas que movem e justificam a construção desse capítulo.

No item a seguir analisaremos como se deu a emergência dessa doutrina, no cenário religioso francês, do século XIX. Para tanto, tomaremos, como referencial discursivo, a voz do autor Allan Kardec, no livro *Obras Póstumas*; uma vez que ele é o sujeito-autor responsável pela organização dessa formação religiosa. Entendemos que observar a emergência do Espiritismo⁴, sob o olhar de seu *fundador*, constitui um trajeto possível. Apresentaremos, também, traços biográficos de Allan Kardec e, ainda, a sua discursivização sobre a sua iniciação ao Espiritismo.

⁴ Sobre a história do movimento Espírita na Europa ver Conan Doyle: *Historia do Espiritismo*, 1995. Famoso pela Série Sherlock Holmes, o autor foi, conforme o prefaciador de História do Espiritismo, J. Herculano Pires, “um dos maiores e mais lúcidos escritores espíritas dos últimos tempos, em todo o mundo” (PIRES in Doyle, p. 7).

1.1 De Rivail a Kardec: ciência ou religião?

Conforme Foucault (2000a, p. 116), uma sequência de elementos linguísticos para que possa ser considerado um enunciado precisa ter “uma substância, um suporte, um lugar e uma data” e, ainda, “um ‘autor’ ou uma instância produtora” (idem, p.105). O conjunto de enunciados que emergiu legitimamente sob o nome de *O Livro dos Espíritos*, em dezoito de abril de mil oitocentos e cinqüenta sete, na França, funciona como marco da gênese do discurso espírita como doutrina que circula sob o nome de Espiritismo. A materialização e organização desse enunciado foram efetuadas pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail. A responsabilidade autoral sobre a sua circulação, todavia, está assegurada pela assinatura de Allan Kardec, pseudônimo selecionado por Rivail, com o objetivo de particularizar a sua produção discursiva, nesse campo.

O professor Rivail, sujeito *fundador* da doutrina Espírita, nasceu sob o signo da religião católica, mas foi educado em um país de protestante. Aos doze anos de idade, passou a morar em Yverdon na Suíça. Estudou no Instituto de Yverdon sob a direção do professor João Henrique Pestalozzi. Nesse ambiente, as circunstâncias o conduziram a conviver com alunos de múltiplas nacionalidades: americana, alemã, russa, italiana, espanhola e francesa. Essa situação levou-o, portanto, ao “compromisso obrigatório com a pluralidade de línguas, etnias, hábitos crenças e valores culturais”. Conforme Medina (1988, p.54) o cotidiano pluricultural e, ainda, o clima religioso conturbado, vivenciado pelo autor, marcou, singularmente, a sua formação religiosa. Naqueles dias, “ a Igreja Reformada e a Igreja Católica disputavam o espaço com um racionalismo reinante”; os alunos viviam envoltos nos embates político-religiosos promovidos por professores calvinistas que, “em nome da revificação da fé protestante passam a se opor a Pestalozzi (MEDINA, 1988, p.55)”. Pois, este, embora adepto da Igreja Reformada, “relativizava a importância atribuída à bíblia, assim como, não aceitava dogmas, particularmente, os do pecado original, da graça e da redenção” e, além do mais, orientava-se por meio de um racionalismo cristão e princípios éticos e morais que o impelia a tolerar a diferença de crença. Tais crises religiosas abalaram a instabilidade do Instituto. Desse modo, Rivail deixa Yverdon e passa a morar em Paris.

A primeira informação obtida por Rivail sobre a possibilidade da existência da produção de um discurso espírita veio em 1854, por meio de um amigo magnetizador⁵ de nome Fortier. Este lhe informou sobre a existência de uma propriedade magnética que funcionava magnetizando mesas, fazendo-as girar, movimentar-se aleatoriamente e, também, “falar”. Na época, essa prática, conhecida como sendo “o fenômeno das mesas girantes e falantes”⁶, invadiu os salões parisienses e “constituíram, durante algum tempo, um divertimento de salão, nas longas e frias noites de inverno” (Julio Abreu Filho, apud DOYLE, 1995, p. 15). Para o pedagogo, o fato, em parte, não lhe era estranho, pois já sabia que o fenômeno era perfeitamente possível. Nas palavras do autor: “o fluido magnético⁷, que é uma espécie de eletricidade, pode perfeitamente atuar sobre os corpos inertes e fazer que eles se movam”. (KARDEC, 1985, p. 265). Entretanto, quanto ao fato das mesas produzirem discurso, afirmou:

só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé. (KARDEC, 1985, p. 265) .

Um ano depois, Carlotti, um amigo do pesquisador⁸, explicou-lhe que as mesas “falantes” enunciavam pela intervenção dos Espíritos. Diz Rivail: “o Sr. Carlote (...) foi o primeiro a falar-me da intervenção dos Espíritos, e contou-me tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencerem, me aumentou (sic) as dúvidas” (KARDEC, 1985, p. 266). Cético, o pesquisador afirmou que o fato era totalmente

⁵ O magnetismo é uma espécie de energia que emana do universo e passa através de corpos animados e inanimados. No corpo humano essa força foi chamada de ‘magnetismo animal’. A teoria do ‘magnetismo animal’, também conhecida pelo nome de mesmerismo, foi desenvolvida por Franz Anton Mesmer. O magnetizador, no dizer de Mesmer é, portanto, aquele que utiliza a força magnética na cura de doenças. Conforme Zweig, biógrafo de Mesmer, o magnetizador produziu o “baquet”, conhecida como a tina das convulsões: um tanque de água onde “duas garrafas cheias de água magnetizada correm convergentes para uma barra provida de pontas condutoras móveis, das quais os pacientes podem aplicar algumas nas regiões doentes.” (ZWEIG, 1956. p.37) Ver a esse respeito Ubiratan Machado (1997), *Os intelectuais e o Espiritismo*, Niterói: publicações Lachâtre, 1996 e Zêus wantuil, *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB ([1958]1994).

⁷ Sobre o magnetismo ou Mesmerismo na França, consultar Cleusa Beralde Colombo, *Idéias Sociais Espíritas*. São Paulo/Salvador: Comenius e IDEBA, 1998 e Wantuil e Thiesen. *Allan Kardec v.I*. Rio de Janeiro: FEB, [1973]1999.

⁸ Utilizamos para Kardec o epíteto de pesquisador porque entendemos que, como pedagogo de profissão, sua prática de investigação se configurou como sendo uma pesquisa, embora ela não receba o status de pesquisa do tipo científica, autorizada por uma dada instituição acadêmica.

contrário às leis da natureza. A curiosidade, no entanto, levou-o, meses depois, a aceitar o convite de um senhor chamado Pâtier para observar o fenômeno das mesas girantes, na casa da amiga, Sra. Plainemaison. Vejamos o relato do autor:

Pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas idéias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades (...) qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo (KARDEC, 1985, p. 267).

No afã de compreender o fenômeno, Rivail assistiu reuniões, desta vez, na casa do Sr. Baudin. Deixemos que o próprio autor descreva como se dava o processo de produção discursiva escrita, atribuída aos Espíritos:

os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escrevia numa ardósia com o auxílio de uma cesta chamada carrapeta (...).Esse processo, que exige o concurso de duas pessoas, exclui toda possibilidade de intromissão das idéias do médium. Aí tive o ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até a perguntas mentais, que acusavam de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha. (KARDEC, 1985, p. 267)

Conforme Kardec, a confirmação de que os discursos produzidos partiam de Espíritos de “mortos” não foi propriamente uma *descoberta*, mas uma *revelação* dos próprios Espíritos. Explica o autor:

O ser misterioso que assim respondia,(...), declarou que era um Espírito ou Gênio, deu o seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito. Esta é uma circunstância muito importante a notar. Ninguém havia então pensado nos Espíritos como meio de explicar o fenômeno; foi o próprio fenômeno que revelou a palavra. Fazem-se hipóteses freqüentemente nas ciências exatas para se conseguir uma base ao raciocínio; mas neste caso não foi o que se deu (KARDEC, 2004b, p. 29).

Inicialmente, Rivail não possuía como objetivo produzir um arcabouço discursivo específico. O que movia seu interesse pela observação do fato era, apenas, a vontade de inteirar-se sobre o fenômeno. “Eu a princípio, cuidara apenas de instruir-me”, explicou o pesquisador (KARDEC, 1985, p. 269). Durante o processo de observação do fenômeno, buscava observar os problemas que lhe interessavam do ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível.

As reuniões assistidas, no entanto, foram determinantes para a sua decisão de tomar o fenômeno como objeto de estudo, explica: “foi nessas reuniões que comecei os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações do que de observações” (KARDEC, 1985, p. 267). Desconfiado da complexidade da investigação que decidiu empreender, o pesquisador relata que percebia os fenômenos como uma chave de leitura para a solução de questionamentos, sobre o passado e o futuro da humanidade, até então, sem explicações. O fenômeno constituía-se, na sua perspectiva, como uma revolução nas idéias e nas crenças que, naquele momento, circulavam como *verdades*.

Convicto da existência dos Espíritos, Rivail dá prosseguimento a pesquisa de campo, centrando sua atenção na compreensão dos discursos dos enunciadores: a *comunidade* de falantes constituída de habitantes do mundo espiritual. Na plêiade de enunciadores-informantes estavam nomes de Espíritos veneráveis, de campos discursivos heterogêneos como: “São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luiz, o Espírito da Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Frankklin, Swedenborg, etc.” (KARDEC, 2004b, p. 54). Durante a pesquisa, manteve, com seus entrevistados, um *diálogo* em dias, horários e locais previamente estabelecidos, na casa da família Baudin. O objetivo principal do estudioso era, portanto, conhecer a vivência dos enunciadores dessa comunidade.

Na posição de pesquisador Kardec (2007a, p. 268) estava ciente de que os fenômenos a que se propunha investigar não podiam ser explicados por leis já conhecidas. Desse modo adotou o método experimental, o mesmo utilizado pelas ciências positivas. Vejamos o seu relato justificando a metodologia de sua pesquisa:

apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas, observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por

dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos” (...). Observar, comparar e julgar, essa a regra que constantemente segui” (KARDEC, 1985, p.268-269).

A natureza da pesquisa exigiu-lhe que se posicionasse, ao mesmo tempo, como observador e participante direto, na interação com os enunciadores informantes.

Compôs o corpus de análise todas as perguntas elaboradas por Rivail, as respectivas respostas produzidas pelos Espíritos e, ainda, conforme Henri Sausse (apud KARDEC, 2006, p. 19), autor da biografia de Allan Kardec inserida no livro *O que é o Espiritismo*, cinquenta cadernos de comunicações diversas entregues ao investigador. Este material foi o resultado de cinco anos de estudos informais sobre o fenômeno, realizada pelo grupo formado pelo Srs. Carlotti, René Taillandier, membro da academia de ciências, Tiedeman-Manthèse, Sardou, pai e filho e Didier, editor. Segundo informações do biógrafo, o grupo não conseguia por em ordem o resultado dos trabalhos, por este motivo pediu ao prof. Rivail para se incumbir da tarefa.

O trabalho de organizar o material e dar continuidade ao estudo era, porém, uma tarefa árdua. O autor (KARDEC, 1985, p. 277-283), envolvido com outros trabalhos, pensou em desistir da tarefa. No entanto, três comunicações produzidas por diferentes informantes espirituais, cuja temática central versava sobre a sua missão de divulgador das idéias espíritas, fez-lhe mudar de comportamento. A primeira, anônima, aconteceu no dia 30 de abril de 1856, em uma sessão íntima com sete ou oito pessoas, na casa do Sr. Roustain, através da mediunidade da Srta Japhet. A segunda, de um Espírito identificado como Hahnemann, ocorreu no dia 07 de maio de 1856, por intermédio da médium citada. Nesta, Rivail pediu ao Espírito uma confirmação sobre a sua missão. Vejamos a resposta: “se observares as tuas aspirações e tendências e o objeto quase constante das tuas meditações, não te surpreenderás com o que foi dito” (KARDEC, 1985, p. 278). A terceira deu-se no dia 12 de junho de 1856, na casa do “Sr. C...”, através da médium Srta. “Aline C...”. À pergunta de Kardec sobre sua posição de missionário, o Espírito de nome *Verdade*, responde:

Confirmo o que te foi dito, mas recomendo-te muita descrição, se quiseres sair-te bem. (...) Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Neste

último caso, outro substituiria, porquanto os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um único homem. (...) Ela somente pode justificar-se pela obra realizada e tu ainda nada fizeste. (...) A *missão de reformadores* é preche de escolhos e perigos. Previno-te que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. (...) terá de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício do teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso viverias muito mais tempo. (...) Exigem-se, por fim, devotamento, abnegação e disposição a todos os sacrifícios. (KARDEC 1985, p. 282-283). [grifos nossos].

Os discursos desses três Espíritos foram fundamentais para que Kardec desse continuidade a sua tarefa de observar e organizar o discurso dos Espíritos. O momento oficial de sua decisão foi marcado, entretanto, pelo terceiro diálogo, cujo Espírito enunciador se autoneomeou o seu guia espiritual. Vejamos o que Kardec enunciou: “Espírito Verdade, agradeço os teus sábios conselhos. Aceito tudo, sem restrição e sem idéia pré-concebida”. Logo em seguida, o missionário mantém relação com a divindade por meio de um enunciado em formato de oração, gênero discursivo próprio do campo religioso, usualmente utilizado para fins de manter uma relação com o sagrado, seja para suplicar vontades ou agradecer por desejos realizados:

Senhor! Pois que te dignaste lançar os olhos sobre mim para cumprimento dos teus desígnios, faça-se a tua vontade! Está nas tuas mãos a minha vida; dispõe do teu servo. Reconheço a minha fraqueza diante de tão grande tarefa; a minha boa-vontade não desfalecerá, as forças, porém, talvez me traiam. Supre à minha deficiência; dá-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampara-me nos momentos difíceis e, com o teu auxílio e dos teus celestes mensageiros, tudo envidarei para corresponder aos teus desígnios. (KARDEC, 1985, p. 283).

Após a análise comparativa dos enunciados produzidos pelos Espíritos reveladores de sua missão, Rivail sentiu-se seguro para aceitar assumir a nova posição de reformador que, segundo relatou, foi-lhe *anunciada e não escolhida*. Essa imagem de *o escolhido*, construída pelos Espíritos informantes, é um dado que sinaliza uma influência fundamental na sua decisão de assumir oficialmente a identidade de

missionário Espírita⁹. Portanto, as três comunicações, produzidas por diferentes enunciadorees, em lugares e tempos distintos, funcionaram como o marco da adesão de Rivail a idéia de que seria o compilador das idéias dos Espíritos.

A aceitação da posição de missionário por Rivail configurou-se como um processo lento, regado por momentos de investigação e reflexão. Como vimos, o pesquisador participou de inúmeros contatos com Espíritos, antes de oficializar a sua posição de missionário. Este comportamento justifica-se, também, devido à posição de cético que decidiu assumir diante dos fenômenos que então se apresentavam.

Depois desses contatos, Sausse esclarece que o pesquisador

lançou-se à obra: tomou os cadernos, anotou-os com cuidado. Após atenta leitura, suprimiu as repetições e pôs na respectiva ordem cada ditado, cada relatório da sessão; assinalou as lacunas a preencher. As obscuridades a aclarar; e preparou as perguntas necessárias a continuidade do trabalho. (SAUSSE in Kardec, 2006, p. 20).

Em prosseguimento a coleta dos discursos que constituiu o corpus de análise, Kardec continuou a utilizar, portanto, o método da entrevista. Para tanto, elaborou previamente um roteiro de perguntas, metodicamente dispostas: um questionário-guia de entrevista sobre cada objeto a ser tratado. Entretanto, diferente da prática convencional, conversou com seus informantes, como vimos, por meio da mediação de terceiros: o médium. Os questionamentos foram respondidos, conforme o pesquisador, com precisão, profundidade e lógica. Os principais médiuns receptores desse processo foram as irmãs Caroline e Julie Baudin.

Durante a pesquisa, Kardec (1985, p. 268) afirma que manteve com o seu objeto de estudo, *os seres do mundo invisível*, uma relação pautada nos relacionamentos convencionais. Considerava que eles, como almas humanas sobreviventes, “não possuíam nem a plena sabedoria nem a ciência integral” e, ainda, que o saber que detinham era proporcional ao grau de adiantamento que possuíam, até o momento. Desse modo, seja qual fosse o grau de instrução, os Espíritos funcionavam como meio de informa-lhe e não como *reveladores predestinados*. Para o autor o pensamento

⁹ Sobre a organização das *verdades* do Espiritismo, por Allan Kardec, ver o livro *Obras póstumas*, publicado, em primeira edição, em 1890, após sua morte.

deles, portanto, só tinha valor, enquanto opinião pessoal. Kardec explica que a identificação dessa *verdade* o preservou da vontade de acreditar na idéia de infabilidade dos Espíritos e o impediu de formular teorias prematuras. Para ele, a grande descoberta foi que cada Espírito, em virtude do fato de pertencerem a posições discursivas diferentes, podia apresentar diferentes faces do mundo novo que se desnudava a sua frente. Diz ele: “cada Espírito, em virtude de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes seus de todas as classes” (KARDEC, p. 269). Uma vez constituído o corpus discursivo, Kardec dá prosseguimento a análise dos discursos.

A análise do corpus selecionado foi produzida por meio de um procedimento criado pelo próprio Kardec: o Controle Universal do Ensino dos Espíritos, consagrado, posteriormente, como o método kardequiano utilizado para a seleção dos objetos discursivos e dos enunciados que são introduzidos no corpo da doutrina. Conforme esse processo, um enunciado só podia fazer parte do discurso espírita, se houvesse concordância entre os demais enunciados formulados por diferentes Espíritos, sobre um mesmo objeto, em diferentes lugares e momentos e, ainda, sob dadas circunstâncias. Por exemplo, a iniciativa individual e solitária de um médium que interroga inúmeros Espíritos sobre questões duvidosas, explica, não é prática segura. Para a construção do conjunto de temas que compõem a doutrina Espírita, o pesquisador comparou enunciados advindos de “um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em diversos lugares” (KARDEC, 2000, p. 21). Para selecionar os enunciados que fariam parte daquele conjunto de idéias, em meio à grande dispersão de enunciados que circundavam, em torno daquele processo discursivo, optou, portanto, pelo recurso da observação das regularidades discursivas.

Uma vez formado, em meio aos “documentos colhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e comparados uns aos outros” (KARDEC, 1985, p. 269), o conjunto dos discursos selecionados por Kardec, antes de tornar-se público, passou por um processo de revisão. A pedido dos Espíritos responsáveis pelo tratamento dos objetos discursivos, foi revisto, em sessão mediúnica particular, com a cooperação da médium Ruth Celine. Logo depois, insatisfeito com algumas questões duvidosas, colocou novamente o texto para ser analisados por outros Espíritos, com a colaboração de um número de mais de dez diferentes médiuns. Após concluir a revisão do texto foi

então que lhe veio “a idéia de publicar os ensinamentos recebidos, para a instrução de toda gente” (KARDEC, 1985, p. 270-271). Foi, portanto, “da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação” que o pesquisador (KARDEC, 1985, p. 269) afirma ter elaborado e, publicado, a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*.

Kardec designou o conjunto de enunciados com o nome de doutrina Espírita ou Espiritismo e, seus adeptos, com as palavras espíritas ou espiritistas. Este, inicialmente, bastante utilizado, teve seu uso apagado pelo primeiro que circula, até os dias atuais. Conforme Kardec, antes da revelação desse conjunto de *verdades*, não existia a palavra Espiritismo nem espíritas, ambas foram criadas para nomear a *nova* doutrina e os seus adeptos. O *autor* defendeu a tese de que “para coisas novas necessitamos de palavras novas, pois assim o exige a clareza de linguagem, para evitarmos a confusão inerente aos múltiplos sentidos dos vocábulos” (KARDEC, 2006, p. 24). Kardec justifica a criação dos neologismos, com os seguintes argumentos:

se adotei os termos *espírita*, *espiritismo*, é porque eles exprimem, sem equívocos as idéias relativas aos espíritos. Todo espírita é necessariamente *espiritualista*, mas nem todos os *espiritualistas* são espíritas. (...) Esses termos estão hoje incluídos na língua usual e em todas as línguas da Europa (...). Eles ocupam os vértices da coluna da nomenclatura da nova ciência; para exprimir os termos especiais dessa ciência, tínhamos necessidade de termos especiais (KARDEC, 2006, p. 74-75).

Kardec produziu a inserção do Espiritismo, no contexto religioso da modernidade, atribuindo-o, como referencial enunciativo, o campo discursivo espiritualista. Este, segundo o autor, é o oposto do materialismo: qualquer pessoa que “acredite haver alguma coisa em si além da matéria, é espiritualista”. O Espiritismo emergiu, portanto, como sendo a fase mais recente do espiritualismo que trata, especificamente, sobre as relações do “mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível” (KARDEC, 2004b, p.24p.24). Na voz do autor: “todas as religiões são necessariamente fundadas sobre o espiritualismo” (KARDEC, 2006, p. 74-75).

Conforme Kardec (2004b, p. 24), apesar de estar filiado ao campo discursivo espiritualista, o uso de termos como espiritual, espiritualista e espiritualismo, para o campo enunciativo emergente, era inconveniente, pois, estes já possuíam acepções

cristalizadas. Além do mais, ser espiritualista não significava ser espírita, uma vez que, para os espíritas a crença na “existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível” são *verdades* basilares. Essa preocupação parece antecipar uma problemática que, modernamente, ocupa a mente de pesquisadores nessa área de conhecimento: delimitar o lugar de outras denominações religiosas que, como o Espiritismo, acolhe como princípios teóricos básicos a permanência da personalidade após a morte física e o fundamento da comunicabilidade inata do Espírito.

Como objeto de estudo científico, no campo das ciências humanas, o Espiritismo faz parte, juntamente com a Umbanda e as religiões de tradição *afro-brasileira*, de um conjunto de experiências religiosas consolidadas, no meio acadêmico, como pertencendo ao quadro das religiões mediúnicas (Bastide, 1985; Camargo 1961, 1963; Cavalcanti 1983; Ortiz, 1978). Essas religiões têm em comum, conforme Cavalcanti (1983, p.137) o fato de vivenciarem, de forma singularizada, a crença na existência dos espíritos e na possibilidade de comunicação entre homens e espíritos, por meio da mediunidade. A similitude no modo de experimentar essa prática produziu, no entanto, circunstâncias para que leigos e, também, estudiosos, visualizassem a existência de vários “espiritismos”. Em contrapartida surgiu, também, a necessidade de se demarcar, seja por parte dos estudiosos, seja por parte dos adeptos do Espiritismo, o lugar da doutrina Espírita, no cenário religioso da modernidade. Assim, sugeriram os enunciados Espiritismo Kardecista ou Espiritismo de Kardec. Uma estratégia discursiva com tripla função: sinalizar a existência de *outros* espiritismos; atribuir a constituição da autoria da doutrina Espírita a Allan Kardec e, ainda, demarcar um lugar para a doutrina. Conforme a antropóloga Flávia Ferreira Pires, estudiosos que trabalham com a questão da identidade religiosa brasileira, a exemplo de Bernardo Lewgoy, consideram que o contato com os mortos faz parte da “forma de ser religioso do brasileiro” (PIRES, 2010, p.1). Entendemos que os discursos são construídos a partir dos inúmeros lugares do dizer, por isso, como efeito, temos as diversidades dos sentidos construídos sobre um mesmo objeto. Desse modo, concordamos com a pesquisadora quando afirma que “a relação vivos-mortos “pode ser pensada para fora do Kardescismo – no cristianismo, no catolicismo, etc., em todas as religiões há formas de classificar os mortos” (PIRES, 2010, p.1).

No interior do campo discursivo Espírita o uso desses enunciados, porém, tem causado certo conflito de opiniões, entre os adeptos. Alguns acreditam que seu uso seja

necessário para demarcar a sua singularidade diante desses “Espiritismos”. Outros pensam que usar esses enunciados é admitir a existência desses *outros*, quando na verdade só existe um Espiritismo: aquele organizado por Allan Kardec. Vejamos como Kardec responde a essa questão:

O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus. Mas não está personificado em ninguém, porque ele é o produto do ensinamento dado, não por um homem, mas pelos Espíritos que são *as vozes do céu* em todas as partes da terra e por inumerável multidão de intermediários (KARDEC, 2000, p.42).

Para o pesquisador, o equívoco na compreensão dessa questão está na crença de que o Espiritismo surgiu de fonte única e, que toma como base a opinião de um só indivíduo. Qualquer pessoa, em qualquer lugar e circunstâncias pode receber comunicações e constatar os princípios da doutrina, explica Kardec. Isto porque a fonte do Espiritismo não se encontra vinculada a um único ponto, mas “em toda parte, porque não há lugar em que os Espíritos se não possam manifestar, em todos os países, nos palácios e nas choupanas” (KARDEC, 2006, p. 81).

A discursivização dos objetos sobre os quais falam o campo discursivo Espírita foi materializado por meio de elementos lingüísticos escrito, formatado em um gênero discursivo¹⁰ complexo, no dizer de Bakhtin (2000, p. 281), que poderia ser nomeado de tratado, uma vez que versa, como veremos adiante, acerca de informações resultantes de um processo de pesquisa desenvolvida sobre a ciência que rege o mundo espiritual. Enquanto gênero complexo, este tratado se apresenta constituído pelo entrelaçamento de outros gêneros, no caso, as entrevistas com os Espíritos, os comentários de Allan Kardec e, as suas notas explicativas. Sob o nome de *O livro dos Espíritos*, esse conjunto de enunciados foi posto em circulação no suporte de texto¹¹, convencionalmente, chamado de livro. Desse modo, sob a voz dos Espíritos e a assinatura de Allan Kardec, instituiu-se oficialmente o Espiritismo, em solo francês. O Espiritismo emerge, sob a

¹⁰ Sobre a questão dos gêneros discursivos ver o livro *Estética da criação verbal* (2000) de Mikhail Bakhtin.

¹¹ Por suporte de texto, entendemos o elemento material sobre o qual se procede o registro do enunciado. Como exemplo de suporte textual, podemos citar desde os mais convencionais como o livro, a revista, os outdoors, até o incidental: o próprio corpo humano, no caso, por exemplo, das tatuagens. Sobre essa temática ver *A questão dos suportes dos Gêneros Textuais*, de Luiz Antônio Marcushi. UFPE/CNPq. 2003.

perspectiva da mediunidade e circula, pois, com o estatuto, definido por Kardec, de um conjunto de discurso que se singulariza por funcionar, simultaneamente, como um discurso científico: trata da ciência que rege o mundo dos Espíritos; filosófico: é uma resposta as questões da existência humana; e religioso: toma como referencial discursivo a moral Cristã.

A partir do conteúdo de O livro dos Espíritos, considerado o arcabouço da doutrina, são reorganizados e ampliados os conjuntos de discursos que constituíram, posteriormente, os cinco livros que formam a Codificação Espírita: *O Livro dos Médiuns* (1861) versa sobre a parte experimental do Espiritismo, considerada como científica. Nele são investigados os fenômenos espíritas ou mediúnicos; *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864): retoma os Evangelhos para fundamentar temas doutrinários espíritas; *o Céu e o Inferno* (1865): discorre sobre as penas e os gozos terrenos e futuros, analisando, dentre outros, os dogmas das penas eternas, da ressurreição da carne, do paraíso, do inferno e do purgatório e, por fim, *a Gênese* (1868): retoma temas como a origem do Universo, da terra e do homem e os analisa na ótica da doutrina espírita. Conforme Kardec, todos esses textos foram produzidos, revisados e ampliados, nas suas sucessivas edições, sob a orientação dos Espíritos responsáveis pela transmissão dos temas a serem veiculados pela doutrina. Além destes, outros textos complementares foram editados por Kardec: *O que é o Espiritismo e Obras Póstumas*.

Com a publicação de O livro dos Espíritos, portanto, sai de cena Hippolyte Leon Denizard Rivail, entra Allan Kardec. Conforme informa Henri Sausse, em nota biográfica inserida no livro de Allan Kardec *O que é o Espiritismo*, a escolha desse nome deu-se por ocasião de uma comunicação do seu Espírito protetor na qual informou tê-lo conhecido por Allan Kardec, “em uma precedente existência, quando, ao tempo dos Druidas, viviam juntos nas Gálias” (KARDEC, 2006, p. 19). A assunção desse nome, portanto, marca oficialmente sua posição de “fundador” da doutrina.

A análise de dados biográficos de Kardec permite inferir que sua adesão às idéias dos Espíritos representa uma mudança de posição social e discursiva, portanto, uma ruptura, não somente no campo do discurso religioso de origem, no caso, o católico, como no campo biográfico do autor. Assumida a posição de missionário

Espírita¹² ele passa, conseqüentemente, a ocupar o lugar daquele que assina e, portanto, se responsabiliza pelos textos publicados nesse novo lugar do dizer. No entanto, atribui a autoria das idéias Espíritas ao conjunto de Espíritos colaboradores.

Conforme o pesquisador em Ciências das Religiões Eduardo R. Cruz (2004), do ponto de vista antropológico, modernamente, a questão da hipótese da revelação divina como justificativa para a emergência de uma religião¹³ foi gradualmente excluída. Afirma que uma grande parte das teorias religiosas produzidas relaciona o surgimento das religiões à causas naturais “seja no âmbito da natureza animal do homem, seja em virtude de interesses e ações, conscientes ou inconscientes, dos seres humanos enquanto agentes de vontades” (CRUZ, 2004, p. 28). O autor explica que os pesquisadores preferem atribuir à ‘origem’ da religião, traços constitutivos do ser humano como o medo, o desejo e, também, o ritual, definido pelo autor como sendo uma necessidade inconsciente, enraizada em nosso passado animal, de movimentos repetitivos, danças, cantos e súplica, que tem seu significado amplificado quando se conectam a um mundo invisível” (CRUZ, p. 29).

A doutrina Espírita emergiu como resultado de uma investigação, uma pesquisa, realizada por Kardec nos moldes do fazer científico positivista da época. A observação do discurso dos informantes permitiu a Kardec a organização de um conjunto de saberes que ele denominou de ciência espírita: tratava-se de informações sobre um conjunto de leis que regem o funcionamento da vida após a morte. O grande mérito de Kardec foi provocar um deslocamento na ordem do discurso religioso e científico. Kardec defendeu a idéia de que o conjunto dos discursos dos Espíritos constitui uma ciência que trata do universo espiritual e suas relações o mundo físico. No entanto, a atribuição do estatuto de ciência para esse discurso é negado pelos cientistas da academia. Isto porque Kardec estava (e, ainda, continua) fora da ordem do discurso científico vigente:

¹² Ver acerca da constituição do Espiritismo, o relato autobiográfico do seu *fundador* Allan Kardec, inserido na segunda parte do livro *Obras póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, [1944] 1985.

¹³ Sobre a discussão acerca das questões básicas a cerca do que seja um fenômeno religioso, ver o livro: *A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza*, São Paulo, UNESP, 2004, do pesquisador, em Ciências da Religião, Eduardo Rodrigues da Cruz. Nele o autor aborda, também, a pluralidade e tolerância religiosas, a separação Igreja-Estado, o ensino religioso no país e a compreensão moderna de religião como forma de cultura, dentre outras temáticas.

ele afirma produzir e fazer circular um discurso ao qual atribui um valor de verdade científica, respondendo por um lugar de fala do campo religioso.

Ciência ou religião? Entendemos que Kardec, resistindo a essas relações de saber/poder instituídas, produz um jogo de verdades cujas regras permitiram-lhe não transformar um discurso religioso em científico, mas atribuir a um discurso, simultaneamente, um estatuto de cientificidade e religiosidade. Em um contexto onde o campo científico é o legítimo produtor de verdade, ele defende que o Espiritismo é ciência e religião, na medida que, enquanto ciência, se constitui como um conjunto de saberes que “revela” leis que regem o Universo espiritual; leis estas que conforme Kardec, são “tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres”; como religião, se institui como um lugar do dizer que produz discursos específicos sobre as relações do homem com o mundo espiritual e com a divindade a partir do ideário cristã. Diz Kardec: “uma vez constatada pela experiência essas relações, nova luz se fez: a fé se dirigiu à razão; esta nada encontrou de ilógico na fé e o materialismo foi vencido” (KARDEC, 2000, p. 43).

No item seguinte, produziremos uma breve leitura de como se deu a emergência da doutrina Espírita, desta vez, em solo brasileiro. Para tanto, tomemos como foco os dois primeiros grupos kardecistas constituídos no Brasil.

1.2. Espiritismo: uma genealogia à brasileira

Conforme Machado¹⁴ (1997), concomitante com a França, o Brasil também vivenciou o fenômeno das mesas girantes e falantes, gênese do Espiritismo francês. No entanto, a popularização desse fenômeno só veio com a divulgação pela imprensa, em todo o país. O Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, em 1853, noticiou o fenômeno, em primeira mão. Afirma o autor (1997, p. 51), “com o mesmo caráter epidêmico com que grassava na Europa, o fenômeno foi praticado em todo Brasil durante o ano de 53”.

¹⁴ Para um aprofundamento de como se deu a emergência do Espiritismo francês no Brasil, tomamos como referencial básico a discursivização de Ubiratan Machado, em seu texto *Os intelectuais e o Espiritismo*, publicado em 1997. Neste livro, ao produzir uma leitura de como certos intelectuais brasileiros se comportaram diante dos primeiros sinais de emergência do Espiritismo, em terras brasileiras, o autor traça, simultaneamente, um panorama histórico de como essa doutrina foi sendo introduzida no Brasil, a partir de 1850 até 1910.

Assim como na Europa, a causa da origem do fenômeno foi atribuída ao magnetismo animal, fenômeno, também, bastante presente no Brasil.

Ao longo das experiências, entretanto, a semelhança do que ocorria na Europa, foi atribuída à origem do fenômeno uma segunda causa: a influência dos espíritos. Segundo Machado (1997, p. 55) os cearenses foram os primeiros a considerar oficialmente esse aspecto. Desse modo, foi por intermédio da imprensa cearense, em 1854, que o Brasil tomou conhecimento do que seja um médium. Por esse motivo, ficaram conhecidos como os precursores do espiritismo no Brasil.

Todo esse movimento introdutório do fenômeno da mediunidade no Brasil leva Machado (1997, p. 54) a concluir que a mediunidade que, naquela época, ia tomando forma pelas mãos kardequiana, já fazia parte do “cotidiano mágico do homem brasileiro”. Fato sinalizador de que o Espiritismo surgia no Brasil em sincronia com a França.

Em 1860, o educador francês Casimir Lieutaud, radicado na corte brasileira, inaugurou a divulgação da doutrina por meio do primeiro livro espírita lançado no Brasil: *Les temps sont arrivés*. Sobre esse fato comenta Machado: “nosso espiritismo, pois, como tantos outros fatos da história brasileira, nascia falando francês” (Machado, 1997, p. 65). Figuras como Casimir Lieutaud, Adolphe Hubert, Morim e a médium psicógrafa madame Perret Collard, todos pertencentes à colônia francesa, garantiram, na corte, a introdução do espiritismo à francesa, no Brasil¹⁵.

Quase um privilégio da colônia francesa instalada no Brasil, o Espiritismo, no entanto, eclode em Salvador com a fundação do Grupo Familiar do Espiritismo, em 1865, o primeiro centro kardecista conhecido pelo público brasileiro, dirigido por Luis Olímpio Teles de Menezes. Desse momento em diante, a Bahia passa a liderar o movimento Espírita no Brasil, transformando-se em foco de irradiação da doutrina. Porém, as obras de Kardec, discutidas à brasileira, ainda eram lidas em francês. Na voz de Machado: “ali, o Espiritismo brasileiro começava a se constituir como doutrina, com postulados teóricos, experiências práticas, uma crescente literatura de divulgação e de pesquisa.” (MACHADO, 1997, p. 79). Esse grupo também é o responsável pelo

¹⁵ Sobre a introdução da doutrina Espírita no Brasil consultar, também, *Sylvia Damázio, Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro* e Jaqueline Stoll, *Espiritismo à brasileira*.

lançamento do primeiro jornal espírita brasileiro, *O Eco d' Além-túmulo*, em julho de 1869.

Em 1867, surge, em português, a primeira exposição sobre a doutrina Espírita: um folheto intitulado *O espiritismo: carta ao excelentíssimo e reverendíssimo senhor arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim da Silveira*, assinado pelo jornalista Luiz Olímpio. Tratava-se de uma resposta a uma Pastoral, redigida pelo arcebispo Manuel Joaquim da Silveira, em nome da Igreja católica. Na pastoral, o arcebispo alertava os fiéis sobre as doutrinas perniciosas divulgadas pelo Espiritismo francês. Esse documento, além de constituir-se em marco da primeira publicação sobre o Espiritismo, em língua portuguesa, no Brasil, funciona, também, como marco da instauração do movimento de intolerância religiosa católica produzida sobre o espiritismo. Conforme Machado (1997, p. 91) essa prática, inaugurada no Brasil, já vinha sendo fartamente empregada “pelo clero europeu em seu combate a Kardec”. Afirma que ao clero “nenhuma arma lhe pareceu mais eficiente que antepor às teorias Kardecistas os dogmas da Igreja, tal como se procedia na Europa”.

Em agosto de 1871, a negação do presidente interino, o vice-governador da Bahia Francisco José da Rocha, do pedido de aprovação de funcionamento da Sociedade Espírita brasileira na Bahia, enfraquece o movimento baiano. O movimento espírita ganha novamente força no Rio de Janeiro, a capital política do Império.

Nesse mesmo ano, o republicano Otaviano Hudson, espírita declarado, publica no jornal *A República*, o poema *Espiritismo*. Este foi considerado, conforme Machado (1997, p. 113), “a segunda profissão de fé poética na nova doutrina”. A concretização do fortalecimento do movimento espírita no Rio de Janeiro vem com a fundação, em 1873, da primeira sociedade kardecista oficial da Corte, a Sociedade de Estudos Espíritos Grupo Confúcio, ou, simplesmente, o Grupo Confúcio, presidido por Antônio da Silva Neto e Francisco Leite de Bittencourt Sampaio. Posteriormente, em 1876, esse mesmo grupo transforma-se em *Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade*, sob a orientação de Bittencourt Sampaio.

A importância desses grupos, fundadores oficiais do Espiritismo brasileiro¹⁶, no processo de instalação da doutrina no Brasil é inegável. A partir deles, a doutrina

¹⁶ Outros detalhes sobre os momentos iniciais da emergência do espiritismo no Brasil ver o livro *O atalho: análise crítica do movimento espírita no Brasil* (1993), autoria do jornalista Luciano dos Anjos e o livro *Grandes Espíritos do Brasil* (1969), assinado

começa a dar início à demarcação do lugar que, segundo Stoll (2003, p. 51), ela tenta assegurar, no cenário religioso brasileiro da “pós-modernidade”: “figurar como a terceira opção religiosa do país”, lugar ocupado “desde 1940”, conforme “dados dos Censos Demográficos”. Continua a autora, “antes disso, não há informação a respeito”.

Conforme afirmamos no item 1.2, Kardec apresentou o Espiritismo como sendo, ao mesmo tempo, uma ciência, uma filosofia e uma religião. A sua introdução no Brasil está marcada, conforme pesquisadores como Bastide, Camargo, Aubrée, Laplantine, Stoll, Giumbelli, dentre outros, pela característica religiosa que assumiu em terras brasileiras em detrimento do aspecto científico que singularizou sua emergência e seu exercício na França. Conforme Giumbelli (1995, p. 20) “as especificidades do Espiritismo brasileiro é tratada por muitos autores basicamente a partir desse ponto, em uma explícita ou implícita contraposição a sua formulação inicial na França”.

Enquanto campo que se coloca “pleno de silêncios e questões de pesquisa” (Lewgoy, 2004, p. 19), concordamos com Pires (2010, p.2) quando levanta a questão de que “a reprodução do discurso científico também se faz presente no Brasil – com a presença de médicos, por exemplo, entre seus adeptos”. Entendemos que emerge aqui uma nova questão de pesquisa que pode partir do princípio de que o aspecto científico, considerado como traço do espiritismo francês, não deixou de se fazer presente no traslado do Espiritismo para o Brasil. Para tanto, notamos que o primeiro presidente do Federação Espírita no Brasil (FEB), Francisco Raimundo Ewerthon Quadros, foi o doutor em engenharia e marechal do exército e, o segundo, Bezerra de Menezes foi médico e, atualmente, como mostraremos no subitem 1.8, o Movimento Espírita Brasileiro conta com a adesão instituições especializadas, de âmbito nacional, associadas à FEB; constituídas de profissionais, do campo científico, que atuam desenvolvendo atividades profissionais específicas no campo da assistência e promoção social e de divulgação da doutrina.

Direcionemos nossa atenção ao item seguinte. Lá discorreremos sobre a legitimação do Espiritismo em terras brasileiras, no período de 1890 a 1950, tendo como foco central o papel da Federação Espírita Brasileira nesse processo.

1.3 Pelos caminhos da FEB: a trajetória de uma legitimação

Conforme o antropólogo brasileiro Emerson Alessandro Giumbelli¹⁷, a Federação Espírita Brasileira - FEB assumiu papel relevante no processo de legitimação do Espiritismo brasileiro e da redefinição e sedimentação de práticas Espíritas, durante o período decorrido entre a sua fundação, janeiro de 1884, e o ano de 1950.

Inspirado no método arque-genealógico de Foucault, o autor analisa a atuação da FEB em processos movidos pela justiça contra adeptos das práticas Espíritas. Informa que nesse período, muitos adeptos e, também a própria instituição, foram alvos de ações repressivas, acionadas por funcionários estatais. Estes estavam oficialmente respaldados pelo Código Penal de 1890 que institui a criminalização das práticas Espíritas com fins curandeirísticos¹⁸.

O pesquisador explica que, inicialmente responsável pela atividade de divulgação da doutrina contidas em *O livro dos Espíritos* e pela orientação e unificação dos adeptos em torno dos fundamentos doutrinários, a FEB, impulsionada pelo contexto repressivo vigente, assumiu “diante do conjunto dos grupos e dos adeptos Espíritas do Rio de Janeiro e mesmo do Brasil” duplo papel: o de “orientá-los doutrinariamente e representá-los institucionalmente“ (GIUMBELLI, 1997 p. 40). Para o pesquisador, com a assunção dessa posição, a FEB não só demarcou o seu lugar enquanto defensora das causas doutrinárias, como garantiu, assim, “a continuidade de suas práticas e a legitimidade de seu discurso”. (GIUMBELLI, 1997, p. 40).

Sobre essa problemática encontramos, também, ecos na voz de Schubert¹⁹

¹⁷ Na sua dissertação de mestrado (1995), publicada em livro com o título *O cuidado dos mortos. Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, Giumbelli analisa, dentre outros temas, o papel da FEB nesse processo de legitimação.

¹⁸ Sobre a questão da repressão às religiões mediúnicas ver Yvonne Maggie, *Medo de feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992. A antropóloga é, também, autora do livro *Guerra de orixá: um estudo do ritual e conflito*, Rio de Janeiro: Zahar.

¹⁹ No livro *Testemunhos de Chico Xavier*, Rio de Janeiro:FEB, 1998, Suely Caldas Schubert analisa trechos de cartas enviadas por Chico Xavier, em vinte um anos de intercâmbio, ao então presidente da Federação, Wantuil de Freitas e, discorre, também, acerca do papel da FEB na legitimação da doutrina durante os anos de 1937 a 1945.

(1986). A autora analisa trecho da carta que Francisco Cândido Xavier²⁰ envia ao presidente da FEB, em abril de 1945 cuja temática é a vigência dos artigos 282 e 284 do Código penal Brasileiro, os quais atingia a prática a mediunidade curadora. Nela, a autora relata que Chico cumprimenta a ação do então presidente em defesa da FEB, no que diz respeito a fazer cessar as restrições impostas ao funcionamento das práticas Espíritas. Diz Chico Xavier:

(...) Meus parabéns pelo trabalho que foi efetuado, junto à Chefatura de Polícia. Hoje, os jornais, aqui em Minas, já noticiaram a decisão administrativa de fazer cessar as restrições contra as nossas atividades religiosas. A notícia me alegrou muito e felicito-te pela medida. (XAVIER, in SCHUBERT, 1986, p. 49).

Conforme a autora, as atividades da FEB, naqueles dias, foram intensas. A instituição, sob a presidência de Wantuil, manteve atitudes “arrojadas e decisivas, defendendo a Doutrina numa “época em que era preciso lutar até mesmo pelo direito de ser espírita. Pelo direito de ir ao Centro. Pelo direito de ver a doutrina Espírita reconhecida e respeitada como religião” (SCHUBERT, 1986, p. 57).

Sobre essa temática laçamos mão, também, do discurso do jornalista Luciano dos Anjos²¹ (1995). O escritor espírita defende o papel preponderante da FEB em defesa da sedimentação da doutrina, por meio de relatos de atividades efetuadas pela instituição, naqueles dias. Dentre elas, o autor faz referências a movimentação da FEB em defesa do processo que a família do escritor Humberto de Campos move contra essa instituição e Francisco Candido Xavier, em 1944. O autor defende a idéia de que a brilhante defesa da FEB assegurou “à Casa de Ismael (FEB) belíssima vitória que, em última análise, era a vitória da própria doutrina!” (ANJOS, 1995, p. 147).

Para Anjos, a FEB sempre soube se defender dos ataques os quais foi alvo e, deles, sair fortalecida. Em referência, por exemplo, as inúmeras vezes em que essa instituição foi obrigada a fechar suas portas, ele ressalta o caráter imaterial que

²⁰ Passo a usar daqui adiante a forma pela qual o médium passou a ser popularmente conhecido: Chico Xavier ou, simplesmente, Chico.

²¹ Para uma análise, sob a perspectiva espírita acerca do papel da FEB na legitimação do Espiritismo ver, também, Luciano dos Anjos, *O atalho: análise crítica do movimento Espírita*. Rio de Janeiro: Lachatrê, 1993.

envolve a existência da FEB. Comparando a posição dessa instituição a posição que Cristo exerceu na terra, o autor defende:

A FEB não é seu patrimônio físico. Nem os seus dirigentes encarnados. A FEB é um programa, um ideal, uma bandeira, uma luz. A FEB é imaterial e ninguém a fecha. A FEB são os espíritos, Ismael é o Cristo. Que importa que lhe cerrem as portas de madeira? Fora o mesmo que encerrar o Cristo no túmulo. A FEB é o caminho. Fechada ou aberta ela indica o rumo” (ANJOS,1993, p. 147).

Conforme Foucault (200b, p. 42) as doutrinas, de um modo geral, controlam a produção e circulação do seu conjunto de discursos por meio de instituições a ela vinculadas. A FEB, enquanto instituição que materializa as relações de poder no controle da circulação dos saberes espíritas, tem, conforme os discursos acima colocados, cumprido a sua função de difundir a doutrina e garantir a legitimidade de seu discurso.

No item que se segue, apresentamos a figura do médium Chico Xavier como personagem principal no processo de sedimentação da doutrina no Brasil, após a década de 50.

1.4 Pelas mãos de Chico Xavier: o registro de uma sedimentação

Quanto ao processo de sedimentação da doutrina Espírita, em solo brasileiro, tem-se a figura do médium Chico Xavier como elemento central. Lançar os olhos sobre momentos de sua biografia²² é poder observar um jogo de posições identitárias a que um homem religioso pode e/ ou deve estar submetido, ao se relacionar com o sagrado no modelo de um Espiritismo à brasileira. Dentre as posições assumidas, Chico Xavier marca-se pela posição paradigmática de médium psicógrafo que foi construída por/para

²² Sobre a biografia de Chico Xavier ver o jornalista Marcel Souto Maior. O autor publicou sobre o médium os livros *As vidas de Chico Xavier*, São Paulo: Planeta, [1994]2003; *Por trás do véu de Ísis: uma investigação sobre a comunicação entre vivos e mortos*. São Paulo: Planeta 2004; *As lições de Chico Xavier: para quem acredita e para quem quer voltar a acreditar*. São Paulo: Planeta,2005.

ele. Aqui, nosso objetivo é acionar a máquina do tempo; focar nuances do menino Chico, a fim de matizar o homem médium psicógrafo e sua influência no processo de sedimentação da doutrina Espírita.

Setembro de 1915. “Se alguém falar que eu morri, é mentira. Não acredite. Vou ficar quieta, dormindo. E voltarei.” O menino ficou aguardando. Foi a última vez que Francisco Cândido Xavier ouviu a voz da mãe, Maria João de Deus, enquanto “viva”. Ela não voltou, ou melhor, voltou, porém, na condição de Espírito. Este foi o acontecimento que marcou de forma significativa a vida do mineiro da cidade de Pedro Leopoldo, órfão aos cinco anos, filho mais velho de um família de poucos recursos: um vendedor de bilhetes de loteria, João Candido, e de uma dona-de-casa. O evento funcionou como uma pré-visão do que seria a vida atribulada do menino: o (des)conforto de conviver cotidianamente no limiar entre *a vida e a morte*, ou seja, entre o profano e o sagrado.

Órfãos, Chico Xavier e os irmãos foram distribuídos entre parentes e vizinhos, pelo pai que alegou não ter condições de criá-los sozinho. O menino teve uma infância movimentada: morou dois anos com a madrinha, Rita de Cássia. Foi vítima de maus tratos: apanhava e era castigado, muitas vezes, sem motivo; outras, por afirmar que via e conversava com a mãe, em Espírito. Esses diálogos podem, assim, serem considerados como o marco inicial de uma mediunidade que começou a aflorar e a incomodar, denunciando, desse modo, relações de intolerância religiosa.

Dois anos após a morte da mãe, Francisco ganha uma madrasta, Cidália Batista. Esta reuniu novamente os nove filhos, pondo fim à dispersão da família e ao seu suplício. Conforme relatos, nesta fase o *contato com Espíritos de “mortos”* foram bastante acentuados, causando conflitos dentro e fora do contexto familiar. Chico vivia envolto em visões e conversações regulares com Espíritos. Em casa, Cidália, ouviu-o dizer que via “próximo ao varal figuras cobertas com mantos coloridos. Perguntava à segunda mãe quem era aquela gente e ficava sem resposta” (SOUTO MAIOR, 2003, p. 27). Inúmeras vezes, “levantava no meio da noite, batia papo com fantasmas e, muitas vezes, estragava o café da manhã do pai com notícias de parentes mortos” (SOUTO MAIOR, 2003, p. 26). Na igreja, via “hóstias cintilantes na comunhão (...) assombrações flutuavam sobre os bancos e beijavam santos”. Durante as procissões, em penitência, indicada pelo seu confessor, à sua prática mediúnica, era perturbado por um espírito que fazia “caras e bocas para atrapalhar seus cálculos” (SOUTO MAIOR,

2004, p. 21-29). Na escola, sentia “mãos inexistentes sobre as suas, guiando seus movimentos”. Certo dia, participando de um concurso de redação, em comemoração ao primeiro centenário da Independência, “viu um homem ao seu lado ditando o que ele deveria escrever” (SOUTO MAIOR, 2003, p. 28). A notícia espalhou-se na sala. Chico é desafiado a provar que o *tal homem invisível* pudesse vir e escrever, outra vez. O tema, proposto por uma aluna foi *o grão de areia*. Chico, ouvindo o ditado do espírito escreveu no quadro-negro: “Meus filhos, que ninguém escarneça da criação. O grão de areia é quase nada, mas parece uma estrela pequenina refletindo o sol de Deus” (SOUTO MAIOR, 2003, p. 29). Devido à qualidade do texto Chico é tachado de plagiador, acusação que o perseguirá ao longo da vida.

Conforme Schubert ²³ (1998, p. 104), Chico via e falava com os espíritos como se estes pertencessem ao plano terreno: vivia ele “entre os dois mundos, o físico e o espiritual”. Em função dessas “conversas com os mortos”, as opiniões sobre o seu comportamento eram diversificadas. Para alguns ele era um *louco*; para outros, tinha o *diabo no corpo e*, finalmente, para poucos, possuía *dons especiais*. O único conforto do menino era os diálogos que mantinha com espírito da mãe que o orientava dizendo: “Não se importe. Tudo passa e, se você tiver paciência, Jesus nos ajudará para ficarmos sempre juntos” (MACHADO, 1992, p. 15).

Cada vez mais desenvolvida, a mediunidade de Chico atormentava o pai. Muitas vezes, ameaçou-o, de interná-lo em um manicômio, mas é interceptado pelo padre Scarzelli. Este recomendou rezas, penitências e assiduidade a Igreja. O receituário católico, no entanto, não produziu os resultados esperados. O padre aconselhou o pai a evitar-lhe a *má influência* dos livros revistas e jornais e a ocupar o tempo livre com trabalho. Assim, João Cândido “fez uma fogueira com as páginas proibidas (SOUTO MAIOR, 2003, p. 28). Para ocupar ainda mais o tempo, Francisco foi trabalhar numa fábrica de tecidos, no período noturno. Diz ele: “fui trabalhar como tecelão. Entrava às três da tarde, saía à uma da madrugada. Dormia até às seis, ia para a escola, saía às onze. Almoçava, dormia uma hora [...] e entrava de novo na fábrica” (XAVIER, apud

²³ Para uma análise de flashes biográficos de Chico Xavier, consultar Suely Caldas Schubert, *Testemunhos de Chico Xavier*, Rio de Janeiro:FEB, 1998 e Ubiratan Machado, *Chico Xavier- Uma vida de amor*. São Paulo:IDE,1992.

MACHADO, 1992, p. 25-26). A rotina era cansativa para o menino e, além do mais, não resolveu o seu problema. Descontente, Chico, como sempre fazia, recorreu à mãe: “aprenda a calar-se. Quando lembrar, por exemplo, alguma lição ou experiência recebida em sonho, fique em silêncio. Mais tarde talvez você possa falar.” Desse modo, limitou-se a fazer comentários apenas ao padre Scarzelli, no confessional. No entanto, o padre insistia: “Ninguém volta a conversar depois da morte. O demônio procura perturbar-lhe o caminho.” Chico, entretanto, não se convencia: “Mas, padre, foi minha mãe quem veio”. O padre respondia: “Foi o demônio.”. (SOUTO MAIOR, 2003, p. 28). Todas esse jogo de regras na interdição da voz de Chico Xavier mostra como o exercício da prática discursiva se faz de forma regulada de modo a controlar, conforme afirma Foucault (2000b), as condições de produção e circulação dos discurso: interdição do sujeito, do objeto e das circunstâncias da enunciação.

Na adolescência, com 15 anos de idade, certo dia, Chico foi assediado por um Espírito sofredor. Chorando, pede novamente socorro ao padre Scarzelli; impressionado com a fé do rapaz em Jesus, consola-o dizendo para não se desesperar com as vozes e as visões, dizendo: “Se elas vierem da parte de Deus ele irá te abençoar e te dar forças para fazer o que deve ser feito.”

Aos dezessete anos, Chico aceita a sua mediunidade e adere ao Espiritismo. Como bom ex-católico Chico Xavier procura o seu ex-confessor para dar-lhe ciência de sua decisão e pedir-lhe a bênção, como era de costume. O padre, falou-lhe que não conhecia o Espiritismo, apenas sabia que a Igreja rejeitava essa crença e o abençoou dizendo-lhe: “Seja feliz meu filho. Rogarei a Mãe santíssima para que te abençoe e proteja” (SOUTO MAIOR, 2003, p. 30). Desse momento em diante, passa a assumir a posição de médium Espírita. Substitui, também, a tutela da mãe, *em espírito*, e do padre, *em matéria* pela tutela exclusiva dos *espíritos*: o vínculo consangüíneo foi substituído pelo espiritual, simbolizado na relação entre médium e *guia espiritual*, como veremos mais adiante. O elemento motivador da conversão foi a morte da madrasta Cidália e a cura da *loucura* de uma irmã, numa sessão espírita.

Aos vinte e um de junho de 1927, Chico inicia ações como adepto do Espiritismo: ajuda a fundar o primeiro centro espírita da cidade: o Centro Luís Gonzaga, situado num barracão de madeira onde morava o irmão. O presidente era o dono da casa, o tesoureiro, José Felizardo, seu patrão, e o secretário, o próprio Chico Xavier. Segundo Souto Maior (2004, p.32), três meses depois da primeira sessão, Chico realiza

a sua primeira psicografia: “dezessete páginas. Sem rasuras, sem borracha, em velocidade” impressionante. O texto foi assinado por um *amigo espiritual* que, mais tarde, se revelou como Emmanuel, o seu guia espiritual. Durante o processo de produção da psicografia, sentiu que “as paredes desapareceram, o telhado se desfez, e, no lugar do teto, ele viu estrelas”.

Dois dias depois, em reunião na fazenda de José Hermínio, sua esposa, Carmem Plácido, ouviu e viu Emmanuel, o *amigo espiritual* de Chico. Este pediu para que a senhora anunciasse-lhe que deveria, naquele momento, escrever. Chico pegou lápis e papel e começou espalhar frases no papel. O texto recebe a assinatura de Maria João de Deus:

“Eis que nos achamos juntos novamente. Os livros à nossa frente [o Evangelho Segundo o Espiritismo e O Livro dos Espíritos] são dois tesouros de luz. Estude-os, cumpra seus deveres e, em breve, a bondade divina nos permitirá mostrar a você seus novos caminhos”. (SOUTO MAIOR, 2003, p. 32-33).

Chico, obedeceu à recomendação da mãe, começou a ler os livros organizados por Allan Kardec e, iniciou-se na prática da mediunidade psicográfica.

Conforme Stoll, (2003), a iniciação de Chico Xavier como médium psicógrafo caracterizou-se pelo processo de produção anônima de textos. Essa fase serviu para que Chico cumprisse um duplo objetivo: o treinamento necessário que a escrita mediúnica exige e o contato com um ‘discurso de virtudes’. Temas como obediência, paciência e humildade veiculados, até então, pela orientação materna, como solução para contorno de conflitos familiares, passaram a servir de modelo para o comportamento, em público. Chico Xavier começou psicografando poesias de poetas diversos que somente se identificaram em 1931. Até essa data, foram quatro anos de treinamento intensivo de escrita psicográfica anônima. Chico Xavier afirmava: “estou habituado a ser o instrumento passivo da vontade espiritual. Já não me canso e, depois de receber as mensagens, continuo no mesmo estado físico e psicológico em que me achava antes” (MACHADO, 1992, p.39).

Neste mesmo ano, Chico relata que estava “à sombra de uma árvore, na beira da represa, encarava o céu e rezava ao som das águas”, quando um espírito “vestido com túnica típica dos sacerdotes” a ele apareceu. Conforme Possebon (2008, p. 59), lugares

como rio, montanha, fonte, encruzilhada de estrada, caverna, floresta, etc. são propícios ao contato com o sagrado, hierofanias no dizer de Eliade (2008). Este acontecimento marca, portanto, o encontro oficial com aquele que foi o co-responsável pela missão a que, segundo Chico Xavier, ele foi convocado a cumprir: divulgar a doutrina Espírita por meio da escrita psicográfica. O Espírito apresentou-se como seu Guia Espiritual, o mesmo *amigo espiritual* que havia aparecido a Carmem Perácio, há quatro anos. Emmanuel era o seu nome. Travou-se o seguinte diálogo: "Está mesmo disposto a trabalhar na mediunidade?", perguntou Emmanuel. "O senhor acha que estou em condições de aceitar o compromisso?", respondeu o médium. O "Espírito" continuou: "Perfeitamente, desde que respeite três pontos básicos para o serviço: disciplina, disciplina e disciplina". (SOUTO MAIOR, 2003, p. 44). Chico Xavier aceitou as condições. Começou uma relação duradoura, de caráter disciplinador que foi mantida sob a observância da seguinte instrução: a fidelidade irrestrita a Jesus Cristo e a Kardec. Emmanuel anuncia-lhe a missão de psicografar, inicialmente, uma série de 30 livros. Preocupado, Chico indaga a Emmanuel sobre quem iria custear o serviço, já que ele não teria condições. Emmanuel informa-lhe que os livros chegariam por caminhos inesperados. Poucos meses depois, já em 1932, chegou às livrarias o primeiro livro do *contrato* inicial: Parnaso de Além-Túmulo, coletânea de poesias ditadas por Espíritos de poetas brasileiros e portugueses, publicado com o apoio da Federação Espírita Brasileira (FEB).

Concluído, em 1947, o primeiro contrato. Mais um é firmado: "agora, começaremos uma nova série de trinta volumes", afirma Emmanuel. Em 1958, término do segundo, de mudança para Uberaba, Chico indaga novamente sobre o término dos trabalhos. O *guia* responde pacientemente: "Você perguntou, em Pedro Leopoldo, se a nossa tarefa estava completa e o mentor lhe comunica " quero informar a você que os mentores da Vida Maior, perante os quais devo também estar disciplinado, me advertiram que nos cabe chegar ao limite de cem livros". Publicados os cem livros Chico recebe do *guia* a instrução:

Agora, estou na obrigação de dizer a você que os mentores da vida superior, que nos orientam, expediram certa instrução que determina seja sua atual reencarnação desapropriada, em benefício da divulgação dos princípios espíritas cristãos, permanecendo a sua existência, do ponto de vista físico, à disposição das entidades espirituais que possam colaborar na execução das

mensagens e livros, enquanto o seu corpo se mostre apto para as nossas atividades. (Entrevista concedida ao Jornal O Espírita Mineiro, nº 137, abr./maio/jun. 1970)

Surpreso com a informação de que iria trabalhar com a escrita psicográfica, durante toda a sua vida, Chico questiona quanto ao princípio Espírita do livre arbítrio. Emmanuel explicou-lhe:

a instrução a que me refiro é semelhante a um decreto de desapropriação, quando lançado por autoridade na terra. Se você recusar o serviço ao qual me reporto, segundo creio, os orientadores dessa obra de nos dedicarmos ao Cristianismo redivivo, de certo que eles terão autoridade bastante para retirar você do seu atual corpo físico (XAVIER. Entrevista concedida ao Jornal O Espírita Mineiro, nº 137, abr./maio/jun. 1970).

Chico silenciou. Resolveu, desde então, trabalhar sem a intenção de interromper ou dificultar o trabalho programado pelos “Desígnios de Cima”.

Observamos que na execução de seu programa de médium, Chico Xavier contou com a assessoria constante de Emmanuel, *um professor rigoroso* criterioso e vigilante que cobrava de si mesmo o cumprimento da instrução ditada a Chico. Nas suas palavras: “Se alguma vez eu lhe der algum conselho que não esteja de acordo com Jesus e Kardec, fique do lado deles e procure me esquecer.” Souto Maior (2003, p. 53). Conforme relata Chico Xavier, tudo “... começou com a presença (de) Emmanuel, que em 1931 assumiu o encargo de orientar todas as atividades mediúnicas em que me encontro até agora. (...) Desse tempo até hoje vivo num período de mediunidade dirigida.” (BARBOSA, 1992, 119). Para os adeptos Espíritas, a importância da posição de Emmanuel enquanto assessor, no processo de construção da imagem do médium psicógrafo, é consenso. Segundo relatos, a sintonia entre eles era tão grande que, muitas vezes, não dava para distinguir se quem falava era Emmanuel ou Chico Xavier.

Durante toda a vivência como médium psicógrafo, Chico foi alvo de elogios, de críticas e, muitas vezes, de *escândalos*. No entanto, estes, inicialmente construídos com a intenção de desconstruir a imagem de médium, provocaram um efeito curioso: ao invés de apagar e/ou desconstruir a sua identidade de médium, funcionaram como elemento propulsor na sedimentação da identidade de médium credibilizado, e ainda, de cidadão de conduta ilibada. Contribuiu, também, para a construção de uma imagem

paradigmática de médium, a adoção de práticas como o celibato, a castidade e o voto de pobreza. Sobre esse tema o médium enunciava: "De que vale um perfume preso a um frasco?", ou então: "Porque ficar preso a uma mulher?" e, ainda: "minha família é a humanidade" (SOUTO MAIOR, 2003, p. 74). O exercício da mediunidade psicográfica impunha, assim, ao médium uma disciplina rígida de trabalho e de vida. Afirma o médium:

Para que os livros nascessem de minhas pobres faculdades, de modo mais intenso [...] foi preciso [...] que eu aceitasse a existência em que me encontro, na qual o matrimônio [...] não seria possível. Isto não quer dizer que a mediunidade crie antagonismos entre médium e casamento terrestre, mas sim que determinadas tarefas mediúnicas requisitam condições especiais para que se façam cumpridas (*Folha Espírita*, nov. 1976; transcrito por Nobre, 1996, p. 145).

A fala de Chico permite-nos afirmar que as práticas exigidas pelo exercício do celibato e da castidade, apesar de não ser um princípio doutrinário Espírita, parece ter sido uma necessidade para que o médium pudesse cumprir sua missão. A escolha dessas técnicas de si²⁴, como norma de vida, contribuiu, portanto, para a construção da imagem de médium que Chico Xavier adotou.

Com relação ao voto de pobreza, Chico Xavier rejeitou o acesso aos bens materiais que a sua produção psicográfica poderia ter-lhe proporcionado: não se apropriou dos milhões de reais advindos dos direitos autorais sob seus 412 livros mediúnicos. Todos foram doados, em cartório, à Federação Espírita Brasileira e a centros Espíritas brasileiros. Chico recusou, também, presentes e/ou benefícios propiciados pela sua atividade mediúnica. Recusava-as dizendo: "Ajude o primeiro necessitado que encontrar" ou, ainda, "Imagine (...) se Jesus nos cobrasse direitos autorais de suas bênçãos, onde iríamos. É por isso que estranho a cobrança de tais vantagens por parte daqueles que o servem neste mundo." (XAVIER, apud SCHUBERT, 1998, p. 61).

²⁴ De conformidade com os princípios foucaultianos, entendemos por técnicas de si "os procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si" (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Essas técnicas de si adotadas por Chico Xavier fazem parte da formação discursiva católica²⁵, no entanto, Chico resolveu adotá-las. Fato que denuncia vestígios da influência desse campo religioso, na vivência Espírita do médium. A sua exegese, ao pautar-se em preceitos próprios dessa doutrina, funciona como um meio de ativar as relações de empatia, e o sentimento de admiração e de respeito que os adeptos dessa igreja, e de tantas outras, alimentam, ainda hoje, por Chico Xavier. O posicionamento do médium contribuiu, portanto, para a produção de um paradigma de médium Espírita e, ainda, de cidadão para a sociedade brasileira. Conforme Lewgoy existe uma oposição reformista no interior do movimento espírita que recusa ou diminui a importância da herança católica para o Espiritismo brasileiro, no entanto, quanto a Chico Xavier “não são levantadas dúvidas quanto à probidade de Chico Xavier como homem e médium” (LEWGOY, 2004, p. 47). Foram essas imagens que credibilizaram a sua escrita psicográfica e, por consequência, certos autores espirituais, cujos textos foram, por ele, psicografados, como é o caso, dentre outros, do autor espiritual André Luiz.

A idéia da importância desse médium para a consolidação do Espiritismo brasileiro é consensual. Não é possível, pois, falar de Espiritismo no Brasil sem remontar a Chico Xavier. A sua história e a história da consolidação da crença religiosa espírita no Brasil se entrelaçam garantindo a construção para o Espiritismo de um lugar de destaque, no cenário religioso nacional. No entanto, a sua larga aceitação e credibilidade no território brasileiro, identificada como nação católica, é bom notar, parece advir da similitude com preceitos da exegese católica, no que diz respeito às técnicas de si, como já foi dito, que esse médium utiliza para se subjetivar enquanto sujeito-médium Espírita.

A liderança de Chico Xavier, no meio espírita, consolidou-se em torno dos anos de 1940 e 1950; pouco mais de meio século depois da constituição dos primeiros grupos responsáveis pela difusão da doutrina no país. Chico morreu em 30 de junho de 2002. Sua atividade mediúnica psicográfica foi intensa, em 72 anos de prática mediúnica psicográfica produziu, nos mais diversos gêneros discursivos, um total de 412 textos psicografados, veiculados por meio de livros; além das inúmeras mensagens dirigidas

²⁵ Sobre o estudo acerca da influência do catolicismo na formação e no exercício das práticas espíritas de Chico Xavier ver Jaqueline Stoll (2003) e Lewgoy (2004).

pelos *mortos* aos seus familiares. Continuou, desse modo, o projeto de transmissão de ensinamentos pelos Espíritos Superiores, iniciado por outros médiuns, quando da sistematização da doutrina espírita, por Allan Kardec. Para os espíritas, Chico Xavier foi o médium que melhor exerceu a função de sujeito-mediador entre o mundo material e o mundo espiritual, no Brasil; sendo assim, considerado como a “antena mediúnica do século XX”. Seu trabalho de divulgação da doutrina não se limitou a produção de livros psicografados. Chico expandiu os princípios doutrinários Espíritas com outras formas de mediunidade, que apesar de contribuir com sua imagem de médium modelo, não convêm, no momento, descrevê-las.

Conforme Schubert (1998, p. 82), o início da tarefa mediúnica de Chico por meio da mediunidade psicográfica veio atender ao processo de expansão que começava a delinear-se para a doutrina no final da década de 40. Naquele momento, era necessário, pois, fazer circular as crenças Espíritas com o objetivo de atender aos “interesses espirituais” das 400 a 500 mil pessoas que conforme Chico Xavier, (p. 80) “declararam-se espíritas no recenseamento de 1940”. Para cumprir essa tarefa, a divulgação da doutrina por meio do livro era o meio mais eficiente.

A autora afirma que a produção mediúnica de Chico Xavier, tomando como base a codificação Kardequiana, produziu a ampliação do gosto pelo estudo da doutrina: “a partir de sua obra, uma nova mentalidade se forma no meio espírita” (SCHUBERT, 1998, p. 81). Desse modo, por meio das mãos do médium foram produzidas “milhares de páginas consoladoras, milhares de conceitos esclarecedores que beneficiam hoje milhões de criaturas, derramando sobre elas o bálsamo da consolação, a luz do esclarecimento (...)” (SCHUBERT, 1998, p. 83).

Sobre a vida pessoal e a carreira religiosa de Chico Xavier foi produzido um imenso acervo documental, constituído por entrevistas, reportagens, depoimentos publicados pela imprensa confessional, discursos proferidos, programas de televisão, gravados a partir dos anos 70; além de inquéritos e, também, o processo movido pela esposa do escritor Humberto de Campos, contra a Federação Espírita Brasileira e Francisco Candido Xavier, cujo registro se encontra no livro *A psicografia ante os tribunais*, de autoria do advogado Miguel Timponi. Conforme Stoll (2004, p. 128), foi produzida por jornalistas, a maioria espírita, uma média de quinze biografias. De cunho autobiográfico têm-se os prefácios de cunho autobiográficos, inseridos em sua própria produção literária, como é o caso “Palavras minhas”, apresentado na introdução de seu

primeiro livro, *Parnaso de além túmulo* (1932) e “Explicando”, publicado no livro *Emmanuel* (1938); além de correspondências com a FEB, compiladas e comentadas por Suely Schubert, em *Testemunhos de Chico Xavier* (1998); além de inquéritos e, também, o processo movido pela esposa do escritor Humberto de Campos, contra a Federação Espírita Brasileira e Francisco Candido Xavier, cujo registro se encontra no livro *A psicografia ante os tribunais*, de autoria do advogado Miguel Timponi.

A todo esse acervo soma-se, também, conforme a antropóloga Sandra Jacqueline Stoll (2003, p. 128), os 83 títulos de cidadania recebidos por Chico Xavier. A sua indicação para concorrer ao prêmio Nobel em 1981, embora não seja o ganhador e, também, o fato de ter seus livros publicados em várias línguas e, ainda, de outros terem sido adaptados para telenovelas e peças de teatro.

Todo esse material produzido sobre/por Chico Xavier e, principalmente, a sua vasta obra psicografada, produz uma dimensão do grau de importância de que se reveste a figura desse médium, não só para o Espiritismo como para a cultura brasileira. Sua atividade mediúnica psicográfica foi intensa, em 72 anos de mediunato Chico Xavier produziu, nos mais diversos gêneros discursivos, um total de 412 textos psicografados, veiculados por meio de livros; além das inúmeras mensagens dirigidas pelos “mortos” aos seus familiares.

Conforme Stoll (2003), Chico Xavier, figura modelar, desempenhou um papel importante na consolidação de um certo modo de estar no sagrado, por meio da doutrina Espírita. Em sua pesquisa de doutorado, realizada em 1999, e publicada, em livro, sob o título de *Espiritismo à brasileira, Chico Xavier*, a autora defende que a prática mediúnica psicográfica do médium, não só contribuiu para a difusão das idéias e práticas Espíritas por meio de textos psicografados como, também, conduziu a sua carreira religiosa de forma tão particularizada que acabou por produzir um modelo singular de se relacionar com o sagrado, por meio das crenças espíritas. A partir de sua emergência no mercado editorial em 1932, com o texto *O Parnaso de Além-túmulo*, Chico dá início ao processo que o tornou um paradigma de um ‘estilo brasileiro’ de ser e estar Espírita que marcou e, ainda tem influenciado, a vivência das práticas espíritas, apesar de sua “morte” em 2002. Sobre a importância da figura de Chico, refere-se textualmente a autora: “trata-se de uma carreira exemplar, que consolida um modelo paradigmático do que acredito ter vindo a constituir o ‘estilo brasileiro’ de ser espírita” (STOLL, 2003, p. 70).

Outro antropólogo que utilizou em suas pesquisas a figura de Chico Xavier como corpus de investigação foi Bernardo Lewgoy (2004). O pesquisador produziu a tese intitulada: *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo Kardecista* (2000). Lewgoy, também, compartilha da idéia de que, a partir dos anos 40, Chico Xavier é a principal referência do Espiritismo no Brasil. Segundo o autor, ele influenciou na definição da imagem que o Espiritismo brasileiro possui, atualmente, dentro e fora do Brasil. Em seu livro *O grande mediador. Chico Xavier e a cultura brasileira*, um desenvolvimento do capítulo de sua tese, o autor afirma que é tão grande a influência de Chico Xavier na formação do imaginário religioso espírita brasileiro e tão ampla a difusão de suas obras e biografia que podemos “afirmar que estamos diante de um fenômeno religioso de características míticas, composto em vários níveis, tal como nas histórias de santos e de profetas que, ao fundarem religiões, fundam igualmente modos de ser e estar no mundo.” (LEWGOY, 2004, p. 11).

O médium dedicou, assim, sua vida a uma intensa atividade mediúnica em prol da divulgação da doutrina, para Lewgoy “ele dramatiza exemplarmente a leitura espírita da vida como *cumprimento de uma missão programada*, regida pela doação, espiritual aos homens e material aos espíritos”. Para esses estudiosos, constrói-se, a partir de Chico Xavier, um Espiritismo à brasileira. A figura do médium Francisco Candido Xavier funciona, portanto, dentre outras figuras exponenciais, como a personagem principal, no processo de sedimentação e de unificação da doutrina Espírita no Brasil. Sua influência deve-se ao fato da missão ao qual foi incumbido: a divulgação da doutrina por meio de textos psicografados. Seu modo singular de se relacionar com o sagrado, dentro do campo Espírita, produziu marcas identitárias que particularizam o modo de ser Espírita no Brasil.

Passemos ao item seguinte para tratarmos acerca do sentido da vivência da doutrina Espírita pelos seus adeptos.

1.5 Da teoria à prática: os sentidos de uma vivência

Conforme propôs Cruz (2004, p.30), uma das questões básicas para a compreensão de uma religião é supor que ela produza e faça circular sentidos que

sedimentem a sua existência para “os grupos culturais e para a humanidade em geral”.

Analisando a discursivização de Kardec, no Evangelho Segundo o Espiritismo, sobre a vida futura após a morte física, entendemos que o fundamento doutrinário que dá sustentação a vivência dessa experiência religiosa é a produção de uma ressignificação da noção de vida e de morte. Nesse campo religioso, não há morte só existe vida. A morte é conceituada como sendo uma fase da existência humana, um fenômeno que simboliza a passagem da vivência do mundo material para o mundo espiritual, e não, propriamente, como o fim da existência humana. Para o Espírita a morte não é o passaporte para o *non sense*, o não sabido ou para o nada, mas para a continuidade da vida, a vida “real”, em uma outra dimensão.

Kardec explica que, enquanto Jesus, adequando o seu ensino com a condição de compreensão humana da época, propôs-se a informar que o princípio da vida futura era uma lei natural a qual o ser humano estava indiscutivelmente assujeitado; o Espiritismo, assumindo o papel de ensino complementar do Cristo, vem provar por meio das descrições sobre o mundo espiritual, realizadas pelos “mortos” através do fenômeno da mediunidade, que “a vida futura não é simples artigo de fé, ou simples hipótese. É uma realidade material provada pelos fatos” (KARDEC, 2000, p. 48).

Portanto, a doutrina Espírita assume a posição de uma experiência religiosa que ressignifica as relações do ser humano com a vida e com a morte, fornecendo, por exemplo, uma idéia do que seja a vida além-túmulo. A crença no princípio Espírita da imortalidade produz, pois, nos adeptos da doutrina Espírita uma forma singular de ver o tempo presente e, em consequência, uma ressignificação no modo de experienciar a vivência terrena. Esta passa a ser encarada como um campo de experiências cujo objetivo é preparar o indivíduo para experiências extraterrenas. nos seus É com certa segurança, pois, que lida com a resolução dos problemas que surgem cotidianamente. Sentindo a existência terrena como temporária, o espírita “encara as dificuldades da vida com mais indiferença, do que resulta uma calma de espírito que lhe abrandas as amarguras” (KARDEC, 2000, p. 49).

No item a seguir, versaremos sobre a *verdade* da doutrina, ou seja, o(s) critério(s) de verdade que a doutrina assume para justificar a emergência, circulação e sedimentação de suas crenças.

1.6 Da vontade de *verdade* a *verdade* Espírita

Conforme Foucault a *verdade* é deste mundo, ela é construída socialmente. “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua «política geral» de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2000c, p. 12). Os regimes de verdades, “os jogos de verdades”, são, portanto os diferentes sistemas de regras produzidos pelas diferentes sociedades com o objetivo de reger as condições de produção e de circulação dos discursos pelos sujeitos enunciadoreis.

Segundo Cruz (2004), outrora, o critério adotado por muitas pessoas para sedimentar os princípios de uma religião como verdade era saber se ela emergiu por meio de revelação, do cumprimento de profecias, da realização de milagres etc. Atualmente, muitas pessoas consideram a idéia de que toda religião é verdadeira, é “boa” independente do modo como elas surgiram. A questão do verdadeiro/falso tornou-se, portanto, um aspecto irrelevante para a compreensão do que seja um fenômeno religioso. Para o pesquisador, a questão central de análise não é saber se o fenômeno observado é *verdadeiro* ou falso, mas a busca de uma compreensão de como as *verdades* são construídas e como são vivenciadas, enquanto fenômeno religioso, dentro do campo religioso em análise. Conforme os fundamentos foucaultianos sobre a *verdade* os discursos “não são em si verdadeiros nem falsos” (FOUCAULT 2000p. 13), circulam com efeitos de verdades que foram constituídos por meio de um conjunto de regras de produção de verdade em um momento particular da história.

Para a compreensão da *verdade* espírita, além desses princípios, tomaremos como referência o fundamento teórico da tipologia, na perspectiva de Northrop Frye. Segundo o crítico literário, a tipologia é ao mesmo tempo um modo de dizer e um modo de ler as palavras: “uma modalidade de pensamento não existe enquanto não desenvolver seu modo particular de dispor as palavras”. Produzir um texto de modo tipológico é antecipar, no dito, um dizer que vai emergir em um momento textual ulterior, embora de forma ressignificada. Assim, o dito constitui-se o que o autor chama de tipo e o que será dito, posteriormente, o antitipo, ou seja, o dizer que foi predito no

texto anterior. A singularidade que marca esse modo de dizer é que “somente depois da aparição dos antitipos que se estabelecem os tipos, ou que pelo menos eles passam a ser interpretados como tal”. (FRYE, 2004, p. 111). Sobre o aspecto da produção de um modo tipológico de leitura, ler um texto sob esse modo é buscar confirmar as relações que o antitipo mantém com o seu tipo. Aplicando o modo tipológico de leitura de texto a bíblia, o autor informa que o Novo Testamento assume a função de antitipo do Velho Testamento, pois o que é dito no Novo já foi antecipado no Velho que, no caso, funciona como tipo.

Fundamentados nestes princípios, interessa-nos observar a discursivização de Allan Kardec com o objetivo de compreender como se produz a chamada *verdade* do Espiritismo, ou seja, o regime de *verdade* que a doutrina constituiu para justificar a produção, circulação e sedimentação de suas crenças.

No campo religioso Espírita, as *verdades* acolhidas para constituir o corpo doutrinário e funcionar como verdadeiros emergiram por meio da técnica da mediunidade psicográfica. Desse modo, a voz autorizada para dizer as *verdades* é a dos Espíritos desencarnados. No entanto, quem constrói as regras que permitem selecionar os enunciados que circularão com um valor de verdade é Allan Kardec. Para tanto, ele associa à prática mediúcnica psicográfica o mecanismo denominado Controle Universal do Ensino dos Espíritos. Por meio deste procedimento, como já foi dito, a *verdade* exposta pelos Espíritos foi selecionado pelo critério da consensualidade: o pesquisador utilizava vários médiuns, em diferentes espaços e tempo e ouvia inúmeros Espíritos sobre a mesma temática. Portanto, os enunciados verdadeiros eram aqueles que emergiam em meio a um consenso entre as diferentes vozes espirituais que emergiam pela psicografia de diferentes médiuns. Foi por meio desse mecanismo de seleção de verdades que Kardec instituiu, como princípio doutrinário, a informação de que o espiritismo era a concretização da promessa anunciada por Jesus aos seus discípulos, no Novo testamento:

Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará um outro Consolador, para que fique eternamente convosco, o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê, e não o conhece. Mas, vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. - Mas o Consolador, que é o Santo Espírito, a quem o Pai enviará em

meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito (JOÃO, XIV: 14-15 a 17e 26).

A confirmação da promessa de que o Espiritismo surge como sendo o Consolador prometido por Jesus veio, conforme Kardec, pela voz do próprio Jesus, por meio do processo de escrita psicográfica. Diz ele:

Sou eu que venho, o teu salvador e o teu juiz. Venho como outrora entre os filhos transviados de Israel. Venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Ouvi-me. O Espiritismo, como outrora a minha palavra, deve lembrar aos materialistas que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus poderoso que faz germinar as plantas e levanta as ondas. (KARDEC, 2004a, p. 330).

O mecanismo da mediunidade psicográfica, meio de produção das verdades espíritas utilizado por Kardec, permitiu-lhe aceitar como verdade a idéia de que a doutrina Espírita se constitui por meio do cumprimento de uma profecia, realizada por Cristo no Novo testamento e, também, por meio de revelação, produzida pelas inúmeras vozes autorais que ressurgem do além-túmulo. Tomando por base informações advindas por meio dessas vozes, Kardec explica que o mundo cristão está marcado por três revelações divinas: a primeira revelação esta centrada na figura de Moisés, o Espírito que Deus enviou com a missão de fazê-lo conhecer, por isso, ele é a personalidade sob a qual a lei do antigo testamento está centrada; a segunda, na pessoa de Jesus Cristo, Espírito escolhido por Deus para fazer cumprir a lei divina na sua pureza, assim ele é a personalidade que marca a emergência do Novo Testamento. A terceira é o Espiritismo, doutrina cujo objetivo é desenvolver, explicar, completar, em “termos claros para todos, o que foi dito sob forma alegórica”, por Jesus (KARDEC, 2000, p. 42-43). Ao contrário das duas primeiras revelações, Kardec (2000, p. 42) explica que essa doutrina não está personificada em uma personalidade, ela é um produto construído por uma coletividade de vozes, Espíritos que invadem a terra e se fazem ouvir por meio de intermediários, no caso, os médiuns.

Tomando como referência os fundamentos de Frye sobre tipologia, entendemos que a doutrina Espírita, além de pretender se sedimentar como discurso revelado, usa as relações explícitas com a promessa de Cristo, no Novo Testamento como critério de

verdade para validar a sua emergência. Desta forma, o Novo Testamento se constitui como um tipo, uma fonte antecipadora do surgimento do Espiritismo, enquanto este, por sua vez, assume a função de antitipo, ou seja, de confirmação do discurso do Novo Testamento. A tipologia, enquanto mecanismo de legitimação de *verdade*, funciona como uma via de mão dupla: à medida que o antitipo, no caso, o Espiritismo ratifica a existência do tipo, este confirma a veracidade da existência do antitipo, o Espiritismo. Enquanto antitipo, portanto, o Espiritismo assume a função de explicar o discurso produzido pelo tipo, de forma obscura. Dessa forma, reivindica para si a posição de “chave” de leitura para o novo testamento. Kardec confirma essa assertiva nos seguintes termos:

da mesma maneira que disse o Cristo: ‘eu não venho destruir a lei mas dar-lhe cumprimento’, também diz o Espiritismo: ‘Eu não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe cumprimento. Ele nada ensina contrário ao ensinamento do Cristo, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos, o que foi dito de forma alegórica’. (KARDEC, 2004b, p. 42 LE)

A sedimentação da verdade de que a doutrina assume o lugar de ensino complementar ao de Cristo no Novo Testamento é ratificada pelo discurso espírita de que as verdades são reveladas pelos Espíritos “à medida que a inteligência se torna apta a compreender as verdades de uma ordem mais elevada, e que as circunstâncias são propícias para a emissão de uma idéia nova”. Essa regra de controle na produção e circulação de saberes espíritas, adotada por Kardec, configura-se, também, como um modo de garantir a existência da doutrina, uma vez que esse procedimento constrói a marca identitária de uma doutrina cujo funcionamento é regulado por meio de um processo de constituição permanente.

Vejamos neste próximo item que verdades foram acolhidas por Kardec, com o objetivo de fazê-las funcionar como as verdades que compõem o corpo doutrinário do Espiritismo.

1.7 Sob o olhar de Kardec: *verdades da doutrina Espírita*

Partimos do princípio foucaultiano de que “cada sociedade tem seu regime de verdade, [...] isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”, nosso objetivo agora é, por meio da observação da discursivização

kardequiana, identificar, compreender e descrever princípios teóricos básicos que constituem o conjunto de verdades da doutrina Espírita. Tomando como corpus de observação esses discursos pretendemos compreender os princípios acolhidos como as *verdades* básicas da doutrina. Não é objetivo do nosso trabalho, todavia, fazer um estudo exaustivo desses princípios, dessa forma, focaremos os mais regulares.

O Espiritismo emerge como doutrina religiosa com um conjunto de discursos que definem uma formação discursiva peculiar. Conforme Foucault, as doutrinas, religiosas, políticas, filosóficas, se definem como sendo “um conjunto de discursos a partir do qual indivíduos, tão numerosos quanto se queiram imaginar, definem sua pertença recíproca” (FOUCAULT, 2000b, p. 42). Elas funcionam como procedimentos de controle discursivo que, como tal, regula o conjunto de discursos que a ela pertence, excluindo, conseqüentemente, todos os outros.

A doutrina Espírita elege como *verdades* basilares os seguintes princípios: a existência de Deus; a existência do Espírito, a imortalidade da alma; as vidas sucessivas através da reencarnação; a pluralidade dos mundos habitados; o livre arbítrio e o intercâmbio espiritual entre o mundo físico e o extra físico. Para tratar desses temas a doutrina constrói um dizer que se constitui como um discurso específico, regularizado. O que Foucault chama de Formação Discursiva (FD). Conforme o teórico, uma FD está constituída por um conjunto regular de objetos, conceitos, tipos de enunciação e temáticas específicas. Podemos entender que a construção desse dizer sobre os temas: morte, vida, encarnação, reencarnação, desencarne, alma/espírito, vida além-túmulo cristalizam as FDs do discurso religioso Espírita.

Para o Espiritismo, o princípio da existência em Deus é elementar. É pelas indagações a respeito da existência de Deus que Kardec abre o primeiro capítulo de *O Livro dos Espíritos*. Conforme Cruz (2004, p. 31) a crença em “uma ou mais entidades que estão na origem e na base de tudo o que se vê”, embora, seja objeto de controvérsia para algumas religiões, parece ser o “elemento central de toda religião”. Este princípio religioso, explica Cruz, funciona como resposta às indagações do ser humano que busca sempre uma explicação para “a origem de tudo, inclusive do mal, sobre o fundamento e o sentido de suas ações, e sobre o pós-morte apresenta ou não algo além daquilo que se vê” (CRUZ, 2004, p. 31).

Desse modo, o Espiritismo produz a imagem de Deus como sendo o responsável pela criação, a origem de tudo. Conforme Kardec, Deus é

a base sobre que repousa o edifício da criação. (...) a inteligência suprema e soberana, é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições, e não pode ser diverso disso. (...) toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos (...) não pode estar com a verdade (KARDEC, 2007, p. 65-72).

É na “voz dos Espíritos” que Kardec vai buscar o argumento que confirma a existência da divindade. Estes, questionados sobre onde encontrar a prova da existência divina, explicam: “Num axioma que aplicais às vossas ciências: não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo que não é obra de homem e vossa razão vos responderá.” (KARDEC, 2004b, p.55). Kardec, no livro, *Obras Póstumas*, usa o seguinte argumento para esclarecer essa questão:

Vemos constantemente uma imensidade de efeitos, cuja causa não está na Humanidade, pois que a humanidade é impotente para produzi-los. Ou, sequer para os explicar. A causa está, acima da Humanidade. É a essa causa que se chama Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-hi, Grande Espírito, etc., (KARDEC, 1985, p.31.)

Outro fundamento, igualmente importante para esta teoria doutrinária, é o princípio da existência do Espírito (ou alma), de sua sobrevivência e de sua individualidade: o espírito é imortal, por esse motivo ele pré-existe antes do nascimento, sobrevive após a morte e mantém a sua individualidade. Esta doutrina diz que o homem é composto por três elementos essenciais: o Espírito: “princípio inteligente em que reside o pensamento, a vontade e o senso moral”; o corpo: “invólucro material que põe o Espírito em relação com o mundo exterior” e o perispírito: “invólucro fluídico, leve imponderável, servindo de laço e de intermediário entre o Espírito e o corpo”. (KARDEC, 2006, p. 170-171). Com o fenômeno da morte do corpo carnal, a alma volta para o mundo dos Espíritos, conservando seu perispírito e a sua individualidade (KARDEC, 2004b, p. 33).

Para essa doutrina, o discurso da existência de Deus e do Espírito constituem o ponto onde “gravitam” todos os outros princípios instituídos por ela, constitui, portanto uma Formação Discursiva. As explicações da doutrina informam que são os Espíritos

que ditam as verdades doutrinárias. Sobre a pré-existência do espírito explicam: “se os espíritos não tivessem tido princípio seriam iguais a Deus; (...) quando e como cada um de nós foi feito, eu te repito, ninguém o sabe; isso é um mistério;” (KARDEC, 2004b, p. 76). Quanto à sobrevivência do Espírito, afirmam: “nós te dizemos que a existência do espírito não tem fim; é tudo quanto podemos dizer, por enquanto” (KARDEC, 2004b, p. 77). Acerca da individualidade do Espírito defendem: “*Não a perde Jamais. O que seria ele se não a conservasse?*” (KARDEC, 2004b, p. 9). Os Espíritos advogam que é a existência do perispírito, elemento constitutivo do Espírito, encarnado ou desencarnado, que garante a sua individualidade após a “morte”: os Espíritos “constatam a sua individualidade pelo perispírito, que os torna seres distintos uns para os outros, como o corpo entre os homens” (KARDEC, 2004b, p. 97, 142).

Outro princípio que compõe a FD do Espiritismo é a reencarnação. Kardec informa que associada à lei do progresso espiritual, ela é, também, uma lei a que todos os Espíritos estão submetidos, até que atinjam o estado evolutivo a que estão fadados. Os Espíritos, afirma Kardec, explicam que a reencarnação é, necessariamente, um dos meios que contribuem para que o homem possa atingir o estado de Espírito puro: “todos nós temos muitas existências”, desse modo, “a cada nova existência o Espírito dá um passo na senda do progresso; quando se despojou de todas as impurezas, não precisa mais das provas corpóreas.” (KARDEC, 2004b, p.103). A concretização desse estágio marca o fim da necessidade reencarnatória com finalidade evolutiva. Kardec diz que

a pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia defini-lo como a muitos outros, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves, a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu. E traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências *anteriores*. (KARDEC, 2007a, p. 39).

A doutrina Espírita defende também a pluralidade dos mundos habitados. Este princípio derruba o fundamento científico de que a terra é o único planeta habitável. Segundo a teoria Espírita, sobre esse princípio os Espíritos, em diálogo com Kardec,

argumentam que “há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que só este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o Universo somente para eles.” (2004b, p. 68).

Conforme o pesquisador e defensor do Espiritismo

a terra não ocupa no universo nenhuma posição especial, nem por sua colocação, nem pelo seu volume, e nada justificaria o privilégio exclusivo de ser habitada. Além disso, Deus não teria criado milhares de globos com o fim único de recrear-nos a vista, tanto mais que o maior número deles se acha fora do nosso alcance (KARDEC, 2006, p. 213).

Advoga, ainda, que os mundos estão em graus diferentes de progresso: “alguns estão no mesmo ponto que o nosso; outros são mais atrasados (...) outros ainda mais adiantados, onde o invólucro corporal, quase fluídico, se aproxima cada vez mais da natureza dos anjos” (KARDEC, 2006, p. 214).

Há ainda o princípio do *livre arbítrio*. Este trata da liberdade de ação dos Espíritos. Segundo seu ponto de vista, o Espírito conquista esse princípio de acordo sua evolução. Quanto mais evoluído for o Espírito mais esse efeito é aguçado. Para a doutrina, do bom uso do livre arbítrio depende o sucesso e a rapidez do progresso individual do Espírito. Kardec explica (2007b, p. 32) “os Espíritos são criados simples e ignorantes”, no entanto, possuem aptidões para obter conhecimento e, assim, progredirem. Desse modo, o desenvolvimento pessoal depende da competência e da vontade individual. Conforme os princípios de justiça apregoados pela doutrina: “as almas devem ter a responsabilidade sobre seus atos, mas para haver essa responsabilidade, preciso é que elas sejam livres na escolha do bem e do mal; sem o livre arbítrio há fatalidade, e com a fatalidade não coexistiria a responsabilidade. (KARDEC, 2007b, p. 18). Conforme Kardec, os Espíritos defendem que a liberdade de pensar e de agir advém do princípio do livre arbítrio: “sem o livre arbítrio o homem seria uma máquina” (KARDEC, 2004b, p. 280).

Quanto ao princípio do intercâmbio espiritual entre o mundo físico e o extra físico, este é um dos principais fundamentos da doutrina. Kardec explica que a comunicação dos Espíritos, entre esses mundos é um fenômeno natural “o espírito não está encerrado no corpo como numa caixa: ele irradia em todo o seu redor; eis porque pode comunicar-se com outros Espíritos ...” (KARDEC, 2004b, p.171). Para os adeptos

dessa doutrina, não reconhecer esse princípio como verdadeiro é negar a própria existência da doutrina, pois é, conforme Kardec, (2000, p. 42) pelo diálogo entre os seres do mundo visível e do mundo invisível que o Espiritismo se constituiu como doutrina religiosa. Ele ainda argumenta que a manifestação espírita é um efeito da propriedade da alma. Diz ele:

Que é o homem, senão um Espírito revestido de corpo material? (...) Admitida a sobrevivência da alma, seria racional negar-se a sobrevivência de suas afeições? Desde que as almas estão por toda parte, não é natural pensar que a de alguém que nos amou venha procurar-nos desejando comunicar-se conosco, e se utilize dos meios que estão ao seu dispor? Quando vivia na terra, não agia ela sobre a matéria do corpo? Não era ela, a alma, que dirigia os movimentos corporais? Por que, pois, não poderia ela, após a morte, servir-se de outro corpo, (...) para manifestar o seu pensamento, como um mudo se serve de uma pessoa que fala, para fazer-se compreender? (KARDEC, 2004a, p. 16-17).

Para Kardec, as manifestações espíritas, de um modo geral, nada têm de sobrenatural, são, portanto, fenômenos produzidos em virtude da lei natural que rege as relações do mundo material com o mundo espiritual. “Lei tão natural quanto às da eletricidade, da gravitação, etc” (KARDEC, 2006, p. 179). Afirmar que as manifestações espíritas são produzidas por “leis naturais” que regem as relações entre o mundo material e o mundo espiritual, e compará-la às leis da eletricidade, da gravitação é fazer valer sua verdade doutrinária. Ele usa do discurso científico (comprovado) para sustentar a sua verdade. Há um já-dito ordenado sócio-cientificamente sobre eletricidade e gravidade que é trazido para o discurso Espírita como um saber constituído que vem sustentar o novo dizer/saber/poder. A volta deste enunciado-acontecimento assegura a crença no princípio da manifestação/comunicação entre os Espíritos do mundo invisível/mundo visível. Assim, Allan Kardec, enquanto missionário religioso do Espiritismo, procura assegurar as “leis” do Espiritismo constituindo-as em um saber/poder do discurso religioso Espírita.

Segundo afirma Foucault (2000b, p. 17) os discursos que constituem as *verdades* de uma doutrina circulam tendo como apóio um sistema institucional. Este, por meio de um conjunto de práticas, reforça e reconduz o conjunto de discursos validados. Vejamos, portanto, como o Movimento Espírita, através de práticas específicas, está estruturado em nossa sociedade, objetivando sedimentar, por meio da

circulação efetiva, o conjunto de *verdades* que compõem a sua Doutrina. Para tanto, centramos nossa atenção na estrutura do movimento Espírita brasileiro.

O movimento espírita assegura a sua permanência, no cenário religioso brasileiro, por meio de um conjunto de práticas, fundamentadas nas obras básicas de Allan Kardec e nos livros complementares que seguem as suas diretrizes. A principal finalidade desse movimento é o estudo, a prática e divulgação da Doutrina Espírita e, concomitantemente, a unificação dos adeptos em torno do conjunto de princípios que constituem a doutrina.

1.8 Dos movimentos de uma prática: a vivência Espírita

Segundo afirma Foucault (2000b, p. 17), a escolha dos enunciados que farão parte do conjunto de verdades de uma doutrina, e posteriormente, a sua circulação, apóia-se sobre um sistema institucional. Este, por meio de um conjunto de práticas, reforça e reconduz o conjunto de discursos validados. Vejamos, portanto, como o Movimento Espírita, está estruturado em nossa sociedade objetivando, através de práticas específicas, não só sedimentar, por meio da circulação efetiva, o conjunto de verdades que compõem a Doutrina dos Espíritos; como também, produzir mecanismos de controle, seleção e organização da produção discursiva espírita.

O movimento espírita assegura a sua permanência, no cenário religioso brasileiro, por meio de um conjunto de práticas, fundamentadas nas obras básicas de Allan Kardec e nos livros complementares que seguem as suas diretrizes. A principal finalidade desse movimento é o estudo, a prática e divulgação da Doutrina Espírita e, concomitantemente, a unificação dos adeptos em torno do conjunto de princípios que constituem a doutrina.

A prática dos fundamentos doutrinários pelos adeptos dá-se de forma isolada ou em grupos, nos lares e, principalmente, através de Instituições Espíritas de pequeno, médio e grande porte. O principal objetivo do exercício dessas práticas é propiciar o estudo da doutrina aos adeptos e a circulação dos princípios doutrinários ao maior número de pessoas possíveis.

O Movimento Espírita brasileiro apresenta uma estrutura organizacional que visa garantir o exercício dessas práticas. Atualmente, constituem a sua estrutura os

seguintes órgãos: a Federação Espírita Brasileira (FEB); o Conselho Federativo Nacional (CFN); as Entidades Federativas Estaduais associadas a FEB; os Centros Espíritas ou Sociedades Espíritas, ligados às federativas; os pequenos grupos de estudo e, por fim, as Entidades Especializadas de âmbito nacional, associadas à FEB. Vejamos, sinteticamente, como se apresenta cada um desses órgãos representativos do Movimento Espírita.

A FEB, representante maior do Movimento Espírita Brasileiro, foi criada, fundamentalmente, com o objetivo de unificar o movimento Espírita em torno da Doutrina e, ao mesmo tempo, difundi-la. Entretanto, esse papel de representante maior do Espiritismo assumido pela FEB, só foi oficialmente selado no dia 05 de outubro 1949, com o chamado “Pacto Áureo”, acordo assinado entre a FEB e as federativas estaduais com o objetivo de unificar o Movimento Espírita nacional. Em decorrência da assinatura desse documento, instala-se o Conselho Federativo Nacional (CFN).

O CFN, por sua vez, é o órgão responsável, junto a FEB, pela unificação do Movimento Espírita, e ainda, pelo estudo e difusão da doutrina no Brasil. A ele estão congregadas as Entidades Federativas Estaduais e, também, as Entidades Especializadas de Âmbito Nacional. Para melhor organizar o seu funcionamento, este órgão conta com Comissões Regionais, distribuídas por regiões: Norte, Nordeste, Centro e Sul. Essas comissões têm como objetivo maior organizar, controlar e fazer circular, em suas respectivas regiões, práticas criadas com a finalidade de difundir a Doutrina e unificar o movimento.

As Entidades Federativas Estaduais ligadas a FEB funcionam de forma a congregar os Centros e/ou Sociedades Espíritas, sediados em seus respectivos territórios e, ainda, órgãos regionais e locais, criados para facilitar a dinâmica do trabalho de difusão. Em cada estado brasileiro e, no Distrito Federal, há uma instituição federativa que, de forma autônoma e independente, integra a FEB. Dentre as obrigações das federativas está o compromisso de realizar contato permanente com os dirigentes de Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas através de práticas como reuniões, encontros, cursos, confraternizações e outros eventos, com o objetivo de oferecer o suporte necessário à atualização doutrinária e administrativa.

O trabalho federativo e de unificação do Movimento Espírita tem como diretrizes, dentre outros, os seguintes princípios: a utilização dos princípios básicos preconizados pela Doutrina Espírita; a integração e participação sempre voluntárias

dos seus adeptos; o estímulo ao estudo metódico, constante e aprofundado das obras que constituem e fundamentam a Doutrina: a Codificação Kardequiana; a divulgação da doutrina Espírita por meio de práticas que envolvam o estudo da doutrina, a oração e o trabalho voluntário.

Quanto aos Centros e/ou Sociedades Espíritas, estes são núcleo ou unidades que compõem, juntamente com os órgãos citados, o movimento espírita brasileiro. Independente do nome que recebem: escolas, casas, recantos e, das tarefas específicas que produzem, todos têm em comum o objetivo de promoverem práticas paralelas de estudo, prática e difusão da Doutrina, além de assistência material associadas ao estudo dos princípios espíritas: para os espíritas o auxílio material não prescinde do estudo da doutrina. A esses Centros cabem produzir, dentre muitas, as seguintes práticas básicas: o estudo aprofundado da Doutrina Espírita a frequentadores de diferentes idades, religiões e níveis culturais e sociais; a assistência espiritual e moral dos frequentadores através do estudo do Evangelho; a preparação de trabalhadores para as atividades mediúnicas através de estudo, educação e prática da mediunidade; a evangelização de crianças e jovens; o estímulo, orientação, implantação e manutenção do estudo do Evangelho no Lar; e, por fim, realizar as atividades administrativas necessárias ao funcionamento da estrutura organizacional.

As Entidades Especializadas, por sua vez, integram instituições e órgãos, regionais estaduais e locais que atuam desenvolvendo atividades profissionais específicas, no campo da assistência e promoção social e de divulgação doutrinária. Ambas possuem site próprio, disponibilizando informações gerais sobre as atividades realizadas. Todas, dentro das especificidades que as identificam, buscam difundir a doutrina e unificar os seus adeptos.

Por fim, têm-se os Pequenos Grupos de Estudo do Espiritismo, estes têm como objetivo fundamental o estudo inicial da doutrina Espírita. Para tanto, conta com o apoio dos centros.

Estas instituições, autônomas, oficialmente responsáveis pela circulação das crenças espíritas, ligam-se pelo vínculo da doutrina enquanto sinal, manifestação e instrumento de uma pertença prévia, Foucault (2000b p.43). A estrutura do Movimento está, portanto, montada com o objetivo central de promover a unificação dos espíritas, em torno dos princípios básicos da Doutrina, reunidos nas obras da Codificação Kardequiana. Conservar, na sua pureza original, esse conjunto de verdades reveladas,

conforme Kardec, pelos Espíritos e, ao mesmo tempo, difundí-las para o maior número possível de pessoas, é a meta comum ou missão, como dizem os espíritas, que unifica os seus adeptos. Todas as bases doutrinárias e diretrizes desse trabalho de unificação e difusão estão formalizadas nos textos que integram a “Orientação ao Centro Espírita” e a Campanha de Divulgação do Espiritismo, elaborados e disponibilizados pelos órgãos federativos e de unificação do Movimento Espírita. Portanto, um discurso autorizado por instituições sociais que outogam este dizer. Suas “verdades” são respaldadas, institucionalizadas formações discursivas construídas no meio social. Um discurso preocupado com um trabalho de unificação do Movimento Espírita e de divulgação da Doutrina.

A atividade de divulgação da doutrina, antes centrada nos interiores dessas instituições, através de práticas como o estudo sistematizado da doutrina, em forma de cursos e/ou reuniões públicas, tomou, com a introdução das novas tecnologias da comunicação, proporções avassaladoras. Novas práticas foram criadas com o objetivo de manter a circulação da doutrina ao alcance dos usuários dessas novas tecnologias. A doutrina espírita, atualmente, está sendo veiculada pelos mais variados meios de comunicação, são inúmeros os programas de rádio e de emissoras de TV, revistas e jornais impressos e on line, cursos presenciais e virtuais, livros, boletins informativos, volantes de mensagens, seminários, encontros, congressos, bibliotecas tradicionais e virtuais, portais, chats, atendimento on line à distância, download gratuito de livros psicografados e dos textos organizados sob a assinatura de Allan Kardec e, ainda, de revistas e jornais.

Incluem-se, também, a circulação dos princípios doutrinários por meio da pintura, da música mediúnica, do teatro e, também do cinema e das telenovelas. Na internet, o internauta pode orientar-se através do Guia de Espiritismo na Internet ou navegar diretamente no site oficial da FEB; no portal do Espírito; no Forum Espírita; nas demais instituições, em seus sites particulares ou, ainda, travar conversas informais com integrantes de comunidades virtuais espíritas. Todos esses meios de comunicação da contemporaneidade têm contribuído de forma vertiginosa para a sedimentação das práticas espíritas. Considera-se que a prática de divulgação de crenças espíritas por meio das telenovelas e de filmes tem funcionado como um elemento impulsionador no processo de naturalização dessa Doutrina.

Apesar dessa intrincada rede de produção e circulação de idéias, o processo de difusão dos enunciados que compõem a Doutrina Espírita tem centrado especial atenção à circulação dos princípios doutrinários por meio do livro, especialmente enquanto suporte de textos psicografados. O crescimento vertiginoso desse mercado editorial Espírita é notório. Os livros da literatura mediúnica espírita vêm circulando e conquistando um espaço cada vez maior, nas livrarias de todo o país. Cada vez mais, Editoras e livrarias descobrem que este é um grande filão no mercado editorial.

O processo de divulgação da Doutrina Espírita através de produtos impressos, iniciou-se, no Brasil, em 1883 com a publicação do jornal Reformador, hoje, editada como revista pela FEB. Inicialmente, a edição de livros espíritas, em menor quantidade, centrava-se na livraria da FEB, inaugurada em 1897. Atualmente, devido à expansão da literatura mediúnica psicografada - antes limitada a poucos médiuns e alguns autores espírituais- produzida por um quadro diversificado e numeroso de médiuns e autores espírituais, esse panorama está totalmente modificado.

Atualmente, além da editora da FEB, um dos mais modernos parques gráficos do país, editoras e livrarias especializadas, criadas com o objetivo de apoiar financeiramente as atividades de cada instituição, são vinculadas e mantidas por centros espíritas de todo o país. É prática consolidada, nesse meio, atrelar a cada Instituição Espírita a sua própria livraria e/ou editora. Este procedimento constitui-se, também, em marca identitária do trabalho Espírita no processo contínuo de divulgação da doutrina.

Desse modo, a doutrina se sedimenta por meio de uma literatura própria. O Espiritismo constrói uma literatura específica onde registra suas verdades. Os livros que compõem a doutrina estão distribuídos em uma literatura básica, centrada nos cinco livros que formam a codificação Kardequiana e uma literatura complementar, formada pelos textos psicografados: poesias relatos, romances, mensagens, cartas, crônicas, etc. e, ainda, por livros de autoria de intelectuais, adeptos vinculados a doutrina. Portanto, as mensagens veiculadas pela escrita mediúnica é um elemento da formação discursiva Espírita que tenta se firmar e se sedimentar em suas verdades: há “vida” após a morte do corpo físico e há a comunicação entre os que permanecem na terra e àqueles estão do outro lado da “vida”. Todo esse aparato de práticas se constitui em jogos de verdades que objetivam difundir, sedimentar e naturalizar a doutrina, em um contexto sócio histórico onde o respeito à pluralidade de práticas religiosas é um impositivo regulamentado por lei constitucional.

Neste capítulo buscamos discorrer sobre aspectos gerais do que seja a doutrina religiosa espírita. No capítulo que segue versaremos, especificamente, sobre o princípio da comunicação com os mortos no campo Espírita. Tratado, nessa doutrina como sendo o fenômeno mediunidade. Discorreremos acerca da origem do fenômeno mediúnico, sua função; seu sentido e sua *verdade*, além, das *verdades* Espíritas que justificam a sua existência. Versaremos, ainda, sobre o médium Espírita, observando o que é um médium; quem pode tornar-se médium; como se dá a sua iniciação e sua instrução; a sua função social e religiosa; as posições sociais que assume enquanto médium; a importância dos espíritos no fenômeno mediúnico e, por fim, os sentidos que justificam a existência desse técnico. O item sobre a discursivização produzida pelo Espiritismo sobre a vivência desse fenômeno traz um quadro tipológico das práticas mediúnicas Espíritas mais comuns, além de mostrar, sucintamente, como se dá o exercício dessas práticas.

II – SOBRE A COMUNICAÇÃO COM OS “MORTOS”: VERDADES ESPÍRITAS

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da natureza material, outorgou Deus aos homens a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio, ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço, e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.

ALLAN KARDEC. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Cap. XXVIII, nº 9

Em meio à diversidade de religiões cristãs e não-cristãs e aos diferentes conjuntos de traços identitários particulares que as singularizam, encontramos, também, aspectos comuns que as aproximam. A existência desses traços, segundo Eliade (2002, p.24), historiador das religiões, deve-se ao fato de não existir dentro da história das religiões, ou em qualquer outro campo, fenômenos “originais”, puros, uma vez que eles se ressignificam de conformidade com a maior ou menor intensidade dos contatos que realizam ao transitarem, no devir da história, de uma cultura para outra. Para o pesquisador, constitutivamente, “nenhuma religião é inteiramente nova, nenhuma mensagem elimina completamente o passado; trata-se, antes, de reorganização, renovação, revalorização, integração de elementos” (ELIADE, 2002, p. 24).

Dentre os mais diversos tipos de traços que funcionam como conectores religiosos, a crença na possibilidade de comunicação com o céu e com as divindades é, uma experiência mística antiga e marcante. Conforme Eliade (1991) o fenômeno é, pois, um tema mítico bastante difundido. Tem sua presença assegurada, nas mais diversas culturas religiosas, desde a humanidade arcaica até os nossos dias. Afirma o pesquisador que

antigamente as comunicações com o Céu e as relações com a divindade eram fáceis e ‘naturais’; devido a um erro no ritual, essas comunicações foram interrompidas e os deuses se retiraram ainda mais para o alto dos céus”. Somente os curandeiros, os xamãs, os sacerdotes e os heróis ou soberanos conseguiram estabelecer, de forma passageira e unicamente para uso próprio, as comunicações com o céu (ELIADE, 1991, p.37).

A presença efetiva desse fenômeno em diferentes culturas religiosas é, portanto, uma marca identitária singular. Como resultado dessa perenidade sedimenta-se a idéia do caráter universal desse fenômeno²⁶.

Eliade (1991) considera essa vivência mística como sendo uma experiência “originária”. As modificações, em seu uso, não possuem um caráter estrutural, elas representam, apenas, os diferentes modos de compreensão e valoração atribuídas ao fenômeno, por determinadas culturas. Fato que particulariza e singulariza o seu exercício em cada campo. A sua emergência e a sua conceituação, nos mais diversos meios culturais, está marcada, desse modo, pela forma singular como essa experiência foi compreendida e vivenciada, em todos os tempos, nas diferentes culturas.

Situando-nos na segunda metade do século XIX, tomamos conhecimento do modo como essa espécie de relação comunicativa, de característica desconexa e irregular, em certos meios culturais, assumem, na modernidade, feições, no dizer de Doyle (1995, p. 33), de uma “invasão organizada”: os espíritos “invadem” a Terra²⁷. O marco do início de relações regulares com Espíritos foi o episódio de Hydesville²⁸, nos Estados Unidos, em Nova York, ocorrido em 31 de março de 1848, com membros da família Fox, adeptos do protestantismo. Naquela época, o espírito de um mascate assassinado teria mantido com a família um “diálogo” regular, por meio de pancadas. Faziam-se as perguntas e ele as respondia, associando as pancadas a números: uma, duas, três ou mais pancadas, conforme o que fosse convencionado. Para obter respostas, um vizinho da família utilizou-se do código lingüístico em uso: o Espírito, “por meio de arranhões nas letras” indicou o seu nome: Charles B. Rosna. (DOYLE, 1995, p. 76).

Este mecanismo de comunicação foi, naquele momento, o primeiro processo de comunicação adotado pelos Espíritos. Logo, outra modalidade surgiu. O fenômeno ficou conhecido como o “caso das mesas girantes e falantes”: sob o toque das mãos, de certas pessoas, as mesas começavam um movimento giratório e, outras vezes, batia com os pés no solo, cada número de toque era associado a uma letra do alfabeto, formando,

²⁶ Sobre o fenômeno da Mediunidade na Bíblia ver *Analisando as traduções bíblicas*. São Paulo: Mundo Maior, 2009; do pesquisador Severino Celestino da Silva.

²⁷ Para uma visão da história do Espiritismo, na Europa e na América, ver *História do Espiritismo*, do escritor Inglês, Conan Doyle.

²⁸ Para uma maior descrição sobre esse caso, ver Doyle (p. 73-92).

desse modo, palavras, frases e, ainda, pequenos textos. Naquela época, a prática se espalhou rapidamente pela Europa: os Espíritos se comunicaram por esse meio, simultaneamente, em vários países do mundo e, como vimos no item 1.2, inclusive no Brasil.

Na França, conforme Wantuil (1969, p.30-33) a comunicação por meio da “mesas girantes e falantes”²⁹ tornou-se pública, em 1853. As causas da sua produção foram atribuídas, inicialmente, ora a propriedades magnéticas, ora à intervenção de almas de “mortos”. A idéia de um discurso instituído acerca da influência de Espíritos e, posteriormente, a formação de um saber de como funciona esse meio de comunicação foi firmada com a experiência, realizadas por Kardec, por meio de médiuns, pessoas que se diziam aptas a servir de intermediários para os Espíritos, como vimos no item 1.1. Para o Espiritismo, a emergência de um discurso sobre o contato regular com seres espirituais teve, portanto, data, lugar e sujeitos determinados, o caso de Hydesville. Entretanto, é o fenômeno da “mesas girantes e falantes”, o marco oficial do surgimento do Espiritismo na França. A partir dessa modalidade comunicativa, Allan Kardec iniciou a sua pesquisa sobre o fenômeno da comunicação com os “mortos”. Doyle, no entanto, defende que o caso do vidente sueco Emmanuel Swedenborg pode ser considerado como “o pai do nosso conhecimento dos fenômenos supranormais” (DOYLE, 1995, p. 33).

O diferencial no processo investigativo desse pesquisador é que os fundamentos teóricos que regem o funcionamento dessa produção comunicativa, conforme afirmou, não foram descobertos por ele, mas *revelados* por Espíritos que dissertaram acerca de temáticas relativas ao mundo espiritual. Em resumo: a singularidade, nesse caso, é que são os próprios Espíritos as vozes autorizadas para informar como funciona essa modalidade de produção de discursos e quais os motivos de sua existência. É, portanto, por meio da “voz” dos Espíritos desencarnados, que Kardec constitui um dizer sobre as relações comunicativas entre “vivos” e “mortos”, denominada pela doutrina Espírita de mediunidade. O discurso de Kardec sobre a constituição da doutrina é colocado pelos adeptos da doutrina como um dizer que circula com valores de verdades porque

²⁹ Sobre o fenômeno das “mesas girantes e falantes” ver, também, *As mesas girantes e o Espiritismo de Zéus Wantuil*. Brasília-DF, editora da FEB, 1994.

foi sistematizado a partir de resultados de uma pesquisa experimental produzida por Kardec, como vimos no item 1.1.

No item que se segue, procuraremos apresentar uma leitura de como a doutrina Espírita “acolhe e faz funcionar como verdadeiros” um discurso de *verdades* sobre a “origem”, o sentido, a função e a *verdade* do fenômeno da comunicação com os “mortos”.

2.1 Mediunidade: “origem”, *verdade*, função e sentido

Conforme o antropólogo social Ioan M. Lewis (1977, p. 14-15) as experiências vivenciadas pelos indivíduos, seja no campo religioso, seja em qualquer outro domínio, relacionam-se com o ambiente em que é experimentada. Desse modo, elas carregam “a marca da cultura e da sociedade em que aparece”. A partir desse entendimento, passamos a fazer o estudo de como a doutrina Espírita, enquanto opção religiosa presente no cotidiano da sociedade brasileira desde a modernidade, conceitua o fenômeno da mediunidade.

Na religiosidade Espírita, o tema da comunicação com “os mortos” é discursivizado como sendo a modalidade de comunicação entre a alma de um “morto”: Espírito desencarnado que perdeu o corpo físico, por meio do fenômeno da morte biológica e um médium: Espírito encarnado que possui a habilidade de manter, de forma variada ou não, um contato permanente com desencarnados.

O discurso Espírita fundamenta a *verdade* do fenômeno mediúcnico no princípio teórico de que a comunicação entre Espíritos é uma característica constitutiva da natureza do Espírito, ou seja, o Espírito possui uma organização fisiológica apropriada para o ato comunicativo. A discursivização sobre a imanência desse traço espiritual é produzida a partir da construção de uma conceituação espírita para a noção de pessoa³⁰. Conforme Mauss (1974), essa noção diz respeito à representação que as diferentes sociedades e culturas fazem do ser humano. Por se tratar de olhares culturais diversos,

³⁰ Este objeto discursivo foi, também, tratado, numa perspectiva antropológica, pela pesquisadora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1983), em seu livro: *O mundo invisível: Cosmologia, Sistema Ritual e Noção de pessoa no Espiritismo*. Nele a autora parte da construção da noção de pessoa para compreender o fenômeno da mediunidade no Espiritismo.

certamente esse objeto discursivo é, também, tratado de modo heterogêneo. O ato de se construir uma representação para o indivíduo é uma prática perene e universal. Vejamos como o Espiritismo trata essa questão.

Tomando como referência informações dos Espíritos, Kardec (2004a, p. 51), afirma que o ser humano é constituído por três elementos: o Espírito, o perispírito e o corpo de carne. “(...) o espírito é assim um ser duplo [espírito e perispírito] e o homem um ser triplo” (KARDEC, 2006, p. 171).

O Espírito é, conforme Kardec, (2004a, p. 15) “o elemento principal dessa união, pois é o ser pensante” que sobrevive ao fenômeno da morte, uma vez que é imortal, e leva consigo o envoltório perispiritual. Vejamos, sucintamente, como se apresenta cada um desses componentes.

Para o Espiritismo, o Espírito não é criado no momento da concepção: pré-existe ao evento. Desse modo, quando surge, por exemplo, para uma existência terrena, o Espírito não nasce, encarna: reveste-se de um corpo carnal, apropriado para a sua vivência no planeta. Por outro lado, ele não morre, desencarna: perde, apenas, o corpo material, físico, preservando a consciência do eu, da individualidade e a forma habitual, humana. Na sua forma encarnada, o Espírito é denominado, também, de Alma. No discurso Espírita, usa-se, portanto, o termo encarne e desencarne, respectivamente, para o nascimento e morte do ser humano, como uma forma de mostrar a pré-existência e a imortalidade do Espírito. Nessa perspectiva religiosa os Espíritos vivem, portanto, ora como encarnados, ora como desencarnados.

Conforme a doutrina, a morte do corpo material não representa, entretanto, a morte do corpo espiritual, nem tampouco do corpo perispiritual. Desse modo, o Espiritismo ressignifica, tanto o conceito de vida, quanto o de morte. Segundo seus fundamentos teóricos, “a morte é apenas a destruição do envoltório corporal que a alma abandona, como o faz a borboleta com a crisálida, conservando porém seu corpo fluídico ou perispírito” (KARDEC, 2006, p. 171). A morte é tratada, portanto, como rito de passagem para outra espécie de vida e não como o fim desta. Assim, a vida não cessa, com a mudança de planos de existência ela assume, apenas outra configuração.

Segundo a doutrina, os Espíritos, de um modo geral, pertencem a graus diferentes. Esse princípio permitiu a Kardec produzir uma tipologia dos Espíritos. Considerando seus caracteres gerais, classificou-os em três ordens principais: os espíritos perfeitos (puros); os que estão no meio da escala e, os Espíritos imperfeitos.

No que diz respeito a sua aparência física como desencarnado, os Espíritos, explica Kardec, não são “seres vagos e indefinidos, nem chamados (...) nem fantasmas. (...). São seres nossos semelhantes, tendo como nós um corpo, mas fluídico e invisível no estado normal” (KARDEC, 2006, p. 170). A essência dos Espíritos difere de tudo o que se conhece pelo nome de matéria. Por isso, são tratados como “incorpóreos”, “imateriais”, no entanto, eles se constituem por uma espécie de matéria que não é percebida pelos sentidos humanos. Kardec explica que o Espírito desencarnado compõe o mundo espiritual, invisível, que “povoou o espaço e no meio do qual vivemos, sem disso desconfiar, como vivemos no mundo dos infinitamente pequenos, de que não suspeitávamos, antes da invenção do microscópio” (KARDEC, 2006, p. 172). Segundo a doutrina, enquanto encarnados, os Espíritos constituem a humanidade ou o mundo corporal visível que pode deixar de existir ou nunca ter existido, sem com isso alterar a essência do mundo espírita.

Conforme Kardec, quando encarnado, o Espírito se reveste de um corpo carnal, o qual é conceituado como sendo um invólucro material, grosseiro e perecível. Quando desagregado pelo fenômeno da morte biológica, ele é abandonado pelo Espírito que retorna, juntamente com o seu perispírito, para o mundo espiritual. O corpo de carne tem, para o Espírito, a função de proporcionar as condições necessárias para que ele possa vivenciar as suas diferentes reencarnações.

O perispírito ou o corpo perispiritual, por sua vez, é tratado como sendo o invólucro fluídico, semimaterial que faz “parte integrante do espírito, como o corpo faz parte integrante do Homem” (KARDEC, 2004a, p. 52). Assim, seja durante a sua união com o corpo, no nascimento, seja após a separação, na morte do corpo carnal, o Espírito jamais o abandona. O corpo perispiritual é formado de uma matéria sutil e flexível que pode ser moldada, de conformidade com a vontade do Espírito. Este pode dar-lhe a forma que for conveniente ao seu aparecimento, em circunstâncias dadas. Conforme Kardec (2004a, p. 53), graças a essa propriedade, o Espírito pode aparecer, para efeitos de reconhecimento, quando necessário, com a mesma aparência que mantinha, quando desencarnado. Ele (1985, p. 45) explica que o perispírito atua como um corpo intermediário entre o Espírito e o corpo de carne. Funciona, portanto, como uma espécie de órgão de transmissão de todas as sensações dos Espíritos, esteja ele encarnado ou desencarnado. Desse modo, quando encarnado, se a sensação vier para o Espírito do exterior, “o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito,

que é o ser sensível e inteligente, a recebe”. Se, ao contrário, a sensação parte do Espírito, o perispírito recebe a sensação e a transmite ao corpo que a exterioriza. É, desse modo, o corpo perispiritual quem garante a possibilidade de contato entre o Espíritos. Afirma Kardec (2004a, p. 99): “o perispírito, como se vê, é o princípio de todas as manifestações”. Desse modo, o mundo físico e o mundo material, apesar de serem independentes, mantêm segundo os espíritas, uma correlação incessante. Os espíritos desencarnados atuam constantemente sobre o Espírito encarnado, por meio da faculdade mediúnica, muito mais do que se tem conhecimento.

O acolhimento da verdade Espírita sobre a noção de pessoa como ser constituído pela tríade: corpo, perispírito e espírito justifica afirmações kardequianas sobre a mediunidade como: “são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns” (KARDEC 2004a, p. 139); ou, ainda: “desde que houve homens, houve também Espíritos, e que se estes têm o poder de manifestar-se, deviam tê-lo feito em todas as épocas e entre todos os povos” (KARDEC, 2006, p. 175); e, ainda: o fenômeno mediúnico está vivo, desde os tempos mais remotos, “entre todos os povos antigos e modernos, nos livros santos de todas as religiões conhecidas” (KARDEC, 2004a, p. 18). Partindo, portanto, do princípio da existência do Espírito e da sua estrutura fisiológica apropriada para a função comunicativa, seja na condição de encarnado ou desencarnados Kardec, concluiu que a comunicação entre “vivos” e “mortos” é um fenômeno perene, ou seja, existiu desde sempre, embora sob outras configurações.

Fazendo uma análise comparativa dos enunciados produzidos ” por Kardec e Eliade sobre a perenidade da idéia da comunicação com os “mortos, em diferentes condições de produção discursiva (circunstância, tempo, lugar), veremos que ambos estão de acordo com o traço de perenidade inerente ao princípio da comunicação com os “mortos”. No entanto, ao contrário do historiador das religiões, Kardec, de conformidade com os ensinamentos dos Espíritos acolhe a teoria da natureza fisiológica dos Espíritos como explicação para a existência da comunicação entre vivos e “mortos”, enquanto fenômeno natural, e, portanto, existente desde o surgimento do ser humano. Desse modo, Kardec sistematiza um dizer sobre a temática que circula com um valor de verdade. Pela ótica Espírita, a comunicação com os “mortos”, por meio da mediunidade, passa assim, da categoria de fenômenos sobrenaturais para “ordem das coisas naturais” (KARDEC, 2004a p. 24). A doutrina Espírita constrói, assim, um dizer sobre a

mediunidade que justifica a existência desse fenômeno e sedimenta a doutrina enquanto opção religiosa que, conforme o codificador, “vem, portanto, em auxílio da Religião, ao demonstrar a possibilidade de alguns fatos que, por não serem milagrosos, não são menos extraordinários” (KARDEC, 2004a, p. 24).

A mediunidade, enquanto processo de produção discursiva, ocupa, portanto, uma posição fundamental, no interior da doutrina Espírita. Tem como função principal garantir a continuidade das relações entre Espíritos encarnados e desencarnados que vivem em diferentes planos existenciais. Funciona de modo a atender às mais diversas circunstâncias enunciativas, dos sujeitos envolvidos no processo discursivo: o sujeito-Espírito enunciador desencarnado; o(s) sujeito(s) Espírito(s) enunciatário(s) encarnado(s): o médium e/ou aqueles que dialogam por seu intermédio. A semelhança dos enunciadores terrenos encontra-se, dentre os enunciadores espirituais, as mais diversas posições discursivas³¹: instrutores, médico, pai, mãe, filho, padre, pastor, irmão, etc. Os diálogos variam, portanto, de conformidade com as condições de produção discursiva que envolvem os enunciadores/enunciatários: o espaço, o tempo e as circunstâncias em que ocorrem o processo enunciativo.

Para a doutrina, a comunicação mediúnica, de um modo geral, tem como objetivo servir, não aos interesses individuais, mas ao coletivo: atuando como meio através do qual o conhecimento sobre os princípios espirituais podem ser repassados para a humanidade, ela coopera com o processo de evolução moral da humanidade. Conforme a doutrina dos Espíritos, “a mediunidade não é dada para a correção de uma ou duas pessoas. Não. O objetivo é maior: trata-se da humanidade. Um médium é um instrumento que, como indivíduo, importa muito pouco” (KARDEC, 2004a, p. 200).

Segundo o Espiritismo, por meio da mediunidade, o sujeito-Espírito desencarnado pode, dentre outras ações, convencer os homens de que a morte não existe; fornecer-lhes informações detalhadas acerca do funcionamento da vida além túmulo; informar a situação em que se encontra, trocar informações produtivas sobre como proceder na existência terrena; explicar como se dá a influência do mundo espiritual sobre o mundo dos homens; instruir o médium sobre como exercer sua mediunidade. Dependendo do estágio evolutivo do Espírito-enunciador, este pode,

³¹ Utilizamos a noção de posição discursiva, conceito foucaultiano (FOUCAULT, 2000a, p. 109) como lugares do dizer, “vazios”, que podem ser ocupados por diferentes indivíduos para ser sujeito do que diz, como por exemplo: enunciar da posição discursiva de mãe, pai, filho, professor, médium, Espírito, etc.

também, influenciar os escarnados de forma negativa, atrapalhando o seu desempenho, nas mais diversas circunstâncias cotidianas. Existindo como prática de produção de discursos a mediunidade atua como mecanismo não só de materialização de discursos como, também, de dispositivo que controla os sujeitos enunciadore e as condições de produção discursivas desses sujeitos, como veremos no item 2.3.

Conforme a doutrina, a mediunidade, para o sujeito-médium, funciona como uma forma de demonstrar-lhe, materialmente, a existência do Espírito: sua individualidade, sua imortalidade e a sua comunicabilidade. A mediunidade é, para ele, a prova cabal da existência dos Espíritos e da sua sobrevivência após a morte física. O exercício da mediunidade produz a possibilidade de que o médium possa servir como veículo transmissor de informações sobre o mundo espiritual e, ao mesmo tempo, instruir-se e educar os outros, contribuindo, desse modo com o progresso moral da humanidade.

Para os encarnados, de uma forma geral, a mediunidade, também pode funcionar como prova da existência dos Espíritos e de sua imortalidade. Ao contribuir com a ressignificação do conceito de morte e de vida, a mediunidade provoca nos homens uma mudança no modo de ver a vida futura e, também a vida terrena. Conforme Kardec, essa nova forma de comportamento gera “enorme conseqüências sobre a moralização do homem.” (KARDEC, 2000, p. 49).

Para o Espiritismo a comunicabilidade dos Espíritos é um princípio fundante. A prática mediúnica funciona, portanto, como forma de sedimentar a sua existência, enquanto doutrina revelada. A mediunidade garantiu não só a sua emergência, no cenário religioso da modernidade, como também, assegura a sua permanência, por meio da atualização de seus princípios e, ainda, da introdução de novas informações sobre o funcionamento da vida além-túmulo. A mediunidade é, para os espíritas, a prova “viva” que assegura, para o Espiritismo, o lugar de doutrina religiosa, filosófica e científica responsável por revelar as verdades da existência do mundo espiritual, por meio da voz autorizada dos Espíritos: aqueles que por narrarem a sua experiência própria, assumem a posição de sujeitos, cujos discursos são portadores de *verdades*. A mediunidade

demarca, assim, o seu lugar enquanto prática discursiva³² por meio da qual a doutrina produz sentidos para justificar o exercício de seus princípios pelos seus adeptos.

No item seguinte tratamos sobre “as verdades acolhidas pelo Espiritismo” sobre a heterogeneidade das práticas mediúnicas, o modo como existem e a forma como funcionam.

2.2 Da prática mediúnica: tipologia, existência e funcionamento.

Aqui procederemos ao estudo de como a doutrina Espírita põe em funcionamento a prática da mediunidade, por meio de diferentes técnicas mediúnicas. Como já foi colocado, o Espiritismo conceitua a mediunidade como uma prática comunicativa natural entre Espírito encarnado e desencarnado. Isto, porque concebe o Espírito como um corpo fisiologicamente preparado para desempenhar o exercício da comunicação. A doutrina considera o perispírito como o corpo responsável por esse processo de produção de discurso: “por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos”³³. (KARDEC 1985, p. 46).

Desse modo, os Espíritos-enunciadores desencarnados podem atuar, segundo a doutrina, sobre os órgãos do seu corpo carnal e produzir discursos, linguísticos e/ou não linguísticos³⁴, “através da visão, nas aparições; do tato, pelas impressões tangíveis, ocultas ou visíveis; da audição, pelos ruídos, do olfato, pelos odores sem causa conhecida” (KARDEC, 2004a, p. 125). Para tanto, é necessário que o médium esteja predisposto a se comunicar por meios de um desses órgãos, ou melhor, que ele apresente uma estrutura fisiológica apropriada para certas modalidades de comunicação mediúnica. KARDEC (1985, p. 58) afirma que o Espírito, ao se identificar com a pessoa que deseja se comunicar, pode não só transmitir-lhe o seu pensamento, como

³² Adotamos o termo práticas discursivas como modos de se constituir “coisas” em objetos discursivos, isto é, coisas que possam ser descritas e nomeadas: circular com sentidos.

³³ Para uma observação criteriosa sobre os tipos de mediunidade, dentro do campo religioso Espírita, ver a tipologia produzida por Kardec, em O Livro dos Médiuns.)

³⁴ Discursos não linguísticos são aqueles que emergem por meio de outras materialidades como som, imagem, gestos, ou seja, aqueles que não se materializam por meio de um código linguístico verbal ou oral.

também “exercer sobre ela uma influência física, fazê-la agir ou falar à sua vontade, obrigá-la a dizer o que ele queira” ou seja, utilizar os “órgãos do médium, como se seus próprios fossem.” Entendemos que, para a doutrina Espírita, a diversidade de órgãos que o corpo predispõe para a comunicação e, ainda, as particularidades da “natureza mais ou menos expansiva do perispírito do médium e da maior ou menor facilidade da sua assimilação pelo Espírito” (KARDEC, 1985, p. 57), explicam a origem das mais variadas formas de mediunidade e o seu desenvolvimento nos mais diferentes graus.

Conforme Kardec (2004a, p.130-134) os Espíritos desencarnados se comunicam, espontaneamente ou por evocação, através de efeitos físicos e/ou intelectuais. De uma forma geral, explica o pesquisador, há em todos os fenômenos mediúnicos, quase sempre um efeito físico associado a um efeito inteligente, sendo às vezes difícil identificá-los. Na época em que Kardec pesquisou a mediunidade de efeito físico, eram comuns os contatos produzidos por meio da tiptologia, espécie de pancadas que o espírito produzia fazendo, por exemplo, uma mesa se elevar e bater o pé respondendo à perguntas, convencionando-se como resposta, por exemplo, uma batida para o sim e duas para o não. A esse modo de comunicação, os espíritos associavam o contato por meio da semiologia. Esta consistia em demonstrar os sentimentos por meio de sinais, representados pela maior ou menor força aplicada às batidas. Por exemplo: para o sentimento da raiva, movimentos bruscos; para sentimentos de simpatia, movimentos suaves ou, ainda, para dirigir-se a uma pessoa, movimentos suaves ou violentos, de conformidade com o sentimento que queira lhe demonstrar. Com o exercício, a prática da tiptologia foi aperfeiçoada: por meio de pancadas o espírito indicava as letras do alfabeto para formar palavras, frases e textos. Embora aperfeiçoada, esse modo de comunicação não oferecia condições para comunicações longas. Com a prática, portanto, descobriu-se meios mais rápidos e mais fáceis como a escrita psicográfica. Embora mais raro, outros contatos comunicativos por meio de efeito físico são produzidos pelos espíritos por meio da “suspensão de corpos pesados no espaço, o transporte através do ar e, sobretudo, as aparições” (KARDEC, 2004a, p. 139). Quanto às comunicações dos espíritos por meio de efeitos intelectuais, estas podem ser produzidas, conforme Kardec (1985, p. 46), por meio da transmissão de pensamento, da visão, da audição, da palavra, do tato, da escrita, do desenho, da música, dentre outras formas.

Conforme o Espiritismo, sendo a mediunidade de origem orgânica é, portanto, pela diversidade de órgãos que se define as diferentes modalidades mediúnicas e, por conseqüência, as diferentes posições de médium. Esses modos variam, todavia, de conformidade com a capacidade mediúnica, assim, teremos tantas espécies quantas forem aptidões desenvolvidas. O lugar de médium é, desse modo, constitutivamente heterogêneo. A observação sistemática da diversidade de práticas mediúnicas, por Kardec, permitiu-lhe produzir um quadro tipológico das principais modalidades de produção discursiva mediúnica e, também, dos principais tipos de médiuns. Atentando para o cumprimento dos objetivos desse estudo reproduziremos no quadro abaixo, sucintamente, um quadro tipológico dos tipos mais comuns de mediunidade e de médiuns. Vejamos:

Quadro 1 – Tipos básicos de mediunidade e de médium

A Mediunidade sensitiva	O médium sensitivo
<p>Os Espíritos fazem o médium sentir sua presença, por meio da sensação agradável ou desagradável que exalam, ou ainda de sua individualidade. A sensação de (des)agradabilidade que emitem é proporcional ao seu grau de evolução moral. A percepção do grau de evolução moral pode, nesse caso, ser “medida” por meio desses odores. É uma “faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras” (KARDEC, 2004a, p. 430).</p>	<p>Sente a presença dos espíritos por meio da sensação (des)agradável emitida por eles. Para o médium, essa presença se confirma por uma espécie de arrepio. Ao entrar em contato com as sensações produzidas pelo Espírito, ele pode não só identificar a natureza evoluída ou involuída do Espírito como, também, a individualidade dele.</p>
Mediunidade de inspiração	O médium intuitivo
<p>O Espírito emite as idéias ao médium, espontaneamente, por meio telepático. A influência do Espírito é tão sutil que essas idéias se confundem com as do médiuns. Nessa modalidade Os Espíritos se</p>	<p>Capta a mensagem do Espírito e transmite por meio da língua falada ou escrita. Nessa modalidade de intercâmbio espiritual, o médium experiente sabe fazer a distinção entre as suas idéias e as</p>

<p>comunicam regularmente em diferentes circunstâncias, seja em afazeres comuns, seja em tarefas complexas como pesquisas científicas. Dependendo do recolhimento do médium, a comunicação é efetuada a qualquer hora do dia ou da noite e, até durante o sono. Conforme Kardec, “há bem poucas pessoas que não tenham sido inspiradas em certos momentos” (KARDEC, 2004a, p. 156).</p>	<p>que foram sugeridas; os inexperientes podem por em dúvida a sua capacidade mediúnica. O papel do médium, nesse caso, é de um tradutor.</p>
---	---

A Mediunidade de pressentimento	O médium de pressentimento
<p>Os Espíritos agem sobre a mente dos médiuns lhes prenunciando acontecimentos felizes ou infelizes, que podem ocorrer ao médium ou a outras pessoas. As idéias funcionam como uma espécie de conselho. Nesse tipo de mediunidade, os Espíritos emitem suas idéias a um só médium ou simultaneamente, a diferentes médiuns de uma só vez, em diferentes lugares. Esse procedimento justifica o fato de “como a mesma idéia surge ao mesmo tempo em cem pontos diversos e em milhares de cérebros” (KARDEC, 2004b, p.171).</p>	<p>Recebe as informações do Espírito comunicante sobre acontecimentos futuros, mediante “a voz da consciência” que faz ressoar em seu íntimo. Essas informações chegam, certas vezes, de forma vaga: como se fosse uma espécie de lembrança; outras vezes, de forma mais clara. Um exemplo são as comunicações individuais de Espíritos que nos aconselham a desistir de uma viagem programada ou, ainda, o aviso da desencarnação a pessoas moribundas que encaram o fenômeno da morte como um evento de “passagem”.</p>
A mediunidade intuitiva	O médium inspirado
<p>O Espírito comunica suas idéias, por meio do Espírito do médium. A mensagem pode ser repassada por meio da língua falada ou escrita. Neste tipo é difícil fazer a distinção entre as idéias emitidas pelo Espírito e as idéias do médium. Uma forma de diferenciar um discurso do outro é procurar verificar se são preconcebidos ou</p>	<p>Recebe, pelo pensamento, as idéias que os Espíritos transmitem sutilmente. O médium, portanto, nem sempre sabe distinguir se as idéias são suas ou do Espírito. As idéias são recebidas, quase sempre de modo súbito e “abundam, seguem-se, encadeiam-se como que por si mesma, num impulso involuntário e quase</p>

<p>se “surgem à proporção que o médium vai escrevendo” ou falando e, ainda, se estão “fora dos conhecimentos e da capacidade do médium” (KARDEC 1985, p. 650. Como conseqüência, os médium podem passar a duvidar da sua própria capacidade mediúnica.</p>	<p>febril” (KARDEC, 2004a, p.155). Os artistas e os cientistas, por exemplo, são inspirados por Espíritos. “É assim que eles são, na maioria das vezes, médiuns sem o saberem. Eles têm, não obstante, uma vaga intuição de serem assistidos” (KARDEC, 2004a, p. 155).</p>
--	--

A mediunidade audiente	O médium ouvinte
<p>Os Espíritos se comunicam, espontaneamente ou por evocação, através da audição do médium. Agindo sobre o aparelho auditivo do médium, o Espírito pode produzir gritos e sons vocais. Estes são recebidos de forma clara e distinta, como uma voz que se faz ouvir internamente, ou ainda como uma voz exterior articulada bem próxima ao médium. O Espírito pode dialogar com um médium ou com um ouvinte, por seu intermédio. Nesta modalidade, o médium involuído moralmente pode receber comunicações de Espíritos não evoluídos que agem “fazendo-lhe ouvir a cada minuto as coisas mais desagradáveis e algumas vezes mais inconvenientes” (KARDEC, 2004a, p. 144).</p>	<p>Recebe a comunicação com os espíritos por meio da audição. Ouve a voz, clara e distinta, dos Espíritos de modo interno ou externo, como a de um espírito encarnado e, com ele trava diálogos. A recorrência de conversação com os mesmos espíritos permite que os reconheça pelo timbre da voz.</p>
Mediunidade de psicofonia	O médium audiente
<p>A comunicação espiritual é efetuada por meio da voz do médium sem incorporação: “dois espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo” (KARDEC, 2004b, p. 185). O Espírito emite o pensamento, agindo sobre as cordas vocais do médium. Nesse caso, a voz funciona como “um instrumento de que o Espírito se serve e com o qual outra pessoa pode conversar com ele”, KARDEC, 2004a, p. 144). A recepção é feita de duas</p>	<p>Escuta a voz do Espírito. É aquele que, “embora esteja perfeitamente desperto e em condições normais” (KARDEC, 2004a, p. 144), recebe e transmite, sem ouvir, a mensagem do Espírito e, a maioria das vezes não se lembra do teor dela.</p>

<p>formas: o médium recebe a comunicação maquinalmente, portanto, não conhece o seu teor; ou, o médium tem a “intuição dos que estão [os espíritos] dizendo, no momento em que pronunciam as palavras” (KARDEC, 2004a, p.144).</p>	
--	--

A mediunidade de vidência	O médium vidente
<p>O Espírito contacta com um médium, tornando-se visível. Apresentam-se de modo vaporoso, vago e impreciso como um “clarão esbranquiçado, cujos contornos pouco a pouco se acentuam” (KARDEC, 1985, p. 48); outras vezes, de forma nítida, desse modo: “pode, pois, uma pessoa estar em presença de um Espírito, trocar com eles palavras e gestos (...) sem suspeitar sequer que tem diante de si um Espírito” (KARDEC, 1985, p. 49). Para se tornar visível, além da sua vontade, ele necessita dar ao seu “perispírito a condição necessária para se tornar visível” (KARDEC, 2004a, p. 97): só por meio da associação do perispírito do Espírito comunicante com o perispírito do médium, é que ele pode ser visto pelo médium. Essa mediunidade se caracteriza pela “possibilidade, senão permanente, pelo menos muito freqüente de ver os Espíritos que se aproximam mesmo que estranhos” ao vidente (KARDEC, 2004a, 145).</p>	<p>Tem a capacidade de ver os Espíritos, familiares ou estranhos, que surgem por meio da aparição espontânea ou da evocação. Essa faculdade não é perene, pois, a “visão geral e permanentemente dos Espíritos é excepcional e não pertence às condições normais do homem” (KARDEC, 2004a, p. 93) Esse tipo de médium vê os espíritos de olhos abertos ou fechados, pois conforme explica Kardec (2004a, p. 145) ele não vê “pelos olhos (...), na realidade é a alma que vê. (...) dessa maneira, um cego pode ver os Espíritos como os que têm uma visão normal”. Dentre os médiuns videntes, há os que podem fazer uma descrição detalhada dos gestos, da fisionomia, do rosto, das roupas e, até, dos sentimentos que revelam.</p>
A mediunidade de cura	O médium curador
<p>O Espírito se comunica com a finalidade de produzir a cura, sem medicamentos. Agem sobre as mãos, olhos ou o do corpo do médium. Essa mediunidade é espontânea e pode ser desenvolvida. Muitas pessoas a possuem, embora a desconheça. Um caso exemplar é a</p>	<p>Sob a influência do contato com Espíritos sobre os órgãos do seu corpo, podem promover a cura por meio do toque, do olhar e de gestos, sem a prescrição de medicamentos</p>

<p>benzedura: ritual em que o benzedor ou a benzedeira promove a cura, utilizando-se da prática da reza e do uso de elementos da natureza: ramos de plantas que são lançados sobre o paciente, por meio de certos movimentos. O grau mais aperfeiçoado dessa mediunidade, permite a cura instantânea com a simples imposição das mãos ou pela prece.</p>	
--	--

A mediunidade de pneumatografia	O médium pneumatográfico
<p>Esta mediunidade é rara. O Espírito se comunica por meio da escrita direta sobre qualquer objeto material: pedra, madeira, papel, etc. Para tanto ele mesmo produz os instrumentos utilizados: “a grafite do lápis vermelho, a tinta de impressão tipográfica ou a tinta comum de escrever, como a do lápis preto e até mesmo caracteres tipográficos suficientemente duros para deixarem no papel o rebaixo da impressão, como tivemos ocasião de ver” (KARDEC, 2004a, p. 132).</p>	<p>Serve de mediador, (in)voluntário do Espírito comunicante no registro de sinais, letras, palavras, frases, ou até textos longos. A escrita é realizado pelo próprio Espírito diretamente sobre papel, pedra, madeira, etc.</p>
A mediunidade de psicografia	O médium psicógrafo
<p>Os Espíritos se comunicam através da escrita indireta: coloca-se um suporte, uma cesta, por exemplo, acoplada em um lápis para que esta, sob o toque da mão do médium, deslize sobre o papel e produza os caracteres; ou, ainda, pela escrita direta, também chamada de manual ou involuntária: o Espírito age sobre a mão do médium que se move “independente da vontade do escrevente; movimenta-se sem interrupção, (...), enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer, e pára desde que este último haja concluído” (KARDEC, 1985, p. 64. Quando termina o registro “ a mão se imobiliza e o médium, (...), não</p>	<p>Registra o pensamento de forma indireta: o Espírito age sobre a mão do médium que pega o lápis e escreve ou de forma indireta: o Espírito age sobre o médium, este move o braço e a mão sobre um objeto que serve de instrumento como, por exemplo, uma cesta; esta acoplada ao lápis serve de apoio na produção da escrita.</p>

consegue obter mais nem uma palavra” (KARDEC, 2004a, 178).	
---	--

Esse quadro tipológico das diferentes modalidades de comunicação entre Espíritos desencarnados e encarnados e, dos diferentes tipos de médiuns, proposto pela doutrina Espírita, dá-nos uma dimensão da heterogeneidade constitutiva da natureza do processo discursivo mediúnico. Pelas variadas técnicas, os Espíritos podem, conforme a doutrina Espírita, atestar a sua existência, a sua imortalidade e a sua influência sob o mundo material, no caso a Terra.

Quanto às modalidades de funções médiuns; estas só podem ser exercidas pelo espírito encarnado se este possuir uma estrutura fisiológica organizada para assumi-las. Desse modo, alguns podem desenvolver a capacidade de exercer todos os tipos e, então, são considerados um sujeito-médium completo, enquanto outros, apenas algumas ou, até mesmo, uma única modalidade. Além do mais, é bom notar que uma mesma função médium pode ser executada em graus diferentes de eficiência, devido à capacidade do sujeito-médium de exercitá-la. Desse modo, teremos uma espécie de sub-tipos de uma mesma posição médium. Esse princípio explica porque há médiuns que só podem atuar com “Espíritos de certas categorias, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior” (KARDEC, 1985, p. 58).

Conforme a doutrina, a mediunidade, por ser de origem orgânica, pode emergir, nas suas diferentes nuances, de forma espontânea: em qualquer pessoa, independente de sexo, de idade, de raça, de crença religiosa, de qualidade moral ou capacidade intelectual; ou, ainda, de modo induzido, através de exercícios. Para a sua eclosão não existe um tempo adequado, ela pode surgir na infância, na juventude ou na fase adulta: “em todas as idades e freqüentemente em crianças ainda pequenas” (KARDEC, 2004a, p. 140). A doutrina orienta que o mais sensato é deixar que os “fenômenos sigam o seu curso natural” (KARDEC, 2004a, p. 141-147), ou seja, que a mediunidade se “desenvolva por si mesma”. Por outro lado, se for desencadeada pelo modo induzido, o candidato deve ter idade igual ou superior a dezoito anos. Isto porque, a doutrina defende como verdade o fato de que nessa idade o indivíduo já atingiu o desenvolvimento físico e psíquico adequado ao exercício das práticas mediúnicas: já

pode adquirir um poder/saber que lhe permite governar o corpo por meio de técnicas que objetivam controlar a produção dos discursos dos médiuns e dos Espíritos. Kardec explica que para o desenvolvimento da mediunidade de forma induzida, além da intenção, do desejo, da boa vontade, da calma e do recolhimento do iniciante, este deve “escolher dias e horas para a prática mediúnica” (KARDEC, 2004a, p. 179). Através do experimento, o candidato pode descobrir que há a possibilidade de “ser médium sem o perceber em um sentido diferente do que se pensa” (KARDEC, 2004a, p. 173). Independente da sua forma de emergência é necessário que o candidato passe do estágio inicial de médium natural para a posição médium facultativo: aquele que produz os eventos comunicativos a sua vontade. Para tanto, ele deve necessariamente, conforme o pesquisador (KARDEC, 2004a, 142) buscar fundamentar sua prática nos fundamentos teóricos espíritas que orientam o exercício da mediunidade. Afirma Kardec: “o estudo prévio da teoria é indispensável” (KARDEC, 2004a, p. 177) para o exercício produtivo da mediunidade.

Outro procedimento recomendado no processo de desenvolvimento da mediunidade é a procura da orientação de Espíritos desencarnados e encarnados. Conforme a doutrina, todo ser humano tem ao seu lado um Espírito protetor, um mentor: espécie de anjo da guarda, no dizer da religião católica, cuja missão é acompanhar e ajudá-lo no seu progresso moral e intelectual. Uma das funções desse Espírito é assessorar o desenvolvimento da mediunidade do seu protegido, quando este apresenta indícios de uma modalidade a desenvolver. Além dele, o médium, também, pode ser acompanhado, sob a permissão e orientação de seu mentor, por outros Espíritos desencarnados, familiares ou simpáticos. Quanto aos auxiliares do plano físico, o iniciante pode contar com o “auxílio de um bom médium já formado” (KARDEC, 2004a, p. 173) ou participar de pequenos grupos de estudos dirigidos por médiuns que detenham os fundamentos teóricos espíritas que devem subsidiar o exercício da mediunidade. Para tanto, há, nos centros Espíritas, instrutores de mediunidade capacitados para dirigir grupos de estudos e a prática mediúnica. Conforme a doutrina, “a educação ou desenvolvimento mediúnico é um trabalho para toda a vida. Começa antes da reencarnação, continua nela, prossegue no além-túmulo”. (FEB, 2008, p.144).

Entendemos que o estudo dos fundamentos básicos que regem a prática mediúnica, nesse campo, faz parte do processo de iniciação do candidato: primeiro a

eclosão espontânea ou induzida da capacidade mediúnica; em seguida, o estudo obrigatório dos princípios doutrinários. Todavia, diferentes de outros campos em que a mediunidade é vivenciada, a fase de aquisição dos saberes espíritas é um processo contínuo que rega cotidianamente a prática da mediunidade.

A orientação doutrinária é que se o neófito, após ter feito todas as tentativas, nenhum tipo de mediunidade for revelada, ele deve desistir do intento, pois, como instrui a doutrina “se não existirem os germes da faculdade, nada a poderá dar” (KARDEC, 2004a, p. 175).

A mediunidade, conforme a doutrina Espírita, caracteriza-se por exigir na sua prática, seja qual for a modalidade, a intervenção direta de um Espírito. Sem ele não existe a mediunidade, afinal o fenômeno existe para que o contato entre o Espírito desencarnado e o encarnado não se interrompa depois da morte biológica. Kardec (2004a, p. 180-182) explica que a presença do Espírito, nesse processo comunicativo, justifica o fato de que a mediunidade, embora já desenvolvida, possa ser interrompida por um tempo mais ou menos longo ou, até mesmo, deixar de ser praticada. Muitas vezes, embora o médium se coloque à disposição do processo, se o Espírito não deseja se comunicar, o contato não se efetua. Dessa forma, a mediunidade funciona como meio de provar a existência de uma individualidade que, embora, invisível para os desencarnados, pode dar a prova material de sua existência e de sua vontade.

Kardec (2004a, p. 182) acrescenta, também, que a mediunidade, uma vez interrompida, pode privar o médium das comunicações por meio material com certos espíritos, no entanto, não o priva das comunicações mentais. Os espíritos, explica Kardec (2006, p. 220), comunicam-se permanentemente com os homens, independente de eles crerem ou não na sua existência. Pela comunicação mediúnica, no entanto, o Espírito registra de forma “concreta” a sua presença. A mediunidade funciona, portanto, para o Espiritismo, como o principal meio de atestar o princípio da comunicabilidade e imortalidade dos Espíritos.

Analisando a natureza “essencialmente móvel, fugidia e mutável” da mediunidade, a doutrina Espírita defende, portanto, a idéia da inconveniência de que ela venha a ser praticada como uma profissão. Além do mais, utilizar os Espíritos como informantes sobre acontecimentos futuros ou eventos banais do dia a dia é, para o Espiritismo, uma prática que está fora dos propósitos do exercício da mediunidade. Nesse campo, esse processo de produção discursiva tem, dentre outros, o objetivo de

provar, por meios concretos, o princípio da imortalidade da alma; da continuidade da vida além-túmulo e das relações entre as almas dos “vivos” e dos “mortos”. Diz Kardec:

a mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o exercício se anula. (...) Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono (KARDEC, 2000, p. 298)

Conforme a doutrina, a prática da mediunidade pode se exercida pelo indivíduo sob dois modos de exercício: a mediunidade provacional e a mediunidade missionária. Nesta, os Espíritos que assumem a posição de médiuns já atingiram um certo grau de evolução moral; já estão, portanto, “harmonizado com o bem”. A mediunidade de Chico Xavier e Divaldo Pereira funcionam como exemplo modelar dessa modalidade. Naquela, os médiuns ainda estão em fase de aprender a desenvolver as suas virtudes morais. Estes, embora não sejam portadores de uma missão superior, são, também, de conformidade com o seu grau intelectual e moral, responsáveis pela renovação social, ou seja, pelo progresso humano.

No processo de produção de discursos, via mediunidade, como vimos, a figura do médium é indispensável para que o contato com Espíritos desencarnados se efetue. No capítulo III veremos que, conforme a doutrina, para que a assunção da posição de sujeito-autor-psicógrafo se atualize é necessário que o médium aceite se colocar na posição daquele que abdica da posição de autor do texto. Todavia, nas relações instituídas pela prática da produção discursiva entre encarnados e desencarnados é este que ocupa o lugar central nas relações de poder/saber postas em circulação pela doutrina no exercício da mediunidade. Esta verdade se atualizou no famoso enunciado produzido por Chico Xavier: “o telefone só toca de lá para cá”.

Nosso objetivo, no item a seguir, é produzir uma leitura sobre o funcionamento da função de sujeito-médium na produção de discursos mediúnicos.

2.3 Sob ordem do discurso Espírita: a função médium

Os discursos não são produzidos de forma aleatória, nem tampouco circulam na sociedade de qualquer maneira. A hipótese foucaultiana sobre essa temática é que

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2000b, p. 8-9).

A produção discursiva é regulada, portanto, por leis próprias de funcionamento. Para Foucault os discursos existem enquanto práticas que obedecem a “regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço”, cuja função é definir “em uma determinada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT 2000a, p. 136). Essas regras nem sempre são percebidas pelos indivíduos. Estes, no entanto, ao produzirem os seus discursos, estarão, necessariamente, submetidos à uma certa *ordem do discurso*, mesmo que, desse princípio, não tenham conhecimento. Por que todo esse controle sobre o discurso? Foucault responde a essa questão colocando que o ser humano nutre, para com o discurso, sentimentos contraditórios de temor e veneração. É assim que o discurso é, ao mesmo tempo, objeto de desejo e de poder, ou seja, “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2000b, p. 10). Como resultado dessa *logofobia*, explica o autor, criaram-se procedimentos de controle e delimitação dos discursos com o objetivo de dominar a proliferação dos discursos. Esses procedimentos funcionam no controle da sua produção e de sua circulação na sociedade.

Analisando processos de produção discursiva, Foucault identifica certos procedimentos de controle e os dispõem em três grupos: procedimentos externos de exclusão, procedimentos internos de rarefação e procedimentos de sujeição do discurso. Constituem o primeiro grupo, os princípios da interdição, da segregação e da vontade de verdade. Ambos têm como objetivo dominar os “poderes e os perigos” dos discursos. Esses dispositivos apóiam-se, conforme Foucault, sobre “um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas” (FOUCAULT, 2000b, p. 17). O segundo grupo de procedimentos inclui o comentário, o

autor e a disciplina. Funcionam classificando, ordenando e distribuindo o discurso com o objetivo de controlar o acontecimento e o acaso de sua aparição. Por fim, o terceiro grupo de procedimentos que compreendem: o ritual, as sociedades de discurso, as doutrinas e as apropriações sociais do discurso. Estes funcionam na determinação das condições do funcionamento dos discursos, selecionando os sujeitos que falam por meio de certas regras de acesso ao discurso. Foucault propõe que esses princípios sejam vistos não só como recursos para a produção dos discursos, mas, também, como processos que trabalham a sua proliferação de forma restritiva e coercitiva, num jogo permanente de reatualização de regras.

Conforme Foucault (1922, p. 69-70) o sujeito pode aparecer na ordem dos discursos, sob determinadas condições e formas, ocupando, em cada tipo de discurso, lugares, funções reguladas por normas que controlam o funcionamento da sua produção discursiva.

A posição discursiva de médium marca, portanto, o modo de existência, de circulação e de funcionamento do discurso mediúnico, no interior de formações discursivas religiosas tratadas na literatura sociológica, conforme Cavalcanti (1983), como religiões mediúnicas a exemplo da umbanda, do candomblé e do Espiritismo.

Na doutrina Espírita, médium é o lugar social que permite ao Espírito desencarnado assumir a função de sujeito-enunciador e ao Espírito encarnado a de sujeito-intérprete. Para essa doutrina, o médium funciona como um dos recursos por meio do qual os Espíritos desencarnados podem continuar a manter contatos com os encarnados; a sua inexistência não impede, explica Kardec, que eles se comuniquem “por mil outras maneiras mais ou menos ocultas. Seria errôneo, pois, acreditar que os Espíritos só exercem sua influência através das comunicações escritas ou verbais” (KARDEC, 2004a, p. 220).

Para a doutrina, esse lugar discursivo não é novo, sempre existiu embora sob outras denominações. O Espiritismo, como foi dito, sustenta a tese de que a mediunidade é inata, portanto, não é de sua *propriedade*, nem de qualquer outra área de conhecimento. Cada campo discursivo produz, no entanto, sua forma particular de colocar em funcionamento esse lugar social. Kardec (2004a, p. 219) afirma que não foram “os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos, mas sim os Espíritos que deram origem aos espíritas e aos médiuns”. No entanto, a pertença da temática do médium ao Espiritismo atribuiu-lhe novo status: a de posição-sujeito institucionalizada,

cuja existência e funcionamento passa a ser regulada por fundamentos teóricos e metodológicos próprios. O Espiritismo defende a antiguidade do processo de comunicação com o além, porém, o termo mediunidade e médium, emergiu somente quando o tema da comunicação com o mundo espiritual passou a ser discursivizada pela doutrina.

Eliade (2002 p. 34 e seg.; 2008 p. 21 e seg.), afirma que certos homens religiosos possuem uma *predisposição* para a comunicação com o sagrado: deuses e/ou espíritos. Para a doutrina Espírita esse pendor, como já foi colocado, é tratado como sendo um traço constitutivo da estrutura do Espírito. Para o Espiritismo, a existência do médium está fundamentada, portanto, no princípio teórico da comunicabilidade inata do Espírito: o Espírito possui uma estrutura fisiológica própria para ser um produtor de discursos. Desse modo, mesmo estando ele desencarnado as possibilidades de assumir a posição de sujeito enunciator permanecem. O que muda, entretanto, é a forma como essa produção discursiva pode ser efetuada, especialmente, quando se trata das relações interdiscursivas com os Espíritos encarnados.

De acordo com esses fundamentos teóricos, ser médium é, portanto, um lugar que pode ser ocupado por qualquer sujeito-Espírito encarnado: “toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. (...) todos são mais ou menos médiuns” (KARDEC, 2004a, p.134). Na prática, entretanto, o lugar de médium só é preenchido, quando o sujeito que o assume apresenta a capacidade mediúnica desenvolvida, ou seja, explícita e, dela faz uso com certa regularidade. Diz Kardec (2004a, p.134): “usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se produz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva”. Explica que, na condição de médiuns, esses Espíritos encarnados funcionam como “interpretes dos Espíritos, suprem, nestes últimos, a falta dos órgãos materiais pelos quais transmitem suas instruções” (KARDEC, 2000, p. 247). Todavia, isso não significa dizer que um Espírito destituído da mediunidade ostensiva, não seja um médium, pois a capacidade do Espírito para a comunicação, mesmo que não esteja evidente, existe em gérmen. Manter diálogo efetivo com Espíritos desencarnados não constitui, portanto, um privilégio apenas de encarnados com mediunidade ativa. Devido a sua fisiologia, mesmo que não venha a desenvolver algum gênero de mediunidade, a

doutrina defende que ele já mantém um contato natural e constante, por meio da inspiração, muitas vezes sem o saber.

A assunção da função de médium pode se dar de forma espontânea: quando o Espírito desenvolve a mediunidade de forma natural ou, ainda, de forma induzida por meio de exercícios. Em ambos os casos, não existe uma idade certa, ou um momento pré-determinado para ser capacitado para o seu exercício. O problema da idade, conforme a doutrina, “está subordinado tanto as condições do desenvolvimento físico quanto as do caráter ou amadurecimento moral” (KARDEC 2004a, p. 186). Nos casos em que a capacidade de ser médium surge de modo espontâneo pode ocorrer que ela seja exercida sem o conhecimento dos princípios espíritas que regem o seu funcionamento e, muitas vezes, até mesmo, sem que se saiba de sua existência. Quando isso ocorre, o Espírito enunciador utiliza-se dele sem que o mesmo tome conhecimento do fato; conforme explica Kardec o Espírito “dele se serve, muitas vezes ao seu mau grado” (KARDEC, 1985, p.58). Nesses casos, os médiuns são considerados pela doutrina, como “inconscientes”. Isto é, por exemplo, o que ocorre com o médium que possui a mediunidade de inspiração: materializa o dizer do Espírito sem o saber. Muitos médiuns inspirados foram, outrora, de conformidade com o tempo e o lugar, considerados santos, feiticeiros, loucos ou visionários: indivíduos que, conforme Kardec (1985, p. 59), foram julgados e condenados, por pessoas que desconheciam a existência e o funcionamento da mediunidade, ou seja, que falavam de outros lugares e a partir de outros regimes de verdades. Por outro lado, há os casos em que pessoas com certo conhecimento sobre as habilidades de exercer a função médium as utilizem por sua própria vontade, são os chamados médiuns facultativos.

Como exemplo de médiuns que, desde a mais tenra idade, desenvolveram espontaneamente capacidades mediúnicas têm-se, dentre outros, os médiuns Yvonne A. Pereira e Francisco Candido Xavier. Segundo relato de Pereira, em seu livro escrito sob a inspiração e direção do sujeito-Espírito Adolfo Bezerra de Menezes, sua mediunidade despontou de forma espontânea quando era ainda bebê. Diz a autora (1976, p. 23): “creio que nasci médium já desenvolvido, pois jamais me dei ao trabalho de procurar desenvolver faculdades medianímicas”. As suas capacidades mediúnicas, conforme narra, surgiram desde a primeira infância: “aos quatro anos de idade já me comunicava com Espíritos desencarnados através da visão: via-os e falava com eles” afirma a médium (PEREIRA, 1976, p. 27). Ela relata que os Espíritos, no seu entendimento,

pareciam familiares e, por esse motivo não se surpreendia com a presença deles: “Eu os supunha seres humanos, uma vez que os percebia com essa aparência e me pareciam todos muito concretos, trajados como quaisquer homens e mulheres” (PEREIRA, 1976, p. 27).

No que diz respeito ao médium Chico Xavier, a situação é semelhante. Conforme o biógrafo Souto Maior (2003, p. 22), Chico, desde os quatro anos de idade, repete palavras sopradas por vozes espirituais. Conta que o médium certa vez, ouvindo o pai fazer julgamentos sobre o aborto sofrido por uma vizinha, enuncia o seguinte diagnóstico: “o senhor está desinformado sobre o assunto. O que houve foi um problema de nidação inadequada do ovo, de modo que a criança adquiriu posição ectópica” (CHICO XAVIER apud SOUTO MAIOR, 2004, p. 22) No caso desse médium, é com o Espírito da mãe que inicia o seu diálogo efetivo com desencarnados, aos cinco anos. Em análise sobre sua prática mediúnica, Chico relata que o momento inicial de sua mediunidade foi de total incompreensão do fenômeno: “a meu ver, tive três períodos distintos em minha vida mediúnica, o primeiro de completa incompreensão para mim, é aquele dos cinco anos de idade, quando via minha mãe desencarnada a proteger-me (...)” (XAVIER, apud MACHADO, 1992, p. 29).

Para o Espiritismo, apesar de a *origem* da emergência da mediunidade estar ligada a causas orgânicas, o desenvolvimento da capacidade de exercê-la está vinculado a “causas estranhas a vontade humana” (KARDEC, 2004a, p. 10). Por este motivo, Kardec afirma que o seu exercício efetivo está vinculado a certas concessões divinas. Enquanto efeito de concessões, ela tem o seu funcionamento regulado e avaliado pela ordem divina: pode sofrer interdições que vão desde pequenas intermitência ou suspensão, no uso, até a perda total do direito ao seu exercício. Além do mais, a atuação do médium depende da vontade do Espírito enunciador de produzir discursos. Segundo Kardec, “qualquer que seja a faculdade do médium, ele nada pode fazer sem o concurso simpático dos Espíritos. Quando nada obtém, nem sempre é porque a faculdade lhe falta, mas freqüentemente são os Espíritos que não querem ou não podem servir-se dele”. (KARDEC, 2004a, p. 180). Para a doutrina é, portanto, o Espírito que ocupa o lugar central nas relações de poder/saber que põem essa prática em funcionamento.

Para a doutrina, a perda do direito de exercício da mediunidade nem sempre significa a cessação da habilidade de exercê-la. Esta pode permanecer, dependendo do comportamento moral do médium, em um estado de adormecimento temporário ou não.

Entendemos que, para a doutrina, a mediunidade apesar de ser constitutivamente orgânica, o seu exercício efetivo, por meio da função médium, se vincula a questões morais.

Outra característica do exercício da posição médium Espírita é que esta deve ser vivenciada, em concomitância com o estudo contínuo das teorias que fundamentam a existência da mediunidade e das regras que regem o seu uso. Para tanto, a doutrina pôs em circulação, em 1861, um livro com o texto intitulado *O Livro dos Médiuns*, texto/livro que funciona como um mecanismo de controle que atua regulando a prática da mediunidade, no Espiritismo. Sua produção foi organizada, conforme Kardec (2004a, p. 10), com o objetivo de atender a várias necessidades, não só dos futuros médiuns, como também dos possíveis pesquisadores, dentre elas: orientar o desenvolvimento das várias formas de exercício da função; dirigir seu uso de maneira proveitosa, apontar as dificuldades na sua assunção; dirigir os modos de sua utilização de forma que, por meio dela, a produção discursiva dos Espíritos-enunciadores possuam um fim útil. A vivência de médium, no campo discursivo Espírita, não se dissocia, portanto, da necessidade do estudo teórico sobre o fenômeno, nem tampouco da leitura de preceitos morais evangélicos, uma vez que o seu exercício proveitoso depende da vivência pautada, em tais preceitos morais. É esse modo de exercício que os Espíritas chamam de “mediunidade com Jesus”. Para subsidiar a leitura nesse campo, a doutrina pôs em circulação, em 1864, o texto *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, organizado por Kardec. Conforme o documento de Orientação ao Centro Espírita (2006, p. 55-64), uma das atividades básicas dos Centros Espíritas é a promoção do Estudo e Educação da Mediunidade. Consiste em reunião privativa com o número de participantes reduzido a no máximo vinte e cinco pessoas, realizada em dias e horários pré-estabelecidos, com o objetivo de estudar a “teoria e a prática da mediunidade, à luz da doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus”. A reunião mediúnica funciona, desse modo, como um mecanismo de controle na produção dos discursos tanto dos encarnados, quanto dos desencarnados

Outra marca que particulariza a prática Espírita de produção de discursos mediúnicos diz respeito à gratuidade no exercício da mediunidade. De conformidade com o princípio da caridade, fundamento que rege o funcionamento das atividades doutrinária ou assistencial no campo Espírita, o exercício da mediunidade deve, também, ser realizado, dentro ou fora dos Centros Espíritas, de forma gratuita. O

médium é, portanto, um *técnico do sagrado*, no dizer de Eliade (2002, p. 49), que não cobra por materializar o discurso do sujeito-Espírito. Esse modo de execução da mediunidade é uma forma que se diferencia do seu modo de funcionamento, em outros campos discursivos, onde a prática mediúnica é regida por outras normas de funcionamento. No Xamanismo, por exemplo, conforme Eliade (2002, p.333), o xamã exerce suas funções de intercâmbio com o mundo espiritual, com fins lucrativos. Nesse caso, é seu poder que determina os honorários das sessões xamânicas. Esta deverá ser cobrada, pois segunda essa cultura, se o xamã não cobrá-la ou, ao contrário, pedir um preço alto, ele será acometido por doença. Para os seus familiares, no entanto, as sessões devem ser realizadas de forma gratuita. No Espiritismo, a gratuidade no trabalho mediúnico segue, portanto, a regra geral do modo de funcionamento das práticas Espíritas. O trabalho sem fins lucrativos é um traço que se constitui como marca identitária desse sistema religioso. Aqueles que cobram pelas práticas espíritas instituídas pela doutrina não são, portanto, considerados como adeptos da doutrina. A obediência é uma palavra-chave para o Espiritismo, por meio dela se dá a evolução do Espírito. Conforme seus princípios, paradoxalmente, só é verdadeiramente livre que obedece às leis divinas.

É necessário notar que a gratuidade, a qual acima luzimos, faz referência a relação do exercício da mediunidade com valores monetários instituídos pela nossa sociedade nas relações de trocas comerciais. Sob a perspectiva do Espiritismo, todavia essa gratuidade não existe, uma vez que, de acordo com o princípio de causa e efeito apregoados pela doutrina e de conformidade com as normas que regulam o funcionamento da mediunidade, a prática mediúnica, seja produtiva ou improdutiva, gera dividendos que serão somados na contagem dos pontos que são atribuídos à evolução espiritual do Espírito. O livro *Nosso Lar*, do autor espiritual André Luiz e do autor psicógrafo Chico Xavier, faz referência ao bônus horas: espécie de “moeda moral” que substitui o dinheiro, na perspectiva terrena. Conforme relato dos enunciadores, as aquisições espirituais são feitas à base de horas de trabalho. Afirmam: “o bônus-hora, no fundo, é o nosso dinheiro”. Trata-se, portanto, de uma espécie de “ficha de serviço individual. Funcionando como valor aquisitivo” que apesar de ser controlado pelos espíritos tem valor regulado por ordem divina: “quanto ao valor essencial do aproveitamento justo, só mesmo as Forças Divinas podem determinar com exatidão”. (LUIZ, p. 132; 139; 238)

Outro traço que atua como elemento distintivo da atuação do médium Espírita, em relação a outras religiosidades é a questão de que o médium deve exercer suas funções de forma disciplinada. A orientação doutrinária é que ele deve evitar a prática exagerada, organizando dia, horário e local apropriado ao recolhimento que a atividade exige. Atualmente, a indicação é que o exercício da atividade mediúnica seja, preferencialmente, efetuado nas dependências de um centro Espírita. Desse modo, o médium pode atuar de forma orientada. Conforme a doutrina, o desconhecimento dos princípios teóricos que fundamentam e regem a prática mediúnica, por parte dos médiuns, pode levá-lo a exercer a função de forma indisciplinada. Essa forma de execução é um fato que pode depor tanto contra a imagem do médium: muitas vezes, tachado de charlatão; quanto da doutrina, considerada por muitos como “coisas do demônio”. Por este motivo, para o Espiritismo, o seu exercício não pode ser desvinculado do estudo teórico e da moral evangélica. Reconhece-se, pois um médium Espírita pela sua vinculação aos princípios veiculados pela codificação Kardequiana.

O médium, conforme a doutrina Espírita, para os Espíritos desencarnados, tem a função de manter em funcionamento a atividade de produção de discursos e, assim, garantir as relações discursivas com os Espíritos encarnados. Através dela, eles podem versar sobre as mais diferentes temáticas, sob os mais diversos gêneros discursivos, como mensagens, cartas íntimas para familiares e amigos, instruções doutrinárias, etc. Para os encarnados aptos a exercerem a função médium, esta, além de servir para assegurar a materialização discursiva dos Espíritos enunciadores, funciona como prova concreta da imortalidade da alma e da comunicabilidade entre Espíritos que habitam diferentes planos e, ainda, como meio de instrução para o médium. No que diz respeito aos enunciatários que não desenvolveram a capacidade de assumi-la, ela tanto serve como forma de receber informações de como funciona a vida além-túmulo, quanto um modo de manter ativa a produção discursiva entre familiares e amigos desencarnados. O médium funciona, portanto, como a posição discursiva, por meio da qual os Espíritos encarnados, além de obterem idéias concretas sobre o funcionamento da vivência no mundo espiritual, têm a prova concreta da existência e da sobrevivência dos Espíritos.

Para os Espíritos, de uma forma geral, a própria existência e funcionamento da função médium atua como uma prova irrecusável de que o espírito existe, é imortal e que, portanto, a morte é um fenômeno que possibilita a passagem desta para a outra

vida, assim como o nascimento representa a possibilidade de passagem da vida espiritual para a vida terrena.

Para a doutrina Espírita o médium é uma posição de grande relevância. Foi por meio dela que a doutrina emergiu. O seu exercício, enquanto prática Espírita de uso regular, garante a doutrina, tanto a circulação dos fundamentos doutrinários que a compõem, quanto a reformulação de princípios que necessitam de atualização e, ainda, a introdução de novos princípios. O lugar do médium funciona, também, como garantia de permanência da existência da doutrina, uma vez que permite que seus princípios não se tornem obsoleta. A imensa quantidade de idéias Espíritas que circulam, produzidas por meio do médium psicógrafo, dá-nos uma idéia concreta da importância de que se reveste essa função para a produção e circulação das idéias espíritas e da própria sedimentação da doutrina enquanto vivência que se coloca no quadro das experiências religiosas modernas.

Para o exercício disciplinado da mediunidade a doutrina Espírita orienta que sua prática seja efetivada nas dependências do Centro Espírita, em sala apropriada. Nesta espécie de “lugar sagrado” ocorre a Reunião Mediúnica: prática que objetiva esclarecer e orientar os desencarnados que necessitam de assistência espiritual. Vejamos, no item que se segue, como a doutrina discursiviza o funcionamento dessa prática grupal de produção de discursos.

2.4 A Reunião Mediúnica: um ritual discursivo?

Para a compreensão de como a doutrina Espírita discursiviza a prática da reunião mediúnica, tomamos como fundamento teórico foucaultiano o procedimento do ritual: instância de controle e delimitação que atua, conforme Foucault (2000b, p. 36-39), na formação efetiva dos discursos, por meio de um conjunto de regras, específicas a cada tipo de discurso, que tem como função determinar as condições do funcionamento do processo discursivo. Para o teórico, os “discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte os políticos” não podem ser dissociados dessa prática. O ritual controla a produção e a circulação dos discursos pela rarefação dos sujeitos que fala: há todo um conjunto de regras que conduz a seleção dos enunciadores que devem e pode enunciar. Regula a qualificação dos enunciadores: “os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e o conjunto de signos que devem acompanhar o

discurso; fixa a eficácia das palavras, seu efeito (...) e os limites de seu valor de coerção”. Com base nesses fundamentos passamos a observar como a doutrina Espírita põe em funcionamento a prática da reunião mediúnica regulados por um ritual discursivo próprio.

A doutrina Espírita orienta que a prática da mediunidade deve ser efetuada de forma coletiva, por meio da Reunião Espírita. Para Kardec (2004a, p. 308), “uma reunião é um ser coletivo cujas qualidades e propriedades são a soma de todos os seus membros, formando uma espécie de feixe. Ora, esse feixe será tanto mais forte quanto mais homogêneo”. Essas reuniões, se forem sérias, oferecem a oportunidade de maior intercâmbio com os Espíritos e, conseqüentemente, um aprendizado específico dos fundamentos doutrinários sobre a mediunidade e, também, da doutrina Espírita como um todo. Conforme Kardec (2004a, p.304-309) as reuniões mediúnicas, de conformidade com os objetivos de sua produção, podem ser frívolas, experimentais ou instrutivas.

As reuniões frívolas são aquelas organizadas com objetivo de conduzir a diversão dos participantes encarnados: médiuns e ouvintes; e, de desencarnados, no caso, Espíritos brincalhões que gostam de se divertir. Essas reuniões se caracterizam pelo modo como são conduzidas: geralmente, os participantes pedem aos Espíritos predições do futuro, adivinhações de idades de certos participantes ou de objetos que trazem na bolsa ou no bolso, revelação de segredos, etc.

Quanto às reuniões experimentais estas são produzidas com o objetivo de propiciar as manifestações físicas. Elas podem servir, simultaneamente, para a diversão ou instrução. Desse modo, pode atuar simultaneamente como estímulo para aumentar o número de incrédulos; para acelerar o processo de consolidação da convicção de participantes e, ainda, estimular a pesquisa, a exemplo do fenômeno das mesas girantes, cuja análise, por parte de Kardec, possibilitou a emergência da doutrina Espírita.

As reuniões instrutivas, por sua vez, são aquelas produzidas com o objetivo único de obter a instrução. Elas ocorrem em situação bastante diversa das anteriores. Seus participantes, sejam encarnados ou desencarnados, estão cientes do caráter instrutivo de que se reveste a reunião. Conforme instrução doutrinária “aqueles que desejam ver devem participar das reuniões experimentais, e os que desejam compreender devem ir as reuniões de estudo”. Desse modo, “poderão completar a sua

instrução espírita” (KARDEC, 2004a, p. 306).

A instrução espírita, acerca da temática da mediunidade, organiza-se em torno do ensinamento moral dos Espíritos, do estudo dos fundamentos teóricos que subsidiam a observação das manifestações e da observação direta dos fatos mediúnicos, ou seja, da “observação de tudo quanto possa fazer que a ciência [espírita] desenvolva”(KARDEC, 2004a, p. 306).

Para que as reuniões espíritas se efetuem de forma proveitosa, Kardec (2004a, p. 306-309) explica que alguns aspectos acerca dos objetivos da reunião, das condições de seu funcionamento e das características de seus participantes devem ser observados como condição necessária a sua realização. Quanto aos objetivos, a reunião mediúnica representa a oportunidade para a manutenção da regularidade do intercâmbio espiritual entre desencarnados e encarnados. Ela é produzida com o objetivo de exercer diferentes funções, elencamos as principais: oferecer esclarecimentos quanto ao funcionamento da vivência no mundo espiritual; propiciar o intercâmbio entre o Espírito desencarnado e o seu familiar encarnado; educar as faculdades mediúnicas do médium por meio da relação interativa entre Espíritos encarnados e desencarnados; ampliar e consolidar as relações de amizade com Espíritos desencarnados; possibilitar a interferência dos Espíritos na produção de orientações, esclarecimentos; oferecer ambiente propício ao estudo e a assistência, tanto dos encarnados, quanto dos desencarnados; fortalecer a fé dos participantes em Deus e na sua justiça; oferecer oportunidade de comprovar e sedimentar o princípio da sobrevivência e individualidade do Espírito após o fenômeno da morte. A reunião mediúnica disponibiliza, portanto, o ambiente propício para que os seus participantes possam obter a prova concreta da existência do Espírito e da continuidade da vida além-túmulo. Como vimos, existe todo um mecanismo de controle sob o funcionamento da produção discursiva da reunião mediúnica para que ela possa atingir os objetivos instituídos pela doutrina.

Sobre o funcionamento da reunião, a doutrina considera que o recolhimento é condição necessária à manifestação espírita. Portanto, esta deve ser, necessariamente, privativa. Quanto ao número de participantes, não há um limite previsto, no entanto, os pequenos grupos são os mais indicados, pois “compreende-se que um grande número de assistentes é uma das causas mais contrárias à homogeneidade” de pensamento (KARDEC, 2004a, p. 309). No que diz respeito ao dia, horário, e local da reunião, embora os Espíritos possam comunicar-se em qualquer tempo e lugar, deve-se manter

certa regularidade nos encontros, uma vez que os Espíritos, encarnados e desencarnados, podem ter ocupações e/ou impedimentos que dificultem a realização do intercâmbio. Sobre os desencarnados, informa Kardec (2004a, p. 309): “eles têm as suas ocupações e podem às vezes encontrar-se em condições desfavoráveis à evocação”.

Os participantes de uma reunião mediúnica, conforme a doutrina, são heterogêneos: eles formam um conjunto de Espíritos desencarnados e encarnados. Dentre os desencarnados comparecem à reunião os que devem dar assistência e/ou devem ser assistidos. Os auxiliares, também chamado de “benfeitores”, são Espíritos mais esclarecidos moralmente e intelectualmente. Dentre eles está o Espírito protetor, também conhecido como Espírito guardião, mentor espiritual ou anjo da guarda. Para os Espíritas (KARDEC, 2004b, p. 189) ele é um Espírito de ordem elevada cuja missão para com o seu protegido “equivale a de um pai com os filhos: conduzir o seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com os seus conselhos, consolá-los nas suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida”. Quanto aos assistidos, também, denominados pela doutrina de Espíritos sofredores, enfermos espirituais ou, ainda, Espíritos necessitados, estes podem comparecer à reunião de forma involuntária, acompanhados pelos benfeitores Espirituais; ou de forma espontânea, seja com o objetivo de obter esclarecimentos, auxílios ou, até mesmo, dependendo de sua condição evolutiva, tentar perturbar o andamento da reunião. Conforme a doutrina, dentre os desencarnados sofredores, existem Espíritos de todos os graus de imperfeição. Eles se caracterizam pela “predominância da matéria sobre o Espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo, e todas as más paixões que lhes seguem. (...) nem todos são essencialmente maus; em alguns há mais leviandade” (KARDEC, 2004b, p. 82).

No que diz respeito aos integrantes encarnados, devem fazer parte da reunião, médiuns com a mediunidade em desenvolvimento ou já desenvolvida. Enquanto membro, devem estar ciente da necessidade do estudo teórico sobre o fenômeno mediúnico; da aquisição de valores morais evangélicos; da educação da voz, dos gestos e da linguagem; do exame criterioso das comunicações obtidas, seja de forma particular, seja na reunião e, principalmente, da concentração necessária para garantir a harmonia da reunião. Conforme a doutrina, é a concentração que permite a associação dos pensamentos e, conseqüentemente, a produção e a manutenção de uma corrente mental e um circuito mediúnico que propicia a transmissão da mensagem do Espírito

desencarnado. Se, porém, os pensamentos forem divergentes a manifestação dos Espíritos fica prejudicada.

Às reuniões mediúnicas, atualmente, outros aspectos foram acrescentados, tanto no que diz respeito ao funcionamento, quanto aos fundamentos teóricos. Para tanto, basta analisar as orientações propostas pela FEB na apostila: *O estudo da mediunidade*, colocada a disposição do Movimento Espírita. Quanto às orientações de Kardec (2004a, p. 304), sobre o modo de funcionamento das reuniões mediúnicas, estas tomaram como referência às orientações advindas dos Espíritos. Levando em consideração a época em que essas informações foram obtidas, é compreensível que atualmente outros aspectos tenham sido incorporados. Essas inovações tomam, no entanto, como fundamento explicações básicas registradas nas obras que constituem a codificação Espírita, elaboradas por Kardec, e, especificamente, informações contidas nos textos complementares de estudiosos, adeptos do Espiritismo, e nos textos da literatura mediúnica. Esta funciona como o meio de complementar e atualizar as informações colocadas à disposição de Kardec, no momento da emergência da doutrina.

Entendemos que o trabalho de sistematização das informações dos Espíritos possibilitou, portanto, a veiculação das informações iniciais sobre o funcionamento dessas reuniões. Entretanto, a literatura complementar, seja aquela produzida pelos intelectuais a exemplo dos livros: *No Invisível*, de Léon Denis; *Dialogando com as Sombras*, de Hermínio C. de Miranda; *Psicologia da Doutrinação. Obsessão. O Passe. A Doutrinação*, de J. H. Pires; como, também, aquela produzida pelos autores espirituais, via psicografia, como por exemplo, dentre outros, os livros: *Desobsessão; Nos Domínios da Mediunidade; Missionários da Luz; Mecanismo da Mediunidade*, ambos do autor espiritual André Luiz, psicografados, o primeiro por Chico Xavier e Waldo Vieira e, os seguintes por Chico Xavier; além de *Recordações da Mediunidade* e *Devassando o Invisível* livros mediúnicos orientados pelos espíritos de Adolfo Bezerra de Menezes e, outros, permitiram acrescentar uma visão espiritual da reunião mediúnica, uma vez que os novos autores espirituais passam a relatar como se dá o funcionamento dessas reuniões não só no mundo material, mas, principalmente, no

mundo espiritual³⁵.

Para a doutrina, a visualização e compreensão do exercício da reunião mediúnica acontecendo, simultaneamente, no mundo físico e no extra físico, produz a possibilidade de aperfeiçoamento dos aspectos necessários ao atendimento dos objetivos a que essas reuniões se propõem. Elaborar um estudo do que foi proposto pelos espíritos sobre o funcionamento da reunião mediúnica, na época de Kardec, e os acréscimos proporcionados pela literatura complementar, atualmente, apesar de se constituir em temática necessária à avaliação das contribuições que foram elaboradas para a inovação e sedimentação da prática mediúnica espírita foge aos propósitos do nosso trabalho. No entanto, pode tornar-se questão de análise em estudos posteriores, contribuindo, dessa forma, para a compreensão dos acréscimos do saber/poder que foram incorporados ao regime de verdade adotado pela doutrina quanto à ritualização da palavra no exercício da prática discursiva mediúnica.

Atualmente, o texto *Orientação ao Centro Espírita*, posto em circulação pela Federação Espírita brasileira (FEB), expõe orientações sobre o funcionamento da reunião mediúnica. As regras que ordenam a existência e o exercício dessas reuniões funcionam como sugestões da FEB aos Centros e outras instituições espíritas. O texto afirma que não impõe regras, apenas sugere. Isto porque, conforme a doutrina, essas instituições gozam de autonomia e liberdade para adaptar as normas de conformidade com as suas necessidades. No entanto, as mudanças devem obedecer às regras gerais de funcionamento instituídas pela FEB. Diz o texto que as orientações podem ser adaptadas sem, no entanto, “alterar o texto original”. O que significa dizer que o funcionamento das instituições são efetivamente controladas pela FEB.

Tomando como fundamento teórico a noção foucaultiana (2000c, p. 8) de poder enquanto instância positiva que não só reprime como “produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”, entendemos que o controle instituído pela FEB, sob o funcionamento das atividades promovidas pelas instituições espíritas, atua como uma força positiva e produtiva na preservação dos princípios doutrinários que constituem a doutrina. Deste modo, a FEB cumpre a sua função enquanto órgão que deve funcionar com o objetivo de unificar os adeptos em torno da doutrina, atribuição

³⁵ Para um aprofundamento do que seja o funcionamento de um processo discursivo mediúnico na dimensão espiritual, na ótica do Espiritismo, ver *Dimensões espirituais do Centro Espírita de Suely Caldas Schubert* (2007).

que justifica a sua existência como órgão federativo nacional.

De conformidade com esse documento, a reunião mediúnica deve ser constituída, necessariamente, por integrantes encarnados e desencarnados. A equipe de encarnados deve estar constituída em torno de 15 pessoas: o dirigente e o seu substituto; os médiuns ostensivos: de preferência os que dominam a técnica da psicofonia, da psicografia, da vidência e da audiência; os médiuns esclarecedores: aqueles inspirados para o diálogo; os médiuns passistas e a equipe de apoio. Alguns pré-requisitos são recomendados àqueles que desejam participar da reunião: o conhecimento básico da doutrina Espírita; a idade igual ou superior a dezoito anos; a colaboração em atividades do Centro; o hábito do estudo e da oração; a prática do evangelho no lar; boas condições físicas e emocionais; disciplina, pontualidade e assiduidade; aprimoramento moral à luz do evangelho segundo o Espiritismo.

A realização da reunião está marcada por três momentos distintos: a fase de preparação, logo em seguida a manifestação dos Espíritos e, por fim, o momento do encerramento. O ritual discursivo da reunião mediúnica (quem deve falar, o que deve dizer, como deve falar, em quanto tempo, em que circunstâncias e qual deve ser o efeito do que se diz) é determinado pelo objetivo a que ela se propõe: orientar e esclarecer Espíritos desencarnados. Segundo o Curso de Estudo e Educação da mediunidade (2003, p. 3-39), no primeiro momento da reunião, fala o dirigente ou o seu substituto. Para assumir essa posição discursiva ele deve possuir ou se esforçar por adquirir, dentro outras, as seguintes qualidades: capacidade de liderança; o conhecimento doutrinário Espírita e evangélico; autoridade moral; sintonia com o plano espiritual; equilíbrio emocional e afetivo; saber administrar conflitos e entender as diferenças individuais dos membros da equipe. Qualificado para dirigir a reunião, é dele a função de fazer a leitura inicial de um texto evangélico-doutrinário; em seguida proferir a prece inicial que deve ser curta, objetiva e simples e, depois, ler e fazer um breve comentário de um trecho do Evangelho segundo o Espiritismo e/ou de O livro dos Espíritos. Normalmente, ele assume, também, a posição de dialogador ou esclarecedor, juntamente com os médiuns esclarecedores, no momento dedicado as manifestações dos Espíritos. É dele, também a função de proferir a prece final, nos mesmos moldes da prece inicial.

Na segunda etapa da reunião, quem está qualificado para falar é o dirigente espiritual da reunião, também chamado de mentor, através de um dos médiuns. Essa fala pode emergir, no entanto, antes e/ou depois do diálogo com os desencarnados.

Normalmente, o seu dizer funciona como orientação ao funcionamento da reunião. Após a sua fala, os Espíritos desencarnados são convidados a enunciarem seja produzindo discursos na modalidade oral, pela psicofonia dos médiuns psicofônicos, seja através da escrita, pela psicografia dos médiuns psicógrafos. Os médiuns, por sua vez, devem procurar manter, durante o processo de enunciação dos Espíritos, o seu equilíbrio emocional, evitando as possíveis manifestações não-discursivas dos Espíritos como batidas, choros e risos descontrolados que possam surgir simultaneamente com a fala desses enunciadores. Para o Espiritismo, o maior ou menor controle da produção não-discursiva do Espírito enunciador, por parte do médium, sinaliza o grau de experiência deste durante o exercício da prática mediúnica e, o singulariza, enquanto médium que atingiu o grau de disciplina apregoado pela doutrina como sendo o comportamento ideal do médium no exercício dessa prática. Desse modo, quanto mais discreto for o médium na sua atuação mais credibilizada se torna o exercício de sua prática mediúnica. Como se vê, há todo um jogo de regras que atua sobre os corpos, denunciando o controle não só da produção dos discursos mas, também, do modo como esses discursos devem ser atualizados.

Durante a produção dos discursos dos Espíritos, a indicação é que haja, no máximo, duas comunicações simultâneas, a preferência é que se comuniquem um a cada vez, para que, desse modo, possam ser esclarecidos de forma proveitosa. Nesse momento, são os médiuns esclarecedores que, de posse das qualidades básicas atribuídas ao dirigente, estão, pois, qualificados para dialogar com os desencarnados. Dos noventa minutos dedicados a reunião, geralmente, uma média de sessenta minutos deve ser reservado para essa etapa.

O encerramento da reunião é o momento de proferir a prece final, de responsabilidade do dirigente, e, também, de avaliar o trabalho realizado. Nesse momento a palavra é facultada. Todos estão aptos a, de forma sucinta, avaliar o andamento da reunião e analisar, se for o caso, algumas comunicações efetuadas.

A reunião mediúnica apresenta-se, dessa forma, como um ritual discursivo que submete os sujeitos que a constituem a um conjunto de regras de funcionamento que controlam a produção dos seus discursos. Funciona, pois, como um dispositivo de controle discursivo que visa à produção regrada do discurso dos desencarnados e dos encarnados, com o objetivo de que muitos espíritos possam ter acesso aos grupos mediúnicos. Dessa forma, conforme a doutrina, a reunião mediúnica cumpre a sua

função e justifica a necessidade de sua existência: utilizar o intercâmbio mediúnico como forma de participar do trabalho de auxílio aos desencarnados que “necessitam de amparo e de assistência espiritual”, assim como, por meio das orientações e esclarecimentos transmitidos pelos “benfeitores da Vida Maior” motivar o exercício contínuo de transformação moral de seus integrantes (FEB, 2006, p. 60-64).

No capítulo seguinte, a partir do quadro tipológico das modalidades de mediunidade apresentado, tomamos como foco de observação a mediunidade de psicografia. Interessa-nos saber como a doutrina Espírita trata o processo de comunicação com os “mortos” por meio dessa prática mediúnica.

III- SOB O OLHAR ESPÍRITA: A ESCRITA DO ALÉM

É que o livro é mesmo um instrumento de cultura extraordinário, um instrumento que está entre esse mundo e o outro. É tão importante que o primeiro livro que veio para a humanidade é um livro do mundo espiritual, um livro de pedra que foi os 10 mandamentos, de Moisés. (XAVIER, 1984, p. 53)

A epígrafe que abre o capítulo trata de uma fala produzida pelo médium Chico Xavier em um acontecimento inédito: a transmissão, ao vivo, de uma sessão mediúnica promovida, no dia 28 de julho de 1971, pelo programa *Pinga-Fogo*, da antiga TV Tupi. O texto trata do processo de escrita pela mediunidade de psicografia, da importância do livro e do primeiro livro psicografado. Conforme enuncia o médium, a menção a essa temática é resultado de um pedido feito pelo seu mentor, Emmanuel. Diz ele: “Emmanuel pede para mencionar diante do nosso caro escritor e entrevistador [Herculano Pires] (...) que não podemos esquecer um problema muito importante em nossa vida cristã” (XAVIER, 1984, p.53).

A afirmação de Chico Xavier nos permite inferir que os espíritas consideram que Moisés foi médium, portanto, os dez mandamentos é, segundo os fundamentos da doutrina acerca da comunicação com Espíritos, um texto mediúnico. Conforme Silva (2009, p. 279) esse texto foi grafado, com fogo, em tábuas de pedra, por meio de “um fenômeno de efeito físico chamado de pirografia, do grego (**piro**=fogo+**grafia**=escrita) escrita de fogo na pedra”. Desse modo, o resgate desse evento, distanciado no tempo e no espaço, pela “voz” mediúnica do médium funciona, para o Espiritismo, como forma de ratificar o princípio espírita da comunicabilidade dos Espíritos como traço imanente à natureza do Espíritos, portanto, existente em todas as épocas. Ao tratar da comunicação com os “mortos”, por meio da escrita psicográfica, a doutrina Espírita, portanto, apenas retoma a temática e a ressignifica, produzindo, desse modo, uma forma particularizada de reescrever e vivenciar o fenômeno. É, portanto, a busca por uma resposta de como a doutrina discursiviza a temática da relação comunicativa entre

homens e Espíritos, por meio da vivência da mediunidade de psicografia, que justifica a construção desse capítulo.

No item que se segue, procuraremos apresentar sucintamente como o fenômeno da psicografia está representado pela/na doutrina Espírita. Versaremos sobre o seu surgimento; as adaptações sofridas no seu modo de execução; os tipos de mediunidade psicográfica e o seu funcionamento; o seu desenvolvimento pelo treinamento; a sua importância para a doutrina Espírita e, por fim, a sua função social.

3.1 A Mediunidade psicográfica Espírita: uma configuração

Analisar a prática da escrita mediúnica psicográfica é, conforme a cultura religiosa Espírita, observar um dos modos de como os “mortos” podem estabelecer relações com os *vivos*. Para a doutrina, essa modalidade de comunicação é o mais “simples, a mais cômoda e sobretudo a mais completa. (...) porque ela permite estabelecer relações tão permanentes e regulares com os Espíritos, como as que mantemos entre nós” (KARDEC, 2004a, p. 152). O princípio da comunicabilidade entre os mortos e os vivos funda, portanto, a existência da mediunidade de psicografia.

A materialização de discursos, via psicografia, atualiza-se na relação entre um sujeito-Espírito que se faz psicografar e a intermediação de um médium psicógrafo: sujeito encarnado, *vivo*. Nesse processo, a função do sujeito-médium é trazer a “voz” do Espírito desencarnado, que não tem como fazer-se presente, em corpo carnal. O Espírito é, pois, aquele que “dita” o texto, e o médium é aquele que materializa o dizer do Espírito, o escrevente. Conforme o conceito de sujeito tratado por Foucault (2000a) enquanto posições, lugares vazios, a serem preenchidos pelos lugares de fala, Espírito e médium são funções-sujeito distintas: o sujeito-Espírito quer fazer-se “ouvir” para passar mensagens que servem de ensinamentos doutrinários para os adeptos do Espiritismo e o sujeito-médium por ser um sujeito-vivo assume a função de escrevente: o que escreve a mensagem daquele que vive como espírito desencarnado. É assim que esses sujeitos são definidos pela teoria Espírita e é com essa visão religiosa que ela se faz doutrina. A psicografia faz parte, portanto dos jogos de verdades utilizados pela doutrina Espírita para fazer valer os seus ensinamentos, portanto, ela é parte integrante do discurso Espírita.

A comunicação entre Espíritos, por meio da psicografia, popularizou-se, a partir de seu exercício e de seu estudo pela doutrina Espírita. Essa prática foi a mais estudada e a mais recomendada por Kardec, para ele a psicografia permite “demonstrar de maneira mais material a intervenção de uma potência oculta” (KARDEC, 2004, p.134), uma vez que pode trazer marcas que identifiquem o enunciador, assim como nas correspondências comuns, como por exemplo: o mesmo estilo de letra; formas íntimas de tratamento; assuntos em comum, nomes de familiares, etc. A prática de produção discursiva mediúnica psicográfica, amplamente utilizada e, estudada, pelos adeptos da doutrina Espírita, tornou-se pois uma marca identitária desse campo discursivo religioso. Talvez seja esse o motivo pelo qual ela seja identificada, por muitas pessoas, como sendo uma prática própria desse domínio.

Conforme Kardec (2004b, p. 28), a psicografia surgiu em substituição a tiptologia, técnica mediúnica efetuada por meio de pancadas. A inovação foi sugerida por um Espírito que produzia discurso, pela técnica da tiptologia alfabética, mecanismo mediúnico que consistia em indicar as letras da palavra, por meio de pancadas.

A técnica de escrita psicográfica passou por diferentes adaptações até funcionar do modo como se popularizou. Inicialmente, efetuava-se indiretamente, com a mediação de objetos como pranchetas, mini cestas, pequenas caixas de papelão, acopladas em um lápis. Sob a influência do sujeito psicógrafo, o médium tocava com os dedos a borda desses objetos, os quais se movimentavam em sentido circular, fazendo o lápis produzir o registro de enunciados linguísticos. Kardec, (2004a, p. 135-136) explica que as palavras, grafadas em forma espiralada, ficavam ligadas, dificultando a leitura. No entanto, o médium possuía a habilidade de ler o que estava escrito.

Logo depois, outra prática foi introduzida: a uma cesta de bico, acoplava-se uma haste de madeira e, nesta, um lápis comprido. Sob a influência do sujeito psicógrafo, o médium colocava os dedos na cesta que se movimentava, fazendo o lápis produzir o registro. Diferente do primeiro mecanismo, a letra era mais legível, pois devido ao tamanho do lápis, o médium podia, ao final de cada linha, direcioná-lo para que o registro pudesse ser feito em linha reta. Desse modo, foi possível escrever pequenos e grandes textos. Ao longo dessa experiência, outros objetos foram adaptados, como por exemplo, uma mesa, em miniatura, com três pés, um para acoplar o lápis e dois, de forma arredondada ou adaptados a bolas de marfim, para apoiar a cesta e fazer o lápis deslizar no papel. Para realizar a escrita psicográfica, por meio dessas práticas, era

necessária a intervenção de um sujeito-psicografado, um sujeito-psicógrafo e um assistente.

Posteriormente, o processo de escrita psicográfica foi aperfeiçoado, passando a ser produzida diretamente pelas mãos do médium, com o auxílio, apenas, de um lápis. Esta prática recebeu o nome de psicografia direta ou manual. Conforme Kardec, é “a mais simples, mais fácil e mais cômoda porque não exige nenhuma preparação e se presta (...) às dissertações mais extensas” (KARDEC, 2004a, p. 137). A psicografia, juntamente com a psicofonia, vidência e audiência, é uma técnica mediúnica bastante exercitada, no campo discursivo Espírita.

Cabe, aqui, uma referência quanto às relações de poder/saber instituídas pela doutrina, no que diz respeito à atuação do Espírito no aperfeiçoamento da técnica mediúnica psicográfica. Kardec atribui aos Espíritos a responsabilidade por essas mudanças. Desse modo, o Espírito passa a figurar como sujeito que assume o lugar de produtor de verdades, aquele que fala do lugar de quem detém o saber/poder. Esse discurso funciona como uma forma de ratificar a afirmação kardequiana de que a doutrina é uma produção dos Espíritos e não dele.

Kardec, no Livro dos Médiuns, apresenta uma tipologia da mediunidade de psicografia. Ele faz referência a quatro tipos de técnicas psicográficas. Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 2 - tipologia da mediunidade de psicografia

Psicografia mecânica	Na modalidade mecânica, também denominada de escrita involuntária ou passiva, a comunicação é efetuada por meio da ação do sujeito-Espírito sobre o cérebro, o braço e a mão do médium. Ambos se movem, maquinamente, independente, portanto, de sua vontade. Kardec explica que a mão se move “independente da vontade do escrevente; movimenta-se sem interrupção, a despeito do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa a dizer” (KARDEC, 1985, p. 64). Quando termina o processo de escrita “a mão se imobiliza e o médium, qualquer que seja o seu poder ou a sua força de vontade, não consegue obter mais nem uma palavra” (KARDEC, 2004a, 178). Nesta modalidade, o médium, durante o processo de escrita, não
-----------------------------	---

	<p>conhece o conteúdo que está sendo registrado. Pode concomitantemente ao ato de psicografar, realizar outras tarefas com a mão que não está sendo utilizada, ou, ainda, manter diálogos com outras pessoas, sobre temas completamente diversos ao que está sendo psicografado. Conforme a visão espírita, essa prática afasta qualquer dúvida sobre a autenticidade da discursivização do sujeito-psicografado. Afirma Kardec, “o papel do médium mecânico é o de uma máquina” (KARDEC, 2004a, p. 154).</p>
Psicografia semimecânica	<p>Na mediunidade psicográfica semimecânica, o médium sente, involuntariamente, sobre o braço e a mão, um impulso motor provocado pelo sujeito-Espírito. No entanto, toma conhecimento do discurso do Espírito antes do seu registro.</p>
Psicografia intuitiva	<p>Na técnica psicográfica intuitiva, o sujeito-psicografado age sobre o Espírito do sujeito-psicógrafo, imprimindo-lhe a sua vontade. Este, sob essa impulsão, dirige a própria mão e esta o lápis, realizando a psicografia. Nessa modalidade mediúnica, o sujeito psicógrafo recebe o pensamento e produz o seu registro. Ele funciona como uma espécie de intérprete: compreende a temática que está sendo discursivizada, porém, sabe que as idéias não partiram dele. Conforme Kardec (2004a, p. 154), para que o médium possa materializar o pensamento do sujeito Espírito, “ele precisa compreendê-lo, de certa maneira assimilá-lo, a fim de traduzi-lo fielmente. Esse pensamento, portanto, não é dele: nada mais faz que passar através do seu cérebro”.</p>
Psicografia Inspirada	<p>A mediunidade psicográfica inspirada. Esta, conforme Kardec, é uma variedade da técnica intuitiva. O traço distintivo é que, neste caso, a interferência do sujeito-Espírito que se comunica é sutil. Desse modo, fica difícil distinguir se as idéias registradas partiram ou não do sujeito-médium. Nos momentos considerados de inspiração, explica Kardec (2004a, p. 155), “as idéias abundam, seguem-se, encadeiam-se como que por si mesmas, num impulso involuntário e quase febril”. Esse é uma modalidade bastante comum, portanto, muitas pessoas são médiuns psicógrafos intuitivos sem o saberem.</p>

Conforme Allan Kardec, na tipologia psicográfica apresentada, o discurso do Espírito psicografado pode ser distinguido, em maior ou menor grau, do discurso do sujeito-psicógrafo; seja pelo fato de que o médium desconheça as idéias sugeridas pelo Espírito enunciador, seja por elas estarem aquém do seu conhecimento ou, simplesmente, por serem contrárias àquelas que, até então, ele formava sobre a temática em pauta. Nas duas últimas práticas mediúnicas psicográficas, afirma Kardec, existem a probabilidade de interferência do médium, no conteúdo da mensagem e, também, a possibilidade de impressão de marcas de sua discursivização.

A doutrina Espírita justifica a existência da mediunidade psicográfica, por meio do mesmo princípio que funda toda e qualquer modalidade de fenômeno mediúnico, ou seja, o princípio da comunicabilidade do Espírito. Portanto, como qualquer outra espécie de mediunidade, ela pode emergir, em qualquer indivíduo, de forma espontânea ou pelo exercício, seja na infância, seja na idade adulta, independente do meio social em que ele esteja inserido. Entretanto, conforme Kardec, durante a infância, o seu desenvolvimento, por meio de exercícios, não é recomendável, uma vez que a criança não está, físico e psiquicamente, apta à prática dessa técnica.

Em ambas as formas de emergência, todavia, o candidato a técnico psicógrafo deve passar por uma fase de treinamento. Conforme Kardec, no mundo espiritual, há os “mestres de escrita”, espécie de sujeitos-Espírito cuja função é treinar os médiuns iniciantes, por meio de exercícios preparatórios. Esse momento funciona, para o Espiritismo, como uma espécie de iniciação. Explica o pesquisador: “quase todos os médiuns passaram por essa prova para se desenvolverem” (KARDEC, 2004a, 1760). O treinamento se justifica, também, pela necessidade que tem o médium de aprender a desenvolver a habilidade de produzir a assimilação fluídica, necessária a qualquer contato, por via mediúnica, entre ele e o enunciador. Na voz de Kardec:

para que um Espírito possa comunicar-se é necessário haver entre ele e o médium relações fluídicas que nem sempre se estabelecem de maneira instantânea. (...) na proporção em que a mediunidade se desenvolve o médium vai adquirindo a aptidão necessária para entrar em comunicação... (KARDEC, 2004, p. 172).

Faz parte do regime de verdade do Espiritismo afirmar que depois de desenvolvida, o exercício desse tipo de mediunidade é, pois, tão natural como qualquer

outra função orgânica. Desse modo, o que parece ser um fato extraordinário para os olhos de enunciadores de outros campos discursivos, para o adepto Espírita é extremamente natural.

O processo de produção discursiva psicográfica tem o objetivo primordial de, como qualquer outra modalidade de comunicação mediúnica Espírita, assegurar a continuidade das relações comunicativas entre Espíritos desencarnados, “mortos” e, Espíritos encarnados, vivos. Por isso, funciona de conformidade com as necessidades daqueles que ocupam um lugar nesse processo discursivo, no caso, o sujeito-psicografado: o Espírito-enunciador; o sujeito-psicógrafo: o médium escrevente; o sujeito-Espírito enunciatário: aquele para quem a mensagem se dirige - o próprio médium ou outra pessoa, um familiar do Espírito desencarnado, por exemplo- e, ainda, a própria doutrina, enquanto campo de saber constituído por essa técnica de produção discursiva.

Para o Espírito que se comunica, a técnica constitui uma das possibilidades de provar a sua sobrevivência; de descrever sua vivência, em outro plano de vida e, ainda, de interferir na vivência cotidiana do enunciatário, orientando-o e/ou consolando-o. No prefácio do livro psicografado *Crônicas de além-túmulo* (1937), do autor espiritual³⁶ Humberto de Campos, em parceria com o médium Chico Xavier, o prefaciador, no caso, o próprio Humberto, afirma que a sua intenção é levar “um conforto para os aflitos e para os tristes do microcosmo” onde viveu. Neste enunciado fica evidente a sua posição quanto ao fim, utilitário e doutrinário, a que o seu processo de escrita psicográfica se presta.

Para o sujeito-psicógrafo, o processo funciona como prova concreta da imortalidade do espírito, de sua comunicabilidade, da sua influência na vivência cotidiana dos encarnados como meio de instrução individual e, também, coletiva. “(...) recebi muitos ensinamentos e inesquecíveis emoções na psicografia desse livro” (XAVIER apud Schubert, 1998, p. 311) relata Chico Xavier, em carta enviada a Wantuil de Freitas, presidente da FEB, em 1953. Este enunciado faz referência à

³⁶ Conforme os Espíritas, Humberto de Campos, escritor maranhense, continua a assumir a função de autor no mundo dos espíritos. Sua estréia no mercado editorial Espírita, como autor espiritual, deu-se em 1937, com o livro *Crônicas de além-túmulo*, psicografado por Chico Xavier. Os livros psicografados atribuídos ao escritor Humberto de Campos foram constituídos em objeto de estudo na tese de doutoramento defendida em 2008, por Alexandre Caroli Rocha.

produção psicográfica do texto *Ave Cristo*. Por meio dele, o médium ratifica o aspecto da psicografia enquanto mecanismo de controle na circulação de informações e de ensinamentos para os médiuns.

Na visão do médium o texto psicográfico assume, também, um caráter consolador. No prefácio do primeiro texto psicografado por Chico Xavier, em 1931: *Parnaso de Além-Túmulo*, Chico diz o que espera do texto: “Há de haver, porém, alguém que encontre consolação nestas páginas humildes. Um desses que haja, entre mil dos primeiros, e dou-me por compensado do meu trabalho” (XAVIER, 14a ed., p. 25). Nesse enunciado fica registrado o aspecto consolador de que se reveste, para o médium, a escrita psicográfica.

Quantos aos Espíritos-enunciatários a quem as comunicações se dirigem, independente da posição que eles ocupem, os ditados psicográficos têm como função geral servir de meio de prova da sobrevivência dos “mortos”; como função específica, orientar suas ações e confortá-los nos momentos de desolação. O texto autobiográfico: *Carta à minha mãe*, inserida no livro *Crônicas de Além-Túmulo*, psicografado por Chico Xavier e ditado pelo Espírito desencarnado do escritor maranhense, Humberto de Campos, traz uma referência à sobrevivência da alma. Por meio dele, Humberto tenta convencer a mãe, Ana de Campos Veras, de sua sobrevivência ao fenômeno da morte. Na voz do autor:

eu te escrevo sem insônias e sem fadigas, para contar-se que ainda estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães. (...) é assombrada que, hoje, ouves a minha voz, através das mensagens que tenho escrito para quantos me possam compreender. (...) não é preciso, mãe, que me procure nas organizações espíritas e, para creres na sobrevivência do teu filho, não é preciso que abandones os princípios da tua fé [católica]. (CAMPOS apud A psicografia ante os tribunais, 1978, p. 36).

Como vemos, a escrita psicográfica se constitui, para aqueles a quem se dirige, como elemento fundamental de prova da existência e comunicabilidade dos Espíritos, uma vez que esse processo de escrita permite que a “voz” do Espírito desencarnado possa ser “ouvida”, como nas correspondências usuais.

Para a formação discursiva Espírita, enquanto doutrina religiosa, a comunicação psicográfica tem a função de produzir, veicular, sedimentar, divulgar e atualizar os

princípios doutrinários, assegurando, dessa forma, a sua existência em meio a outros sistemas doutrinários de cunho religioso e, ainda, a sua função de promotora do progresso individual dos Espíritos e da humanidade como um todo. O que ratifica que ela funciona como um jogo de verdades cujo objetivo é demarcar o lugar dessa religiosidade em meios a outros regimes de verdades que têm a mediunidade como princípio básico. Sobre a temática da atualização doutrinária afirma Chico Xavier, em resposta a uma carta enviada a ele pelo então presidente da FEB, Wantuil de Freitas:

o que me dizes dos livros recebidos por este teu criado é muito confortador para mim, mas acredito que em breve tempo teremos grandes médiuns recebendo muito material de novas elucidações e tesouros de conhecimentos mais avançados. (XAVIER, apud Schubert, 1998, 275).

Além da finalidade educativa e doutrinária de que se reveste os textos psicografados, para a doutrina Espírita a escrita psicográfica, acima de tudo, se constitui, na atualidade, como o maior meio de divulgação dos fundamentos doutrinários. A confirmação desse fato está na grande proliferação de médiuns psicógrafos e na imensa quantidade de textos psicografados que circulam no campo discursivo Espírita. A circulação dos princípios doutrinários Espírita é, portanto, uma marca identitária da literatura psicográfica Espírita.

O processo de escrita mediúnica psicográfica, enquanto prática de produção discursiva, funciona, portanto, para a doutrina Espírita, simultaneamente, como prática que objetiva sedimentar suas *verdades* e garantir a sua sobrevivência a partir da atualização de dados e a circulação de informações inéditas, veiculadas pelas inúmeras vozes autorais que se projetam “do além”. A psicografia se constitui, dessa forma, a via através da qual essa doutrina atualiza os seus adeptos e, mantém-se atualizada, descartando a possibilidade de tornar obsoletas, suas *verdades*. Todo o conteúdo veiculado nos livros psicografados tem como objetivo edificar a Doutrina Espírita. Portanto, é principalmente por meio dos livros psicografados que as instituições Espíritas usam de estratégias discursivas para outorgar a sua doutrina.

No item seguinte, procuraremos apresentar como as vontades de verdades que a doutrina Espírita põe em circulação sobre a existência e funcionamento da função de

médium psicógrafo produz uma imagem particular de exercer a mediunidade de psicografia.

3.2 A função médium psicógrafo: existência e funcionamento

Conforme a doutrina Espírita a comunicação com Espíritos não é um fenômeno novo. Objetos discursivos como a mediunidade e o médium não são uma criação particular da doutrina, pois, sempre existiram. Para ela, é a existência dos Espíritos que funda a mediunidade, o médium e o Espiritismo. No Espiritismo, o contato com os seres espirituais pode ser efetuado por meio de práticas diversas. Como consequência, têm-se diferentes modalidades de médiuns. Dentre os diferentes tipos, é sobre o psicógrafo que centraremos nossa atenção. A doutrina Espírita acolhe verdades sobre essa espécie de “técnico do sagrado”, no dizer de Eliade, que singulariza a sua existência e demarca-lhe um lugar de destaque.

No discurso Espírita, o psicógrafo é, pois, a posição sujeito que permite ao médium materializar o dizer do Espírito desencarnado, por meio de elementos lingüísticos escritos. Esse lugar social pode ser ocupado por qualquer indivíduo, em qualquer fase de sua existência, desde que presente, de forma espontânea ou induzida, através de exercícios regulares, capacidade para o exercício da função. Preferencialmente, essa posição deve ser assumida na fase adulta, estágio em que o médium já possui o desenvolvimento psicofísico apropriado para iniciar a sua atuação.

Chico Xavier é um exemplo modelar de médium cuja capacidade mediúnica despontou espontaneamente, desde a mais tenra idade. Conforme relata, a sua mediunidade psicográfica eclodiu quando ele começou a frequentar a escola, aos nove anos de idade, embora, aos cinco, ele já conversasse com Espíritos. Nessa fase, conforme Machado (1992, p. 20), muitas vezes Chico sentiu “mãos sobre as suas, guiando-lhes os movimentos na escrita”. Aos 12 anos, no 4º ano primário, ao iniciar a produção de uma redação, relatou à professora: “Dona Rosário, perto de mim está um homem, ditando o que devo escrever” (XAVIER apud MACHADO, 1992, p. 21). A situação, inusitada incomodava-o: naquela época, menino, ainda, não compreendia o fenômeno, portanto, não sabia como explicá-lo. Apreciando, posteriormente o fato, o

psicógrafo explicou: “ a composição foi escrita com muitas idéias que eu seria incapaz de conceber nos meus 12 anos de idade” (XAVIER apud MACHADO, 1992, p. 22).

De conformidade com os fundamentos Espíritas, o exercício efetivo da mediunidade de psicografia exige que o candidato esteja apto. Desse modo, ele deve, necessariamente, passar por uma fase de treinamento. A breve apreciação da iniciação de Chico Xavier nessa função oferece-nos a possibilidade de compreender um dos modos de como pode se dar essa fase. De família católica, o médium se converteu ao Espiritismo aos dezessete anos de idade. Nessa época, no centro Espírita que freqüentava, como secretário, Chico recebeu a instrução espiritual de que ia ser testado na sua mediunidade psicográfica. O médium pegou lápis e, no papel, materializou um texto, anônimo, de dezessete páginas. Diz Chico: “obedeci ao conselho recebido e, de imediato, um amigo espiritual escreveu 17 páginas, usando a minha mão, com grande surpresa de minha parte, conquanto registrasse fenômenos mediúnicos em minha experiência pessoal desde a infância” (XAVIER, apud Machado, 1992, p. 32). Vale notar que a iniciativa em testá-lo como psicógrafo, não foi propriamente de Chico Xavier, mas do Espírito enunciador. O processo teve início com a aprovação do médium, no entanto, foi realizada de forma mecânica: de forma ininterrupta, o registro foi iniciado e interrompido pelo próprio Espírito, quando não havia mais o que dizer. Essa forma de escrita caracteriza a modalidade de mediunidade psicográfica mecânica e, ao mesmo tempo, denuncia a ascendência do Espírito nessa relação de produção de discursos.

Depois dessa produção, seguiram-se quatro anos de treinamento conduzido, anonimamente, pelo Espírito Emmanuel que, em 1931, identificou-se como seu mentor. Conforme Machado (1992, p. 33), para assumir efetivamente a função, o médium precisava se moldar “às mãos dos Espíritos”; os exercícios psicográficos eram exaustivos “pior do que carregar pedra”. Durante o processo de produção mediúnica, Chico relatou que sentia a impressão de que um cinto lhe comprimia a cabeça. O seu braço, pesado como uma barra de ferro, era arrastado por uma força grandiosa. Seu “estado psicológico oscilava entre extremos de bom e mau humor”. Durante essa fase, toda a sua produção psicográfica foi anônima, por esse motivo, foi publicada, na época, com a sua assinatura: F. Xavier, segundo Souto Maior (2003, p. 35) , “com o consentimento dos escritores invisíveis”

Findo o período de quatro anos de treinamento, o médium estava apto a assumir publicamente sua posição de psicógrafo: “estou habituado a ser o instrumento passivo da vontade espiritual. Já não me canso e, depois de receber as mensagens, continuo no mesmo estado físico e psicológico em que me achava antes.” (XAVIER apud Machado, p. 39). Em entrevista a Elias Barbosa (1992, p. 30), Chico Xavier relata que as produções psicográficas iniciais “foram inutilizadas depois, a pedido de Emmanuel”, pois funcionaram, apenas, como exercícios preparatórios para a aquisição da técnica psicográfica. Depois desse período, ele materializou o primeiro texto assinado por um Espírito: um poema de Casimiro da Cunha. O treinamento de Chico Xavier foi acompanhado por Emmanuel e subsidiado pelos estudos das obras Espíritas que ele fazia no Centro Espírita Luiz Gonzaga, espaço que ajudou a fundar e, por associação, se assemelha a iniciação de outros médiuns psicógrafos.

Conforme informações de Chico Xavier, o treinamento psicográfico é extensivo ao autor espiritual. Em relato, ele afirma que a sua “parceria” com o sujeito psicografado, André Luiz, iniciou-se quase dois anos, antes da oficialização dos trabalhos psicográficos. Desde então, relata o médium, sempre que se concentrava “via sempre aquele ‘cavalheiro espiritual’, que depois se revelou como André Luiz, ao lado de Emmanuel. Assim decorreram quase dois anos, antes do ‘Nosso Lar’” (XAVIER apud SCHUBERT, 1998, p. 97). Naquela época, Chico Xavier foi informado pelo sujeito-Espírito Emmanuel que André Luiz estava em treinamento para escrever um livro, ou seja, para assumir a função de autor espiritual: “disse-me Emmanuel que está o companheiro treinando para se desincumbir de tarefa projetada” (XAVIER apud SCHUBERT, 1998, p. 98).

No caso do médium Chico Xavier, nessa época, ele já possuía a faculdade psicográfica desenvolvida. Desse modo, o tempo longo de afinização entre ele e André Luiz justificou-se, conforme Schubert, devido ao caráter complexo do trabalho psicográfico que ambos iam empreender. Afirma a autora:

O trabalho que ambos vão realizar não é um trabalho comum de psicografia. (...) Não se trata agora de páginas confortadoras, poéticas ou romanceadas. O labor (...) exige de ambos a melhor identificação possível. Para maior afinização, André Luiz acompanha o médium em todas as suas tarefas e se demoram em conversações. (SCHUBERT, 1998, p. 98).

Para o campo doutrinário Espírita, esse treinamento se constitui, portanto, em marca identitária do processo de escrita psicográfica. Ele envolve, portanto, no mundo espiritual, os Espíritos colaboradores e o sujeito psicografado; no mundo material, o sujeito-psicógrafo e, ainda, outros instrutores como um médium apto a orientar o processo. Uma vez concluído o treinamento, médium e Espírito comunicante se encontram aptos a exercer as suas funções.

Conforme Kardec (2004a, p.134), a mediunidade psicográfica é uma capacidade orgânica, desse modo, o seu desenvolvimento independe, portanto, do nível intelectual e/ou moral do médium. Esse princípio de imanência orgânica, atribuído à mediunidade, justifica o fato da existência de médiuns psicógrafos que, mesmo sem o domínio do registro escrito de uma língua, possa escrever textos por meio desse processo. O caso do médium Chico Xavier pode servir de exemplo. Ele sabia ler e escrever, no entanto, só cursou até o quarto ano primário. Vejamos alguns relatos do psicógrafo sobre o assunto.

No texto, *Palavras minhas*, publicado na introdução do livro *Parnaso de Além-Túmulo*, em 1932, o psicógrafo discorre acerca de seu grau de letramento:

Matriculando-me, quando contava oito anos, num grupo escolar, pude chegar até ao fim do curso primário, (...). Nunca pude aprender senão alguns rudimentos de aritmética, história e vernáculo, como o são as lições das escolas primárias. O meu ambiente, pois, foi sempre alheio à literatura; ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde se não pode pensar em letras. ... (XAVIER, in *Palavras minhas*)

Dois anos após o lançamento do livro *Parnaso de Além-Túmulo*, Chico Xavier, vivendo em situação financeira precária, foi impelido pelo pai, e a contragosto do Espírito Emmanuel, seu mentor, aceitou o convite do poeta Dr. José Álvares Santos, residente em Belo horizonte, para trabalhar na capital. Naquela época, ele ainda não conhecia a cidade. Envolvido no meio cultural do anfitrião, Chico Xavier sentiu-se, no entanto, um “estranho no ninho”. Diz ele:

achei-me de improviso num ambiente que eu não conhecia. Muitos livros e elevadas conversações literárias. O meu protetor me apresentava na condição de médium do *O parnaso de Além-Túmulo*, e as visitas, segundo creio, julgavam que eu fosse pessoa de muita cultura. Eu, naturalmente, ouvia as

conversações em silêncio ou respondia a essa ou àquela pergunta por monossílabos. Não sabia eu, então coisa alguma sobre os autores, principalmente europeus, que eram citados nas palestras. (...). Pelo tom das palestras, eu percebi que a maior parte dos visitantes me supunha o autor do Parnaso. Como eu receava cometer disparates, em meio de amigos tão cultos, permanecia quase em absoluto silêncio (XAVIER apud MACHADO, 1992, p. 49-50).

Em outro momento, o médium, em viagem de ônibus para Belo Horizonte, sentou-se ao lado de um sacerdote. Este, conforme relato, lia um livro sobre a história de São Paulo, cujo autor ressaltava a superioridade de São Paulo sobre São Pedro; dado inadmissível para a religião que professava, afinal, foi para São Pedro que, conforme a formação discursiva católica cristã, Jesus entregou as chaves da Igreja. O padre iniciou, então, um diálogo sobre a temática, com Chico Xavier, sem, no entanto, conhecê-lo. Surpreso com os conhecimentos de Chico Xavier sobre o tema, o padre perguntou se ele havia estudado teologia. Chico respondeu: “Não. Cursei apenas o quarto ano primário. Mas sou médium...” (XAVIER, apud MACHADO, 1992, p. 71).

Conforme a doutrina capacidade técnica de exercer a função de médium psicógrafo, uma vez desenvolvida, permite que o discurso de inúmeros autores espirituais possam ser materializados. O médium pode, pois, registrar a mensagem de inúmeros autores espirituais, não existe uma definição numérica. O único pré-requisito para que a parceria entre sujeito psicografado e sujeito psicógrafo seja firmada é a existência, entre eles, da possibilidade de afinização: a combinação dos fluídos do médium, com os fluídos do Espírito enunciador. Pela mediunidade psicográfica de Chico Xavier assumiram a posição de autor, mais de dois mil sujeitos-Espíritos. Conforme Souto Maior (2003, p.251), até 1994, eram quase dois mil autores espirituais.

Quanto à caligrafia utilizada, nos registros psicográficos, esta pode variar de acordo com o sujeito-psicografado e, até, trazer os traços da caligrafia usada por ele, em vida. Conforme relato de Chico Xavier, no texto *Palavras minhas*, inserido na introdução do *Parnaso de além-túmulo*, o texto psicografado, de autoria da sua mãe,

trazia caligrafia absolutamente idêntica a que ela usava, quando vivia na Terra³⁷.
Ouçamos Chico Xavier:

... minha mãe, que regressara ao Além em 1915, deixando-nos mergulhados em imorredoura saudade, começou a ditar-nos os seus conselhos salutareis, por intermédio da esposa [Cármem Pena Perácio] do nosso amigo [José Hermínio Perácio], entrando em pormenores da nossa vida íntima, que essa senhora desconhecia. Até a grafia era *absolutamente igual* a que a nossa genitora usava, quando na Terra. Sobre esses fatos e essas provas irrefutáveis solidificamos a nossa fé, que se tornou inabalável (XAVIER in Palavras minhas). [grifos nossos]

O uso da mesma caligrafia, pelos Espíritos desencarnados, em seus textos psicografados, conforme Kardec (2004a, p. 180) “não é uma condição absoluta na manifestação dos Espíritos”. A continuidade dessa prática não depende somente da vontade do Espírito enunciador, mas da aptidão mediúnica a qual o psicógrafo é dotado. É, portanto, a mediunidade psicográfica mecânica e semimecânica que permite, ao médium, desenvolver a habilidade de registrar o discurso do Espírito enunciador, com a caligrafia dele. O fato se justifica, uma vez que, segundo o pesquisador, nesses gêneros de mediunidade “o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito” que enuncia (KARDEC, 2004a. p. 180). Por outro lado, Kardec, nas suas análises, verificou que é comum que um mesmo Espírito produza seus textos sempre com a mesma caligrafia independente de que ela seja ou não a mesma utilizada quando vivia na Terra.

A função médium psicógrafo, conforme a doutrina Espírita, pode ser exercida por qualquer sujeito, em qualquer campo discursivo, desde que este esteja habilitado ao exercício da função. Por esse motivo, o seu exercício transcende o ambiente do campo meramente religioso. No campo discursivo jurídico, textos materializados por meio do psicógrafo serviram como meio de prova, em processos criminais³⁸. Fato que propiciou

³⁷ Sobre a questão da grafia na psicografia ver texto *A psicografia a luz da Grafoscopia*, do perito judicial em Documentoscopia, Carlos Augusto Parandréia da Universidade Estadual de Londrina. Nele o autor confirma a autoria de 400 textos psicográficos produzidos por Chico Xavier.

³⁸ Sobre a utilização de textos psicográficos como prova em processos criminais, ver a dissertação de Lana Maria Bazílio Ferreira, defendida em 1993, na Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Pernambuco.

a circulação da temática do texto psicográfico, enquanto meio de prova, como objeto de estudo científico, no ambiente acadêmico de universidades brasileiras.

Como exemplo desse aspecto social do psicógrafo, trazemos, em meio aos diversos casos, o primeiro evento em que um texto psicográfico foi utilizado como prova judicial: o caso do réu José Divino, acusado pela morte do amigo, Maurício Garcez Henrique, em 1978. Dois anos após o incidente, Chico Xavier psicografa a primeira carta assinada pela vítima e fica em evidência por ser o primeiro a psicografar textos que funcionaram com esse fim. Depois dele, outros médiuns já prestaram esse tipo de serviço. Ouçamos a “voz” do autor espiritual da carta, no intento de esclarecer os fatos:

O José Divino nem ninguém teve culpa em meu caso. Brincávamos a respeito da possibilidade de ferir alguém pela imagem do espelho. Sem que o momento fosse para qualquer movimento meu, o tiro me alcançou, sem que a culpa fosse do amigo ou minha mesmo. O resultado foi aquele. Se alguém deve pedir perdão sou eu, porque não devia ter admitido brincar em vez de estudar. Estou vivo e com muita vontade de melhorar. (HENRIQUE apud SOUTO MAIOR, 2004, p. 225).

Em 12 de maio de 1979, Chico Xavier psicografou outra carta assinada por Maurício. O Espírito insistiu: “peça ao meu pai que, no íntimo, aceite a versão que forneci do acontecimento que me suprimiu o corpo físico. Não se procure culpa em ninguém”.

Convencido da autenticidade da autoria da carta, os pais da vítima autorizam a incorporação da nova prova documental, nos autos do processo. O advogado de defesa, em face, do novo subsídio argumenta: “A vítima Maurício Garcez Henrique, desencarnada, envia mensagem de tolerância e magnitude espiritual, inocentando seu amigo José Divino (...), tudo através do renomado médium Francisco Cândido Xavier” (SOUTO MAIOR, 2004, p. 226).

O juiz Orimar de Bastos, no uso de suas atribuições, em 16 de julho de 1979, sentença: “Temos que dar credibilidade à mensagem, apesar de a Justiça ainda não ter merecido nada igual, em que a própria vítima, após sua morte, vem revelar e fornecer dados ao julgador para sentenciar (...). Coaduna este relato com as declarações prestadas pelo acusado. (BASTOS, apud SOUTO MAIOR, 2004, p. 226)”.

Em defesa da utilização do texto psicografado como meio de prova autêntica, argumenta o médium Chico Xavier: “Como cristão acredito que, se a mensagem de alguém que se transferiu para a Vida Espiritual demonstrar elementos de autenticidades capazes de interessar uma autoridade humana, essa mensagem é válida para qualquer julgamento” (XAVIER, apud SOUTO MAIOR, 2004, p. 227).

A partir desse caso, a escrita mediúnica do psicógrafo Chico Xavier ganha crédito no campo jurídico e produz precedentes para que a psicografia de outros médiuns possa ser utilizada em casos posteriores. Nesse primeiro caso, entendemos que, embora o conteúdo do texto psicografado estivesse em concordância com os fatos relatados no depoimento do réu, a credibilidade do médium foi, portanto, um dado que contribuiu para o ineditismo de que se revestiu a conclusão do processo. Este caso, dentre outros mais recentes, apesar de causar estranheza para outros campos do saber, funcionam, para o campo Espírita, como meio de ratificar o princípio de que a sobrevivência da alma após a morte física e a comunicação entre “mortos” e “vivos” é um fenômeno própria da natureza do Espírito, portanto, natural.

Trataremos, a seguir, acerca do modo de emergência e funcionamento da função autor psicógrafo e da função autor espiritual, no campo discursivo Espírita.

3.3 A função de autor médium psicógrafo: instauração e modo de existência

Conforme Foucault (1992, p. 46) uma das características que marcam o exercício da função de autor é justamente o fato de poder funcionar de modo diverso, de conformidade com as práticas discursivas postas em circulação, no interior de uma dada cultura: “a função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de *alguns discursos* no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p.46) [grifos nossos].

Diante da problemática que envolve, modernamente, o funcionamento da noção de autor é necessário que esclareçamos o sentido por meio do qual ele, aqui, será

tratado. Concordamos com o princípio bakhtiniano de que a autoria³⁹ é um aspecto constitutivo do enunciado: “o enunciado tem autor” (BAKHTIN, 2000, p. 320). Foucault, também, adota esse princípio: “para que uma série de signos exista, é preciso – segundo o sistema de causalidade – um ‘autor’ ou uma instância produtora” (FOUCAULT 2000a, p. 105). No entanto, o termo autor será, também, utilizado no sentido restrito de “autor de um texto, de um livro ou de uma obra a quem se pode legitimamente atribuir a produção” (FOUCAULT, 1992, p. 57). Adotaremos, portanto, o termo autor entendido, não só como o indivíduo falante que enunciou um texto oral ou escrito, mas, também, “como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações como foco de sua coerência” (FOUCAULT 2000b, p. 26). O autor considerado não só como um mecanismo de proliferação do discurso mas, também, como um mecanismo de controle na produção, seleção e circulação dos sentidos que são postos em circulação sob a sua assinatura. Isto porque não é qualquer discurso que circula com uma autoria regulada por um regime legítimo de propriedade. Quando isso ocorre os discursos são recebidos com um certo estatuto. Afirma Foucault:

o facto de se poder dizer ‘isto foi escrito por fulano’ ou ‘tal indivíduo é o autor’, indica que esse discurso não é um discurso cotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto (FOUCAULT 1992, p. 45).

Na doutrina Espírita, o discurso mediúnico põe em funcionamento uma configuração autoral marcadamente singular. Sua constituição considera, necessariamente, a ação simultânea de dois sujeitos: um Espírito “morto” e um Espírito “vivo”. Temos, portanto, a introdução de dois novos elementos à temática da autoria: um “autor” espiritual: aquele que “formula” o texto e, um “autor” material, o médium, aquele que assume a posição de intérprete ou simplesmente de um instrumento, uma espécie de “máquina telegráfica”. Segundo os princípios da doutrina Espírita acerca dos sujeitos responsáveis pela “comunicação” entre os Espíritos “mortos” e os Espíritos

³⁹ Para um aprofundamento acerca da categoria autoria, ver *Estética da criação verbal* (2000) de M. Bakhtin e, *O que é um autor* (1992), de M. Foucault.

“vivos”, autor espiritual e médium são, portanto, posições necessárias para que a autoria, no discurso mediúnico, seja instaurada.

Para que essa configuração autoral tenha existência, é necessário, portanto, que o médium assuma oficialmente que funcionou no processo discursivo, apenas, como intérprete ou como essa tal “máquina de transmissão”. Esta é uma regra constitutiva da natureza do discurso mediúnico enquanto prática discursiva e, não propriamente como modalidade de comunicação utilizada pelo campo discursivo Espírita. No entanto, a submissão do sujeito médium à regra de apagamento de sua autoria deixa explícita a sua condição de adepto da doutrina Espírita, uma vez que, de acordo com os princípios doutrinários, um médium autêntico deve assumir que o discurso é do autor espiritual e não seu. Abdicar da autoria do texto mediúnico é, pois, uma marca do exercício da função médium, no campo discursivo Espírita. Esta abdicação marca um dos modos do Espiritismo produzir a rarefação dos sujeitos que falam nas relações postas em funcionamento pelo processo de produção de discursos mediúnicos.

Uma das funções do sujeito-médium é “reproduzir” o dizer do Espírito. Dessa forma, o médium assume a função de escrevente já que ele é o meio pelo qual o Espírito desencarnado se comunica com o mundo dos vivos. Assim, ao se posicionar apenas como o reprodutor da “voz” do Espírito, o médium não assume a autoria do texto psicografado. Ele apenas é o “intérprete” ou o escrevente da mensagem que lhe é passada. Para este campo a função médium é, portanto, discursivizada como sendo o lugar do intérprete e/ou do escrevente.

O médium psicógrafo pode exercer sua posição de duas formas: como psicógrafo de cartas e ou mensagens ou como autor psicógrafo. Na primeira, o médium atua, apenas, como o sujeito que materializa o discurso do Espírito; na segunda, o médium não só materializa o texto, como também cuida de todos os procedimentos concernentes à sua publicação. Nesse caso, o trabalho psicográfico pode ser legitimamente a ele atribuído. O dizer, materializado por meio do autor psicógrafo, se caracteriza por ser um discurso regido, simultaneamente, por dois regimes de propriedades⁴⁰. O primeiro é o regime que funciona, em nossa formação social, regulando a produção, a circulação e a publicação de textos. Como tal, aprisiona o

⁴⁰ Sobre o discurso como um “bem preso num circuito de propriedade” ver *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2000, do filósofo Michel Foucault.

discurso como um bem passível de ser regulado por regras específicas sobre os direitos do autor e, também, dos editores. Diante dessas normas, o médium é, para todos os efeitos legais, o legítimo produtor e proprietário do texto publicado. Desse modo, todas as responsabilidades e, também, todos os direitos que o exercício dessa função põe em funcionamento são a ele atribuídos.

O segundo regime de propriedade é aquele posto em exercício pela doutrina Espírita. Nesse campo, a responsabilidade pela produção do discurso materializado, via função médium, é do sujeito Espírito. Ao médium cabe a responsabilidade pela sua materialização e, se for o caso, por todos os procedimentos que regulam a publicação de um texto, em nossa sociedade. Vejamos o que diz o médium Chico Xavier sobre a origem dos textos produzidos, por meio da sua assunção à função de médium autor psicógrafo, em 28 de julho de 1971, durante o programa televisivo Pinga Fogo, apresentado pelo Canal 4, TV Tupi de São Paulo:

(...) cheguei a um estado de certeza, certeza íntima e naturalmente pessoal e intransferível, que se eu disser que estes livros pertencem a mim eu estou cometendo uma fraude pela qual eu vou responder de maneira muito grave depois da partida deste mundo . (...) estou perfeitamente tranqüilo quanto à presença dos espíritos na mediunidade, nos livros (...) (CHICO XAVIER, 1984, p. 46).

Desse modo, segundo o regime de verdade que Espíritas que regulam a produção da escrita mediúnica psicográfica, uma das “exigências” para que o médium possa assumir a função autor médium psicógrafo é a cessão dos direitos autorais, advindos da publicação das obras psicografadas, legalmente cabíveis ao médium. Estes devem ser cedidos, pelo sujeito médium, por meio do registro da cessão de direitos, em cartório competente, a uma instituição Espírita, para que esta possa custear as despesas de manutenção e funcionamento de suas instalações; os investimentos em obras assistenciais e, especialmente, os gastos efetivados com as práticas de divulgação da doutrina. A cessão desses direitos constitui, portanto, uma marca identificadora do trabalho Espírita.

Chico Xavier, no que diz respeito à questão dos direitos autorais, foi para a doutrina Espírita um médium modelar: cedeu todos os direitos autorais das obras psicografadas, em cartório, à FEB e, posteriormente, a outras editoras vinculadas à

Centros espíritas. Para o médium, o usufruto dos direitos autorais, advindos do trabalho de produção psicográfica, pelo médium, era uma atitude que lhe causava estranheza, pois ia de encontro ao preceito Evangélico: “De graça recebestes, de graça dai” apregoadado pela doutrina Espírita. Relata Chico Xavier:

Imagine (...) se Jesus nos cobrasse direitos autorais de suas bênçãos, onde iríamos. É por isso que estranho a cobrança de tais vantagens por parte daqueles que o servem neste mundo. Isso é compreensível nos servidores da morte, sempre receosos do presente e do futuro, mas, nos filhos da vida eterna, não posso compreender. (XAVIER, in Schubert, p. 60).

O uso do termo “exigência”, embora pareça ir de encontro ao princípio do livre arbítrio, postulado pela doutrina Espírita, não constrói uma incoerência doutrinária, uma vez que o médium psicógrafo que não se enquadra nessa norma discursiva não perde o direito de exercer a sua função autor: ele continua a ser considerado um psicógrafo, porém, não pode declarar a sua pertença doutrinária ao Espiritismo e, portanto, não é identificado como um autor médium psicógrafo Espírita. A cessão dos direitos autorais, pelo médium, constitui, portanto, uma marca identificadora do trabalho de produção psicográfica Espírita e, também, da atuação do médium, uma vez que, ao realizar a cessão, ele será identificado como médium psicógrafo Espírita. Ao atribuir a autoria do texto psicografado ao Espírito, o médium apaga, portanto, a sua autoria para afirmar a doutrina. A autoria aparece como elemento que prova a veracidade da doutrina no que concerne principalmente ao princípio da existência e da comunicabilidade do Espírito. Essa prática regula também a ação de leitores Espíritas, muitos, antes de iniciar a leitura de um texto psicografado, associam a credibilidade do conteúdo veiculado pela situação autoral assumida pelo médium. A autoria psicográfica aparece como elemento que prova a veracidade da doutrina no que concerne, principalmente, ao princípio da existência e da comunicabilidade do Espírito.

O regime de propriedades acolhida pela doutrina Espírita para regular a produção e circulação dos textos produzidos pela mediunidade de psicografia é uma marca identitária que, além de particularizar o uso do direito do autor, funciona como traço distintivo que credibiliza tanto a doutrina, quanto o sujeito médium psicógrafo. A doutrina passa, desse modo, pelo crivo da sociedade em que está inserida como uma doutrina cujos princípios assumem valores de verdade; o psicógrafo, por sua vez, passa

a atribuir ao discurso produzido, por meio da função de autor, um estatuto de verdade.

Materializar um certo conjunto de enunciados sob a técnica da produção discursiva psicográfica, fazê-lo circular em um certo gênero discursivo e um dado suporte textual, sob a responsabilidade de uma assinatura sem, no entanto assumir a autoria das idéias expostas, constitui-se em um gesto autoral singular que se firmou como traço identitário da doutrina Espírita. Allan Kardec foi o primeiro a, oficialmente, inaugurar essa configuração autoral. Ele atribui a autoria das idéias Espíritas ao conjunto de Espíritos colaboradores que, sob a técnica do diálogo, responderam aos questionamentos que formaram as temáticas que compõem *O livro dos Espíritos*. Kardec, portanto, defende a tese de que o Espiritismo é um discurso revelado pelos Espíritos. Por este motivo, advoga para si a posição de mero organizador, ou codificador das idéias que compõem o corpo dessa doutrina.

No discurso Espírita, embora um médium esteja apto a exercer a função de autor psicógrafo e, por outro lado, um Espírito esteja apto a assumir a função legítima de autor de textos psicográficos, esta é uma decisão que deve ser tomada em conjunto. Desse modo, para que a autoria no processo psicográfico se instaure é necessário que haja um Espírito capacitado a exercer função de autor de textos; é preciso que haja um médium psicógrafo que aceite ser um “autor” psicógrafo e, por fim é necessário que a doutrina Espírita legitime o exercício dessas funções. Ela, enquanto instituição que produz o controle dos discursos, é responsável por produzir os procedimentos que regulam não só a ação do sujeito médium e do sujeito autor que pode atuar no processo de produção psicográfica, como, também, o conteúdo que deve tornar-se público.

Versamos, no item seguinte, sobre as práticas de produção discursiva por meio da mediunidade de psicografia. Apresentaremos modos de como funciona esse mecanismo de produção e/ou recepção de discursos.

3.4 A produção e a recepção mediúnica psicográfica: práticas

Todo campo discursivo possui procedimentos de controle e delimitação na sua produção discursiva. A produção de discursos pela prática psicográfica tem, no campo Espírita, seu funcionamento regulado, por regras próprias. Para a compreensão de aspectos do funcionamento da função médium psicógrafo tomamos, como referência, o

trabalho do médium brasileiro Chico Xavier. Para tanto, iniciemos com a escuta da voz de enunciadores que presenciaram momentos da prática psicográfica do médium. Vejamos, inicialmente, o relato a seguir:

Vi, com meus próprios olhos à luz forte de lâmpadas elétricas, Chico Xavier escrever em laudas corridas, sem se interromper um segundo para concentrar o pensamento. Fronte amparada na mão esquerda, em ponto de apoio sobre a mesa, a mão direita célere, deslizava no papel, em movimento puramente automático, mecânico, enquanto ele, Chico Xavier, em lucidez perfeita, podia responder a uma ou outra interpelação incidental sem interromper a redação do que elaborava. (TEIXEIRA apud TIMPONI, 1978, p. 316-317)

O relato acima é do professor Dr. Melo Teixeira, publicado no Diário da Tarde, de Belo Horizonte, no dia 28 de julho de 1944. O depoimento foi produzido em resposta a uma enquete feita, pelo referido jornal, sobre a questão do processo movido contra Chico Xavier e a Federação Espírita Brasileira (FEB), pela família do escritor Humberto de Campos⁴¹. A família reivindicava, em Juízo, os direitos autorais sobre os trabalhos psicografados por Chico Xavier e assinados por Humberto de Campos.

“Fronte amparada na mão esquerda”, essa foi a imagem que consagrou o modo como o médium psicográfico, Chico Xavier, produziu a materialização das inúmeras vozes autorais que emergiram do além, na posição de autor espiritual. Através desse relato, identificamos traços característicos do processo psicográfico, na modalidade mecânica. O sujeito-psicógrafo, no caso Chico, não pensa sobre o que vai escrever, como na modalidade convencional de escrita, simultaneamente, ele escreve, e conversa com outros enunciadores, sem que o processo de escrita seja interrompido. Quanto às condições ambientais, o registro se realiza, em ambiente iluminado, sob os olhares dos espectadores. Para Teixeira, a acusação de pastichador, muitas vezes, atribuída a Chico Xavier não se sustenta, uma vez que é produzida por pessoas que desconhece o modo como Chico Xavier escreve seus textos e, ainda, as condições sócio-históricas, sob as quais o seu processo de produção textual se realiza. Para ele, um imitador não costuma escrever:

⁴¹ Sobre a questão do processo movido contra o médium Chico Xavier e a FEB, ver o texto de Miguel Timponi: a psicografia Ante os tribunais.

de improviso, numa elaboração e redação instantâneas, sem segundos sequer de meditação para coordenar as idéias, passando sem sucessão ininterrupta da prosa ao verso, da página de ficção para a de filosofia, ou moral; transladando a composição para o papel em escrita manual vertiginosa que qualquer um não consegue em trabalho de cópia ou quando reproduz um assunto que tenha de cor. (TEXEIRA apud TIMPONI, 1978, p. 315).

Outro espectador do trabalho psicográfico do médium foi o crítico literário Agripino Grieco. Conforme depoimento, em entrevista publicada no dia 21 de setembro 1939, ele foi convidado a assistir uma sessão mediúnica. Antes do início do processo psicográfico, a pedido do orientador da sessão, rubricou vinte folhas de papel que seriam utilizadas pelo médium, a fim de serem afastadas qualquer suspeita sobre a possível substituição de textos. O crítico afirmou que Chico Xavier escrevia

com uma celeridade vertiginosa, deixando correr o lápis com uma agilidade que não teria o mais desenvolvido dos rasistas de cartório(...). À proporção que uma folha se completava, sempre em grafia bem legível”, ele ia verificando o que “ali fixara o lápis de Chico”. (TIMPONI, 1978, p. 67).

Podemos, a partir dos relatos desses observadores, atentar para o fato de uma regularidade nas informações, quanto à questão da velocidade e da agilidade, no registro do texto psicografado. Um dado novo, no terceiro relato, é a problemática da legibilidade do texto que, no caso do médium, é facilitada devido à sua habilidade em proceder ao registro, com letras legíveis. Procedimento que somente os médiuns treinados podem executar.

A discursivização de um sujeito-psicografado pode, também, ser efetuada, simultaneamente, por meio do exercício da função médium psicógrafo de dois sujeitos médiuns diferentes, em dias alternados e, também, lugares diversos. Essa forma de exercício, rara, recebe, no campo Espírita, o nome de psicografia cruzada. Conforme Machado (1992, p. 119), a técnica “consiste no fato de dois (ou mais) médiuns receberem trechos de uma mensagem, que, unidos, encaixam-se perfeitamente, formando seqüência”. Foi por meio dessa prática psicográfica que os médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira psicografaram juntos, entre os anos de 1958 e 1965, dezessete textos/livro. O primeiro foi *Evolução em Dois Mundos* (1958), de autoria espiritual de

André Luiz. Conforme depoimento dos médiuns, o procedimento foi sugerido pelo próprio autor. Em nota de rodapé, os citados médiuns fazem referência ao fato:

a *convite* do Espírito André Luiz, os médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira receberam os textos deste livro em noites de domingos e quartas-feiras, respectivamente nas Cidades de Pedro Leopoldo e Uberaba, Estado de Minas Gerais. As páginas psicografadas por um e outro podem ser identificadas pela data característica de cada texto (Nota dos médiuns).” (XAVIER E VIEIRA apud LUIZ, p. 19). [grifo nosso]

O autor espiritual, em nota ao leitor, por sua vez, explica o modo como se deu o processo de produção do texto, em questão:

para tal empreendimento, carecíamos de instrumentação mais ampla, motivo pelo qual nos utilizamos de dois médiuns diferentes, em lugares distintos, dois corações amigos que se prontificaram a receber-nos os textos humildes, dos quais se compõe a nossa apagada oferta (LUIZ, 2006, p. 19).

Os capítulos pares do livro foram escritos por Chico Xavier e, os capítulos ímpares, por Waldo Vieira. Terminado o trabalho psicográfico, um capítulo por semana, estava, assim, formado o texto que foi produzido de forma singular: a “seis mãos”.

Como ficou demonstrado, para certos gêneros de produções discursivas psicográficas, há seleção não só técnico psicográfico: da “instrumentação”, no dizer do sujeito psicografado, como, também, da técnica psicográfica a ser utilizada.

A produção do texto psicografado pode ser efetuada, também, com a utilização do aparelho auditivo. Conforme o médium Chico Xavier, inicialmente, ouve-se o ditado do sujeito-psicografado e, depois, procede-se ao registro. O psicógrafo explica que em 1931, em um final de tarde, enquanto regava um campo de plantação de alho, a mando de seu empregador, surgiu, pela primeira vez, Augusto dos Anjos, em Espírito. O autor Espiritual aproximou-se do médium com o objetivo de escrever, sob seu intermédio. O médium explica que o processo psicográfico, desse sujeito-autor, realizou-se com grandes dificuldades. Naquele momento, ele era apenas um iniciante, não dominava, ainda, técnicas mais complexas. Vencidas as barreiras materializou-se, assim, o poema “Vozes de uma sombra”, poesia que está inserida no texto *Parnaso do Além Túmulo*. Relata o médium:

E ele começou a falar com aquelas palavras maravilhosas, muito técnicas, eu com o regador na mão, custava a compreender. E ele falava e falava que gostava de escrever no campo e que aquela era uma hora em que ele queria ditar, para que eu ouvisse para poder compreender na hora de escrever, por que muitas vezes escrevo também como médium ouvinte. Então eu sentia aquela dificuldade, então ele falou assim comigo: ‘Olha você quer saber de uma coisa? Eu vou escrever o que puder, pois a sua cabeça não agüenta mesmo’. E a poesia está no livro mas só o que ele pode, mas era muito mais, era uma beleza. Ele falava de fótons, cores de mundos, galáxias. Quem era eu para entender aquilo, eu que estava regando canteiros de alho? (XAVIER, 1984, p. 54).

Além do aparelho auditivo, os órgãos da visão, de conformidade com a complexidade do gênero a ser psicografado pode ser, também, conforme o médium, utilizado na produção psicográfica. Esta foi a técnica utilizada por Chico Xavier, na produção do livro *Há 2 mil anos*, do sujeito-psicografado Emmanuel, mentor de Chico. Sobre a produção desse texto, o psicógrafo relata que, em 1936, quando falou a Emmanuel sobre seu desejo de psicografar o gênero romance, o sujeito-Espírito explicou-lhe que, para psicografar essa modalidade enunciativa, ele deveria oferecer um estado mental de profunda serenidade. O momento, portanto não era propício: o médium estava envolto em problemas domésticos. Quatro anos depois, com os problemas familiares sob controle, o médium garantiu ao autor que “ofereceria a ele um campo mental pacificado na oração” (XAVIER, 1984, p.37). Na voz do médium: “então ele marcou que eu me concentrasse durante uma hora por dia e me depusesse a datilografar outra hora por dia, durante o tempo em que perdurasse a psicografia do romance” (XAVIER, 1984, p. 38).

Conforme Chico Xavier, ele foi conduzido a psicografar o texto com o mesmo procedimento de quem acompanha novelas de tevê ou vê filmes no cinema: com interesse e, torcendo por alguns personagens. O médium explica que, enquanto ouvia e assistia as cenas, sua mão escrevia celeramente, sem que ele tivesse nenhum conhecimento sobre a temática registrada ou, ainda, sobre a seqüência do enredo. A primeira cena apresentada, descreve o médium, mostrava

dois romanos a trocaram idéias no jardim, diante de um céu nebuloso que depois rebentou numa tempestade. Eu comecei a ver aquela cidade e o céu tempestuoso e a chuva caindo e aqueles dois homens vestidos à moda antiga, de túnicas, deitados naqueles sofás longos, comendo frutas com as mãos. Eu me assustei com aquela visão que parecia uma visão estranha porque estava dentro de mim e fora de mim. Comecei a assistir só a um cinema em que eu tomasse parte na tela e estivesse fora da tela. Então eu me assustei. Parei de escrever. Então ele [Emmanuel] me disse: ‘Você está debaixo de uma certa hipnose. Você está vendo o que eu estou pensando. Mas não sabe o que eu estou escrevendo’. De modo que eu vivi muito mais o romance ao recebê-lo do que ao ler ou reler o que eu escrevia. (CHICO XAVIER, 1984, p. 38).

Essa concomitância entre psicografia e “cinema” se repetiria na psicografia de outros livros como, por exemplo, em *Paulo e Estêvão*, uma biografia de Paulo de Tarso, ditada pelo sujeito-psicografado, Emmanuel, em 1941, no porão da casa de seu patrão, durante as noites, após o expediente na Fazenda Modelo, ao longo de oito meses. Nesse processo de escrita, a rotina de trabalho de Chico Xavier consistia em deixar sua mão escrever, enquanto assistia aos episódios de seu “filme” particular. Conforme o jornalista Souto Maior, o trabalho psicográfico era pesado: “Chico preenchia as páginas em branco (...), passava a limpo os originais, datilografava tudo na máquina emprestada pelo patrão e apagava o que tinha escrito a lápis para reaproveitar o papel. (SOUTO MAIOR, 2003, p. 81).

Analisando os relatos de Chico Xavier, compreendemos que a produção de determinados gêneros discursivos psicográficos são mais complexos do que outros, a exemplo dos textos citados. O trabalho exigia do médium, portanto, aptidões especiais. Observamos que há todo um controle sobre a escolha do gênero sob o qual o enunciado será materializado; da seleção do médium, por meio do qual o processo discursivo psicográfico será efetuado e, também, do tempo que deve ser disponibilizado para a produção do registro manuscrito e, posteriormente, do registro, à máquina. Outro dado significativo é o modo como a psicografia foi realizada, nesse caso, o médium, foi posto sob um estado de hipnose provocada pelo sujeito-psicografado. Desse modo, ao mesmo tempo em que assistia a cena e ouvia os enunciadores, fazia o registro, sem saber, no entanto da temática tratada.

No texto *Palavras minhas* Chico Xavier faz algumas considerações sobre o processo de escrita psicográfica dos poemas contidos nesse livro. Vejamos:

O que posso afirmar, categoricamente, é que, em consciência, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intelectual ao grafá-las no papel. A sensação que sempre senti, ao escrevê-las, era a de que vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; e doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis. Certas vezes, esse estado atingia o auge, e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas. É o que experimento, fisicamente, quanto ao fenômeno que se produz freqüentemente comigo (XAVIER, 1994, p. 25).

Este relato pode funcionar como um resumo dos modos de como a psicografia pode ser efetuada, a partir de procedimentos diversos: a psicografia mecânica “vigorosa mão impulsionava a minha”; a psicografia por meio da mediunidade de vidência: parecia ter em frente um volume material, onde eu as lia e copiava”; a psicografia através da mediunidade auditiva: “alguém mas ditava aos ouvidos”. Essa diversidade nos modos de proceder ao registro psicográfico dos textos, no processo psicográfico do médium Chico Xavier, conforme Schubert (1998, p. 104), deve-se ao estágio avançado de sua mediunidade. Diz a autora: “como é de conhecimento geral, Chico vê e fala com os Espíritos como se estes pertencessem ao plano material. Vive ele entre os dois mundos, o físico e o espiritual”.

Conforme foi colocado, devido à natureza orgânica da mediunidade psicográfica, o grau de letramento em que se encontra o médium não se constitui em impedimento para que possa psicografar em língua diferente daquela que domina. O médium Chico Xavier, em março de 1937, na Sociedade Metapsíquica de São Paulo, psicografou uma mensagem do Espírito Emmanuel, em inglês. Essa comunicação, além de ser escrita em língua desconhecida pelo médium, foi registrada de forma invertida,

fenômeno, também, bastante raro. A escrita invertida é registrada “ao inverso, da direita para a esquerda, legível ao espelho ou contra a luz” (MACHADO, 1992, p. 56.)

Em 1965, os médiuns Chico Xavier e Waldo, em viagem aos Estados Unidos, com o objetivo de promover a divulgação do Espiritismo, psicografaram, na casa do casal Salim Salomão e sua mulher, Phillis, textos, em inglês, assinados por um autor Espiritual de nome Ernest O’Brien. Conforme o jornalista, Marcel Souto Maior, o casal afirmou que com quinze dias de aulas de inglês que o médium havia recebido deles, ele não havia ainda adquirido o “Know-how suficiente para escrever os textos que, em poucos minutos, ele colocou no papel, (...). As palavras em inglês saíam de sua mão em velocidade absurda até mesmo para os americanos e deixaram Mrs. Phillis boquiaberta” (SOUTO MAIOR, 2003, p. 177).

Chico havia desenvolvido, portanto, a habilidade de realizar a escrita psicográfica, em línguas⁴² diversas: inglês, luxemburguês, alemão, italiano, árabe, grego, castelhano e hebraico. Era, também, um médium poliglota. Conforme Kardec (2004a, p. 163), esta é uma faculdade rara e permite aos médiuns a possibilidade de “falar ou de escrever em línguas que não conhecem”. O pesquisador explica que se o Espírito quiser, pode se expressar em qualquer língua, pois “as línguas são formas de expressão do pensamento e o Espírito compreende pelo pensamento” (KARDEC, 2004a, p. 192). No entanto, devido à complexidade que envolve a transmissão em língua desconhecida pelo médium, os Espíritos somente utilizam esse método, acidentalmente. Conforme Bozzano, (2005, p. 7) esse mecanismo mediúnico é, também, conhecido por xenoglossia, termo proposto pelo professor Charles Richet, com o objetivo de distingui-la de outros casos afins.

Em relato, o psicógrafo fala da dificuldade que há em assumir o papel de médium cotidianamente. Diz o médium:

Em meio século de mediunidade ativa tenho aprendido que não é fácil aceitar o serviço mediúnico de maneira a conduzi-lo para frente de modo incessante. Muitas circunstâncias adversas, e todas elas naturais, criam as maiores dificuldades para que o trabalho com os Amigos Espirituais seja mantido sem pausas maiores. É muito difícil continuar e perseverar nos votos

⁴² Para a leitura de processos psicográficos do médium Chico Xavier em outras línguas ver Clóvis Tavares: *Trinta anos com Chico Xavier* (1995); Chico Xavier: *Quando se pretende falar da vida* (2004), do autor espiritual Roberto Muskat e *Entre irmãos de outras terras*, Chico Xavier e Waldo Vieira, mensagens de vários Espíritos. (2004).

que a gente abraça no princípio das tarefas, mas é sempre compensadora a alegria do trabalhador que persiste e jamais desanima, porque dos próprios Mensageiros do Eterno Bem emanam providências que amparam e sustentam os tarefeiros em serviço. (XAVIER in Diálogos com Chico Xavier, 1992, p. 25).

Chico Xavier foi considerado um médium completo. Ele possuía a capacidade de se comunicar mediunicamente por meio das diferentes práticas mediúnicas. No entanto, foi pela técnica da psicografia que ele demarcou o seu lugar no campo religioso Espírita e, também, em outros domínios. Para o antropólogo Bernardo Lewgoy, (2004, p.48) uma das grandes contribuições do trabalho psicográfico do médium foi “a promoção do livro espírita como veículo de uma religiosidade, de um cultivo literário de si e de uma ‘distinção pelo saber’, juntamente com a apropriação ritual de práticas eruditas de estudo, leitura, comentário e citação”.

Acreditamos, desse modo, que o médium Chico Xavier por ter se tornado, consensualmente, uma figura modelar de médium psicógrafo, tornou-se, portanto, uma referência para o estudo dos modos de recepção mediúnica pela técnica da psicografia.

No próximo item, discorreremos sobre a existência, a circulação e o funcionamento do texto psicográfico. Observaremos as características do discurso psicográfico; os seus modos de existência; a sua produção e circulação.

3.5 O texto psicográfico: existência, produção, circulação

De acordo com a doutrina, o discurso mediúnico psicográfico é o conjunto de enunciados que pertence aos Espíritos desencarnados. A sua singularidade, diante de outras tipologias discursivas, está em ser materializado através da psicografia: processo mediúnico que se atualiza por meio da atuação do sujeito médium psicógrafo. Como qualquer outro discurso materializado, por meio de elementos lingüísticos, emerge sob os mais diversos gêneros discursivos: poema, reportagem, carta familiar, mensagem familiar, oração, música, romance, autobiografia, ensaios, artigos, crônicas, contos. Esses gêneros, por sua vez, são veiculados nos mais diferentes suportes textuais: livros, revistas, jornais, panfletos.

Dentre os gêneros discursivos psicográficos que circulam, nesse campo discursivo, os relatos autobiográficos no gênero: carta familiar, mensagem, “romance” autobiográfico e autobiografia, irrompem como modalidades enunciativas de grande produção e circulação. A seleção desses gêneros não é aleatória, deve-se à natureza das condições de produção do discurso dos enunciadores espirituais. Trata-se, em sua maioria, de Espíritos desencarnados, habitantes do mundo espiritual, que desejam relatar aos parentes encarnados e aos adeptos do espiritismo, as suas experiências de vida, no além túmulo. Dentre os objetos discursivos que figuram como temas dos relatos, estão o mundo espiritual, o seu funcionamento, as condições de existência nesse mundo, a sobrevivência da alma, o trabalho espiritual, o encontro com os parentes “mortos”.

Para o campo discursivo Espírita a produção e circulação desses gêneros funcionam, como meio de ratificar, sedimentar, naturalizar e divulgar, dentre outros fundamentos Espíritas, os princípios da imortalidade da alma, da comunicabilidade entre Espíritos encarnados e desencarnados e da vivência dos Espíritos, no mundo espiritual.

O processo de registro psicográfico das vivências desses Espíritos no mundo espiritual é uma prática marcada em qualquer texto psicografado e, constitui-se, portanto, em uma marca identitária dessa modalidade de textualização discursiva. Desse modo, o enunciado psicográfico, independente do gênero discursivo em que foi configurado e do suporte textual, por meio do qual circula, carrega marcas que denunciam o processo de discursivização que o materializou e o campo discursivo que lhe deu origem. Todo texto psicografado circula, obrigatoriamente, com duas assinaturas: a do sujeito-psicografado, o Espírito-autor, e a do sujeito-psicógrafo, o médium escrevente (o intérprete), segundo a teoria religiosa. Desse modo, o nome do autor Espiritual aparece antecedido pelo enunciado: *ditado pelo Espírito X ou pelo espírito X*; o do médium vem depois do enunciado: *psicografado por X ou psicografia de X*. Tomemos, como exemplo, o livro *Há dois mil anos*. Materializado no gênero “romance” autobiográfico, esse texto circula no suporte formatado livro. A capa traz a assinatura do autor espiritual, Emmanuel, com o seguinte registro: *pelo espírito Emmanuel e*, logo abaixo, o nome do médium, Francisco Cândido Xavier. Na folha de rosto, é obrigatório o registro dos enunciados: *ditado pelo Espírito X, ou pelo espírito*

X e, psicografado por ou psicografia de. Colocado antes do nome do médium, aparece o registro: *psicografado por*.

A sedimentação do modo de produção e circulação de textos, via escrita psicográfica Espírita, pode ser observada, também, na forma como esses textos são catalogados, quando veiculados em livro, nos dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP), ou seja, nos registro das informações que identificam a publicação. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), órgão que orienta a configuração dos textos que circulam em nosso país, orienta que os registros “devem ser elaborados conforme o Código de Catalogação Anglo-Americano”: AACR2 - *Anglo-American Cataloguing rules, 2nd Edition: descrição e pontos de acesso* - trabalho da Bibliotecária, Antônia Motta de Castro Memória RIBEIRO (1995). Nesse catálogo, a autora informa que as comunicações de espíritos são obras consideradas de responsabilidade mista. Portanto, na catalogação terá “a entrada principal pelo cabeçalho apropriado ao Espírito, seguido da palavra (Espírito), entre parêntese e grifada” e, “entrada secundária para o *médium* ou pessoa que recebeu ou relatou a comunicação”, antecedida pela palavra: *psicografado por* (RIBEIRO, 1995, p. 404). Tomando como exemplo o livro intitulado *Nosso Lar*, o registro fica desse modo: Luiz, André (Espírito). *Nosso Lar*/ditado pelo Espírito André Luiz; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier (...). Vale notar o registro da palavra *ditado*, cujo emprego produz o efeito de sentido de ratificar a autoria do livro pelo Espírito e apagar a possível idéia da autoria do médium.

Essa prática discursiva constitui uma forma de demarcar a posição social que ocupa o sujeito-Espírito e o sujeito-médium, nessa modalidade discursiva: ao médium, apenas, a posição de escrevente, ao Espírito, o lugar de autor do texto. Estes dados *funcionam* como elementos que dirigem a produção e leitura dessa modalidade de escrita. Ao identificar essa forma de marcar a autoria, o leitor imediatamente reconhece que se trata de relatos de experiências individuais, relativas à vivência de sujeitos Espíritos, no mundo Espiritual. Entendemos que imprimir no texto, simultaneamente, o nome do autor-Espiritual e o nome do médium que psicografa o texto, constitui-se em uma marca identitária, não só de como essa formação discursiva controla a produção e circulação de seus textos, nessa modalidade de textualização discursiva, mas também, de como ela reproduz e sedimenta o modo de produção de escrita, por meio da técnica psicográfica, como prática específica do campo religioso Espírita.

Para a crença religiosa do Espiritismo, a seleção dos objetos discursivos sobre os quais tratam o discurso psicografado pode partir do próprio autor espiritual ou da equipe de Espíritos que coordena os seus trabalhos, caso ele esteja engajado em algum projeto, no mundo espiritual. A escolha, de uma forma geral, toma como fundamento, no entanto, a necessidade de atender ao apelo de uma dada situação de produção discursiva, ou seja, o local, as circunstâncias e os sujeitos envolvidos no processo. Muitos textos psicografados, pelo médium Chico Xavier, podem confirmar esse procedimento. Vejamos, a seguir, algumas situações discursivas que mostram explicitamente as condições de produção em que alguns textos foram psicografados pelo médium.

Em 1931, conforme Machado, (1992, p.42) o médium Chico Xavier foi interpelado por um padre, em um cemitério, durante o enterro de um amigo. Desafiado, pelo sacerdote, a escrever uma mensagem, de um Espírito qualquer, o médium recebeu um lápis e um papel em branco, cedidos pelo padre. Concentrou-se e psicografou um soneto intitulado *Adeus*, assinado pelo sujeito psicografado, Auta de Souza⁴³. O texto, de conformidade com a situação de produção, versou sobre a temática da despedida de um Espírito que deixa o mundo e parte para o além-túmulo.

Em 28 de Julho de 1971, o apresentador do programa Pinga-Fogo, emissora TV Tupi, canal 4, Almir Guimarães, entrevistou o médium Chico Xavier. No final do programa, em nome do auditório e dos telespectadores, solicitou ao médium para tentar psicografar ‘uma mensagem de seus guias’. O médium pediu para ouvir uma música suave; solicitou silêncio à platéia e, logo em seguida, começou, com extrema rapidez, a psicografar um texto, cujo gênero discursivo nem ele mesmo havia percebido ao certo qual era, pois ao lê-lo o fez como se fosse um texto em prosa. Era um soneto, assinado pelo poeta Cyro Costa. O texto tratava acerca dos temas que foram discutidos, durante a entrevista. Foi produzido, portanto, em perfeita sintonia com a situação enunciativa, em questão. (CHICO XAVIER, 1984, p. 78-79).

Em 1944, o médium psicografa um texto, no gênero carta, intitulado *Carta à minha mãe*, de autoria espiritual do escritor maranhense, Humberto de Campos, dirigida à sua mãe. O texto foi psicografado, por ocasião do processo movido, pela família do

⁴³ Para uma leitura sobre vida e obra da poetiza Auta de Souza ver Cascudo, Néstor Garcia. Vida breve de Auta de Souza. Recife: Imprensa Oficial. Sobre uma visão Espírita sobre essa autora ver OLIVEIRA, Fábio Fidélis de. Religião e cultura local: estudo de dois grupos espíritas potiguares. Natal, 2009. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais-UFRN.

escritor, contra Chico Xavier e a editora da FEB e, foi publicado, posteriormente, no livro *Crônicas de Além-Túmulo*. Por meio dele, o sujeito-autor Espiritual produz sua defesa a favor do médium.

A mão que me serve de porta-caneta é a mão cansada de um homem paupérrimo, que trabalhou o dia inteiro buscando o pão amargo e quotidiano dos que lutam e sofrem. A minha secretária é uma tripeça tosca, à guisa de mesa, e as paredes que me rodeiam são nuas e tristes, como aquelas de nossa casa desconfortável em Pedra do Sal. O telhado sem forro deixa passar a ventania lamentosa da noite, e deste remanso humilde, onde a pobreza se esconde, exausta e desalentada, eu te escrevo sem insônias e sem fadigas, para contar-te que estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães (TIMPONI, 1978, P. 36).

No entendimento do autor espiritual, Chico funciona, na função médium psicógrafo, apenas, como um instrumento que substitui a sua mão, “um porta caneta”. Esse entendimento sobre o exercício da função médium psicógrafo encontra fundamento nos princípios Espíritas que tratam sobre a modalidade de mediunidade psicográfica mecânica. Por meio dessa técnica, “o Espírito pode, pois, exprimir diretamente o seu pensamento, seja pelo movimento de um objeto a que a mão do médium serve apenas de apoio, seja pela sua ação sobre a própria mão do médium” (KARDEC, 2004a, p.152). Trata-se de uma escrita mecânica, dirigida. O uso dessa técnica, ratifica, portanto, o fato de que o médium não interferiu na seleção da temática, embora ele tenha sido utilizado como objeto central do discurso produzido pelo sujeito psicografado.

Como vimos, os processos psicográficos dos textos elencados, foram realizados pelo mesmo médium, em circunstâncias, tempos, lugares e sujeitos-Espíritos diferentes. O traço característico que lhes dá unidade é o fim útil ao qual está ligada a emergência deles. Ambos surgiram como um discurso-resposta à vontade dos sujeitos-enunciatórios de pôr à prova a credibilidade do processo mediúnico psicográfico e, também, a conduta do médium, visto, inúmeras vezes, na posição de um mistificador.

A seleção da temática a ser discursivizada, na escrita psicográfica, como foi dito, pode ficar ao encargo da equipe de Espíritos que coordena os trabalhos do sujeito-Espírito-autor. Este foi o caso do sujeito-psicografado, André Luiz. Segundo

informações do médium Chico Xavier, durante a produção do enunciado *Missionários da Luz*, texto ditado por André Luiz ao psicógrafo, o processo psicográfico foi interrompido por vários dias. Reiniciado os trabalhos, o médium foi informado pelo seu mentor, o Espírito Emmanuel, que a interrupção devia-se ao fato de que, algumas reuniões haviam sido realizadas com o objetivo de examinar “certas teses que o André Luiz deveria ou poderia apresentar ou não no livro”. Ainda nesta produção, por muitas vezes, o médium viu os Espíritos “Emmanuel e Bezerra de Menezes, associados ao autor, fiscalizando ou amparando o trabalho”.(XAVIER apud Schubert, 1998, p. 99). Analisando o relato, a pesquisadora Espírita Suely Caldas Schubert afirma que o sujeito psicografado, André Luiz, funciona nesse processo psicográfico, como “um representante de ‘autoridades superiores’. É o médium. O porta-voz. (...) quando há dúvidas ele pára a tarefa e aguarda a orientação superior”(SCHUBERT, 1998, p. 99). Essas interrupções no processo de escrita psicográfica desse autor mostra um mecanismo de como há todo um controle na produção do discurso do Espírito-autor.

Por meio desses relatos, entendemos que, para a doutrina Espírita, o trabalho do sujeito-psicografado pode ser monitorado, no mundo espiritual, por outros sujeitos-Espíritos. Há fiscalização e colaboração, na realização do processo psicográfico. Os objetos discursivos são selecionados, suas conceituações são analisadas. O processo psicográfico passa, desse modo, por um controle discursivo que afeta não só o conteúdo do enunciado a ser veiculado, como, também, o sujeito que fala, no caso o enunciador-Espírito. O trabalho de produção discursiva psicográfica é, portanto, um trabalho que obedece a uma ordem discursiva: os objetos discursivos⁴⁴ sobre os quais se fala e as suas conceituações, para que possa circular, no discurso psicográfico, devem estar em consonância com os discursos validados pela instituição Espírita. Esses traços de discurso utilitário e doutrinador se constituem como marcas identitárias do discurso psicográfico, no campo discursivo Espírita.

O processo de produção psicográfica de um texto, segundo os princípios doutrinários Espíritas, nem sempre termina com o registro do discurso do sujeito-Espírito em um dado gênero do discurso e um suporte textual. Quando, por exemplo, o texto tem como destino a publicação, uma vez concluído o trabalho de materialização

⁴⁴ Entendemos por objetos discursivos “as coisas” sobre as quais falamos. Conforme Foucault (2000a, p.47), dar aquilo de que se fala o status de objeto é fazê-lo aparecer, torná-lo nomeável e descritível

discursiva, o médium deve selecionar, analisar e revisar o material que deverá ser publicado. Conforme Kardec, não se deve “aceitar cegamente tudo o que vem do mundo oculto”; é necessário “submetê-lo a um controle severo. (...) Publicar sem exame, ou sem correção, tudo o que vem dessa fonte seria fazer prova, segundo nós, de pouco discernimento” (KARDEC, novembro de 1859, Revista Espírita). Para essa fase do processo, o médium pode contar com a colaboração de adeptos estudiosos da doutrina e, também, dos próprios autores espirituais. Quando se trata de textos que serão publicados, em livro, o trabalho de revisão é extensivo aos representantes da Editora, responsável pela editoração do texto.

Segundo informações do médium Chico Xavier, Emmanuel, autor espiritual e mentor do médium, explica que a forma de apresentação do trabalho psicográfico deve receber, obrigatoriamente, a colaboração dos Espíritos autores e, principalmente, do médium, além de outros Espíritos encarnados, uma vez que o Espírito enunciador não pode, “pela diferença de plano, acompanhar o esforço dos filólogos e dos tipógrafos”. O trabalho de revisão é obrigatório, pois “não pode haver uma edição sem aprimoramento e sem corrigenda, porque existirá sempre uma falha, na forma, aqui e ali, exigindo retificação” (XAVIER apud SCHUBERT, 1998, p.169).

Na revisão dos textos psicografados, os colaboradores devem primar pela revisão lingüística e, especialmente, pela análise dos princípios doutrinários que serão postos em circulação. Estes devem estar de acordo com o postulado teórico organizado por Kardec, nos livros que compõem a literatura básica da doutrina. No caso da revisão dos textos publicados pelo médium Chico Xavier, ele contou com a colaboração de alguns adeptos da doutrina, e, especialmente, com a Federação Espírita Brasileira (FEB), por meio de seus diretores. Conforme Schubert, o critério adotado pela FEB, na seleção dos textos que lhe são enviadas para futura publicação, é rigoroso. As obras são examinadas pelo conselho editorial, nos seguintes aspectos: o conteúdo doutrinário, a utilidade da temática e a questão lingüística, propriamente dita. Só depois de serem validados nesses quesitos é que um texto, psicográfico ou não, é recomendado para ser editado. A sua aprovação para futura publicação sinaliza que ele já recebeu “sugestões e corrigendas dessas pessoas de reconhecida competência, visando aprimorá-la no tocante à sua “forma de apresentação”. (SCHUBERT, 1998, p.185).

A título de exemplo, Schubert informa que Chico Xavier confiou ao então presidente da FEB, Wantuil de Freitas, por muitos anos, a função de analisar e

selecionar os seus textos psicografados. Relata, Chico Xavier: “(...) fazemos de conta que eu sou um pescador, no dizer de um espírito amigo. Hei de enviar-te sempre o resultado da pescaria, e examinarás o material, antes de ir ao mercado, não é? Lançarás apenas o que achares de utilidade” (XAVIER apud SCHUBERT, 1998, p. 30). Em outro momento, o médium agradece ao presidente a colaboração na revisão do texto *Obreiros da Vida Eterna*: “grato pelas informações que me envias quanto ao “Obreiros da Vida Eterna”. Fizeste muito bem, colocando o texto de acordo com o quadro de apresentações da capa. A tua idéia de modificar a expressão foi muito feliz” (XAVIER 1998, p. 76). Ainda sobre o mesmo texto, o médium agradece a contribuição do presidente: “espero o “Obreiros” [da vida eterna] com muito carinho e, desde já, agradeço-te quanto fizeste por esse novo trabalho de André Luiz” (XAVIER apud Schubert, 1998, p. 88). A cooperação do presidente se estendeu a Chico Xavier, também, no que diz respeito à orientação na aquisição de saberes lingüísticos, no domínio do registro escrito da língua: “o livro sobre pontuação que me enviaste, certamente chegará no correio amanhã. (...) Achei admirável a regra-síntese que me deste – não separar o sujeito do verbo e do objeto direto”. (XAVIER apud Schubert, 1998, p. 94).

A relação do médium com o presidente Wantuil de Freitas é um exemplo da atuação da FEB, enquanto editora responsável pela publicação dos trabalhos psicográficos do médium. A idéia da posição da FEB como controladora oficial do conteúdo doutrinário das obras psicografadas pelo médium Chico Xavier era aceita e partilhada pelo Espírito Emanuel. Este, quando consultado por Chico Xavier sobre a possibilidade da tradução de livros de sua autoria e do Espírito Humberto de Campos, para o espanhol, afirma que “o caso é da alçada da Diretoria da Federação”. (XAVIER, 1998, p. 27).

Segundo Schubert (1998), alguns autores Espirituais, também, colaboram na atividade de controle e revisão dos princípios veiculados nos textos psicográficos; em muitos casos, a palavra final, inclusive, é sempre dos sujeitos-psicografados ou de sua equipe espiritual. Sobre a revisão da sexta edição do texto *Parnaso de Além-Túmulo*, por exemplo, vejamos o que relata Chico Xavier, em carta ao presidente Wantuil de Freitas:

Falta-me competência e possibilidade para cooperar numa revisão meticulosa, motivo pelo qual o teu [Wantuil de Freitas] propósito de fazer esse trabalho com a colaboração do nosso estimado Dr. Porto Carreiro [adepto Espírita] é uma iniciativa feliz. Na ocasião em que o serviço estiver pronto, se puderes me proporcionar “a vista ligeira” de um volume corrigido, ficarei muito contente, pois isso dará oportunidade de *ouvir os Amigos Espirituais, em algum ponto de maior ou menor dúvida* (XAVIER apud SCHUBERT, 1998, p. 143). [grifos nossos]

No caso de Chico Xavier, a revisão dos textos psicográficos era uma ação realizada em conjunto com os autores espirituais e Emmanuel, seu colaborador direto. O trabalho de produção e revisão de toda sua produção psicográfica foi dirigido e fiscalizado por Emmanuel. Em relato sobre a sua atividade diária com o processo psicográfico o médium explica que, dentre outras tarefas, dedicava parte do dia aos seus “amigos espirituais, psicografando ou revendo com eles as páginas de autoria deles mesmos, sempre com a assistência de Emmanuel” (XAVIER apud MACHADO, 1992, p. 98).

Poderíamos aqui, ainda, elencar inúmeros relatos de Chico Xavier que ratificam as práticas utilizadas no processo de produção psicográfica do médium, especificamente no que diz respeito à revisão dos originais e a adequação do conteúdo à doutrina Espírita. Percebe-se que o controle do conteúdo a ser veiculado através dos livros psicografados é uma preocupação comum ao médium psicógrafo, aos autores psicografados, a FEB, através de seus representantes; aos leitores especializados que apreciam a obra a pedido do médium e, ainda, das editoras, quando for o caso. Como é de se esperar, enquanto adeptos de uma doutrina, todos funcionam como colaboradores no cuidado de proteger a integridade da doutrina e, também, a sua divulgação. Através da prática mediúnica psicográfica de Chico Xavier parece ser possível formar um parâmetro dos procedimentos que devem ser tomados como pelos autores espirituais, editores e demais colaboradores, no trabalho de difusão da Doutrina Espírita, pelo livro.

Tomando como fundamento foucaultiano o discurso enquanto prática que funciona de forma regrada, o nosso olhar sobre a psicografia permitiu-nos entrever valores e verdades de como se dá a produção e circulação dos escritos psicográficos

Espíritas. As posições de sujeito-psicógrafo, sujeito-psicografado, da Federação Espírita Brasileira, e dos editores e colaboradores especializados; na função de controlar, selecionar, organizar e fazer circular a produção psicográfica espírita, aparece de forma fundamental na tarefa de difusão da Doutrina. O trabalho psicográfico de Chico Xavier oferece, portanto, uma amostragem do trabalho de constituição dos fundamentos da doutrina Espírita sobre o processo de escrita psicográfica.

Dessa forma, entendemos que o modo de existência do discurso mediúnico psicográfico dirige sua circulação no campo discursivo Espírita. No que diz respeito ao exercício da função autor, no texto psicográfico, observamos que os gêneros discursivos psicográficos que circulam no campo discursivo Espírita trazem como marca autoral, sempre duas assinaturas, a do sujeito psicografado e a do sujeito-psicógrafo. No entanto, enquanto a assinatura do médium é a sua assinatura civil, a do Espírito autor nem sempre corresponde ao nome que ele utilizava como Espírito encarnado. Selecionamos algumas situações discursivas e os respectivos argumentos que justificam essa regra de funcionamento discursivo.

Conforme Ivonne Pereira (1994) muitos textos psicográficos, produzidos por autores espirituais que exerceram a função de autor quando encarnados, principalmente os famosos, trazem como assinatura um pseudônimo e não o seu nome civil. O procedimento do anonimato, nesse caso, não é uma regra geral, varia de acordo com as situações enunciativas. As justificativas são, portanto, bastante diversificadas. A autora explica que o processo de transmissão do estilo integral de um autor espiritual é um trabalho penoso: exaustivo, para o autor, e uma “tortura” para certos médiuns. Isto porque nem sempre o sujeito psicógrafo apresenta os recursos necessários para proceder ao registro do enunciado, do modo como ele foi “ditado” pelo autor psicografado. Nesses casos, o médium produz uma tradução do pensamento do autor: “recebe o ditado e transmite-o para o papel empregando sua própria linguagem”. Por esse motivo, muitas vezes, o sujeito psicografado opta por encobrir “o próprio nome até mesmo de seu instrumento mediúnico. Todavia, o pensamento foi do escritor e não do médium, e por isso a obra deverá ser considerada mediúnica” (PEREIRA, 1994. p. 126).

Alguns textos de autores espirituais não são psicografados de modo a reproduzir, com perfeita exatidão, os seus estilos anteriores; nem tampouco carregam a assinatura de seus autores. Isto porque, segundo Pereira (1994, p. 127), eles não fazem “questão de que o seu antigo vigor literário se reproduza, integralmente, através de um cérebro

mediúnico”. Estão interessados, apenas, em assumir a função de escritor como meio de desvencilhar a “consciência das sombras dos deslizes passados”. Objetivam, desse modo, reabilitar-se, pela “literatura de Além-Túmulo, da antiga feição ociosa ou nociva da literatura cultivada no estágio terreno”.

Outras são as justificativas para a circulação dos textos psicográficos de Humberto de Campos. Conforme Chico Xavier, os textos do autor espiritual, inicialmente assinados com o nome de Humberto de campos, passa a circular com o pseudônimo ‘Irmão X’. A decisão sobre esse procedimento vem do próprio Humberto devido ao transtorno causado pelo processo movido pela sua família, contra a Federação Espírita Brasileira e o médium Chico Xavier. O fato, inédito, causou constrangimento, especialmente, ao autor: em mensagem psicografada, em 15 de julho de 1944, o autor registra a sua opinião sobre o mérito da causa e a questão do uso do nome civil. Diz Humberto de campo, em Espírito:

Recebeu-me a Federação Espírita Brasileira (...). Publicou-me as páginas singelas de noticiário desencarnado, concedendo-me o ingresso na Academia da Espiritualidade. (...). Esqueci-me de que o pseudônimo é o refúgio dos escritores incompreendidos e, como a legislação do meu País não decretou, até agora, qualquer medida de restrição ao uso do nome dos ‘mortos’, por eles mesmos, acreditei na possibilidade do esforço perseverante e tranqüilo, continuando a usar o meu nome no intercâmbio com os famintos de felicidade. Eis, porém, que comparecem meus filhos diante da justiça, (...) Querem saber, por intermédio do direito humano, se eu sou eu mesmo (...). Exigem meus filhos a minha patente literária (...). Que é semelhante reclamação para quem lhe deu a vida da sua vida? Que é um nome, simples ajuntamento de sílabas, sem maior significação? (...) Na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e nobres serviços humanos. (XAVIER apud TIMPONI, p. 55-56)

Outro conjunto de enunciados que circulam assinadas por um pseudônimo é aquele produzido pelo Espírito André Luiz. Seu nome civil, ignorado, é, ainda hoje, motivo de especulação. O autor se posiciona como mais uma voz autoral, em defesa do uso do pseudônimo, como um modo de assinatura possível para a circulação do texto psicografado. Em mensagem introdutória aposta no seu primeiro texto psicografado: *Nosso Lar*, explica o uso do procedimento. Ouçamos a voz do autor:

Manifestamo-nos, junto a vós outros, no anonimato que obedece a caridade fraternal. A existência humana apresenta grande maioria de vasos frágeis, que não podem conter ainda toda a verdade. Aliás, não nos interessaria, agora, senão a experiência profunda, com os seus valores coletivos. (LUIZ, 2007, p. 12)

Nesse mesmo texto, o autor Espiritual Emmanuel, na posição de prefaciador do texto, registra a sua defesa sobre o uso do pseudônimo, nos textos de André Luiz. Vejamos:

Embalde os companheiros encarnados procurariam o médico André Luiz nos catálogos da convenção. Por vezes, o anonimato é filho do legítimo entendimento e do verdadeiro amor. Para redirmos o passado escabroso, modificam-se tabelas da nomenclatura usual na reencarnação. (...) André precisou, igualmente, cerrar a cortina sobre si mesmo. É por isso que não podemos apresentar o médico terreno e autor humano, mas sim o novo amigo e irmão na eternidade (LUIZ, 2007, p.8)

O uso da assinatura, seja um nome civil ou um pseudônimo, ou, até mesmo, a ausência delas, em textos psicografados parece não se constituir, para a doutrina Espírita, como um empecilho para que os textos psicográficos circulem com um valor de verdade. De uma forma geral, a um texto psicográfico, independente do gênero em que se apresente e do suporte textual em que seja veiculada, é atribuído um valor de conformidade com a relação que mantenha com o conteúdo registrado nas obras de Kardec. A mais adequada, portanto, será aquela que reproduza os princípios doutrinários revelados pelos Espíritos. Conforme Pereira (1994, p, 127), o uso de pseudônimos se justifica pelo objetivo a que se destina a obra espírita. Para a autora a sua finalidade é “moral-educativa-doutrinária e não propriamente a simples realização literária”.

O próprio Kardec informou que na produção de *O Livro dos Espíritos* deixou de indicar os nomes dos autores de alguns textos. O autor explica que, o uso do nome dos autores poderia deixar de ser citado, uma vez que o livro é constituído por um conjunto de enunciados, em formato de perguntas elaboradas por ele e, respostas atribuídas aos Espíritos. Desse modo, o autor optou por apor as assinaturas, apenas, em textos de

maior extensão, a exemplo das mensagens inseridas no livro. Para Kardec, nesse caso, a citação da autoria em todos os enunciados podia ser dispensada, portanto, sem prejuízo para a circulação do texto. Na voz do autor: “os nomes pouco importam, como se sabe, nesse assunto. O essencial é que o trabalho corresponda, no seu conjunto, os objetivos propostos” (KARDEC, 2004a, p. 12).

O procedimento de fazer circular textos com pseudônimos não é uma prática específica do campo discursivo Espírita, autores de outros campos, principalmente o literário, também aderiram à prática, por motivos que não cabem aqui relatar. Na formação discursiva Espírita foi o próprio Allan Kardec quem inaugurou o uso dos pseudônimos. No seu caso, a justificativa foi a vontade de demarcar o seu lugar como autor e adepto da doutrina Espírita. Com o nome de Allan Kardec assinou todos os textos que constituíram os livros básicos da doutrina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De conformidade com o princípio teórico foucaultiano de que a emergência de um objeto de discurso está marcada por “um feixe complexo de relações” (FOUCAULT, 2000, p. 51), iniciamos o nosso estudo buscando compreender o campo discursivo do qual o nosso objeto, a comunicação com os “mortos” por meio da psicografia, é elemento constituinte, no caso, a doutrina religiosa espírita. Entendemos que esse procedimento permitiu uma melhor compreensão do nosso objeto. Iniciamos com o item “De Rivail a Kardec: ciência ou religião?”. A partir de um breve trajeto biográfico que recobre momentos da vivência do autor Alan Kardec, antes e durante os momentos iniciais de seu envolvimento com as idéias espíritas, traçamos uma genealogia da doutrina espírita. Distanciados desse acontecimento, no tempo e no espaço, restou-nos “ouvir” a voz do autor por meio do seu discurso em *Memórias Póstumas*, texto em que relata como se deu a organização do conjunto de discursos que constituiu a doutrina que circula com o nome de Espiritismo. Foi, portanto, pela ótica desse autor que observamos a emergência dessa doutrina no território francês do século XIX.

Ao tratarmos da emergência do Espiritismo sob a ótica do seu “fundador”, colocamos Allan Kardec na posição de sujeito-pesquisador, pois entendemos que o processo de construção da doutrina deu-se por meio de um processo de pesquisa. Conforme Bagno (2002, p. 18), a pesquisa científica se singulariza por ser uma “investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso”. A natureza da pesquisa posta em funcionamento por Kardec, devido aos procedimentos adotados, possuiu essas características. Todavia, ela não se configurou como um estudo de caráter científico, nem tampouco Allan Kardec como um cientista porque ele não estava autorizado por uma instituição científica. Conforme Foucault (2000b, p. 7), o controle das relações de produção de saber/poder tem sua gênese e exercício nas instituições. Desse modo, ela figura como uma pesquisa que está fora da ordem do discurso científico, lugar oficialmente instituído como produtor de *verdades*.

Foucault (2000c), na sua análise genealógica do poder, rejeita uma concepção do poder enquanto uma coisa, um objeto ou um lugar em que se ocupa. Para o teórico

há relação de poder e relações de resistência . Desse modo, não há o poder, mas micro-relações de poderes que se exercem em níveis distintos. No que diz respeito à produção de discursos, afirma que existe sempre a possibilidade de “dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem”, embora, continua ele, só nos encontremos no “verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (FOUCAULT, 2000b, p. 35). Consideramos que Allan Kardec, por produzir uma discursivização sobre um objeto “que pede novos instrumentos conceituais e novos fundamentos teóricos” (FOUCAULT, 2000b, p. 35), pode figurar com a imagem, como diria Foucault, de “um monstro verdadeiro”: aquele que não está ‘no verdadeiro’ do discurso científico de uma época. Entendemos, portanto, que pelo fato de ele produzir uma pesquisa fora desse campo de fabricação de *verdades*, não significa dizer que a sua pesquisa não possa ser vista como uma produção de *verdades*, nem tampouco que não ele não possa assumir a posição de pesquisador que produz discursos, fazendo-os funcionar com um certo valor de verdade. De conformidade com os fundamentos foucaultianos, entendemos que Allan Kardec ativou saberes “desqualificados, não legitimados contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome de uma ciência detida por alguns” (FOUCAULT, 2000c. p. 171).

Sem a pretensão de historiar o percurso da introdução, sedimentação e legitimação da doutrina Espírita em solo brasileiro, buscamos compreender como a doutrina migrou para o solo brasileiro, partindo da observação dos primeiros grupos kartercistas constituídos no Brasil. Surpreendeu-nos a afirmação de Machado (1997, p. 54) de que o Espiritismo surgiu no Brasil em sincronia com a França, uma vez que o fenômeno que, naquela momento, ia tomando forma pela discursivização de Kardec, já fazia parte do “cotidiano mágico do homem brasileiro”. Em seguida, seguimos rastros que sinalizam o trajeto da legitimação da doutrina em solo brasileiro, a partir da atuação da FEB, Federação Espírita brasileira, órgão responsável pela unificação dos adeptos e divulgação da doutrina. Compreendemos que a FEB funcionou de forma ativa e produtiva na sua função de legitimar e difundir os princípios doutrinários e, também, assegurar a sua circulação por meio de práticas específicas. Depois, tratamos de observar o processo de sedimentação da doutrina no Brasil a partir da figura modelar do médium Chico Xavier, personagem responsável pela imagem que sedimentou, na concepção de estudiosos e, também de adeptos, a idéia de um

Espiritismo à brasileira. A idéia da importância da participação do médium nesse processo é, portanto, consensual. A prática espírita de Chico funciona como um divisor de águas no modo de vivenciar os princípios doutrinários espírita no Brasil. A sua obra psicografada recebeu estatuto de ensino complementar da doutrina organizada por Kardec. Sua história de vida se entrelaça, portanto, com a história de sedimentação, ressignificação e atualização da doutrina.

Após analisar o Espiritismo brasileiro a partir de figuras centrais: Allan Kardec, FEB e Chico Xavier, passamos a observar questões mais gerais sobre a doutrina. Partimos, desse modo, para a compreensão dos sentidos da vivência de suas práticas para os adeptos. Vimos que a resignificação do conceito de morte como “ritual de passagem” para a vivência do Espírito em outra dimensão e, ainda, a noção de vida terrena como lugar apropriado para estágios de aprendizagem são fundamentos doutrinários que sustentam a vivência dos princípios Espíritas pelos adeptos. Em seguida, observamos a construção do critério de *verdade* adotado pela doutrina para justificar a sua existência no cenário religioso da modernidade. Kardec busca no discurso religioso cristão, a promessa de Cristo no Novo Testamento e, ainda na voz autorizada dos Espíritos desencarnados o critério de *verdade* para validar a existência da doutrina. Logo depois, centramos nossa atenção na discursivização de Kardec sobre verdades que constituem a doutrina. Seleccionamos as que circulam como sendo a fundamentação básica da doutrina. Sobre elas fizemos uma análise sucinta. Por fim, tratamos do funcionamento da vivência dos princípios da doutrina, por meio da observação da existência e funcionamento do Movimento Espírita Brasileiro. O conjunto de instituições responsáveis pela vivência dos princípios reforça, por meio de práticas, a sedimentação desses fundamentos, uma vez que materializam a distribuição e circulação dos saberes espíritas de forma organizada. A construção desse capítulo serviu não só para a nossa compreensão de saberes que põe a doutrina em funcionamento como, também, para possibilitar uma visão panorâmica da existência da doutrina Espírita aos possíveis leitores.

Continuando nossa trajetória pela busca da compreensão do nosso objeto, consideramos necessário observar o tratamento que a doutrina deu ao fenômeno da comunicação com os “mortos”, uma vez que a psicografia é considerada como uma dentre as práticas utilizadas para o intercâmbio com os seres do “além”. Figurando como princípio da doutrina, a comunicação é considerada como um traço constitutivo

do Espírito. Desse modo, para a doutrina, ele pode manter-se em contato seja na condição de vivo, encarnado, ou como “morto”, desencarnado. A comunicação entre Espíritos desencarnados, “mortos”, e encarnados, vivos, é denominada pela doutrina de mediunidade. À essa prática discursiva o Espiritismo atribuiu, portanto, uma origem; atribuiu uma função social; definiu os sentidos de seu exercício e produziu uma tipologia dos modos como se pode proceder para manter um contato efetivo com o “além”. Partindo da construção de uma conceituação para a categoria pessoa focada no espírito- o ser humano é um ser constituído pela tríade: corpo, espírito e perispírito - a doutrina justifica a existência da mediunidade pela afirmação de que ela é um traço constitutivo da natureza do Espírito. Por este motivo, propõe que seja vista não enquanto fenômeno, mas como uma função orgânica que, uma vez ativada, assegura diferentes modos de relações comunicativas entre Espíritos encarnados e desencarnados. Aos detentores das técnicas de intercâmbio com os seres espirituais a doutrina chamou de médiuns. Para assegurar a existência dessa função a doutrina produziu uma série de regras que funcionam controlando tanto a iniciação do médium quanto as condições para o exercício produtivo das diferentes técnicas de comunicação.

Após a breve incursão no conjunto das verdades espíritas sobre o fenômeno da mediunidade o caminho estava, por fim, aberto para a compreensão do nosso objeto de estudo: a psicografia. Iniciamos o terceiro capítulo focando o tratamento que a doutrina deu a essa técnica. Dentre as *verdades* construídas sobre essa modalidade de produção discursiva, entendemos que a doutrina espírita coloca como objetivo geral da mediunidade de psicografia a função de provar, por meio dos textos psicografados, a existência, a imortalidade e a comunicabilidade do Espírito. A comunicação psicográfica assegura, assim, o contato dos Espíritos nos mais diversos modos de existência, esteja ele habitando a Terra ou os diferentes planos de moradia espiritual. Como função específica, a doutrina atribui a este processo discursivo as funções de, por meio dos textos psicográficos, consolar, confortar, informar e doutrinar os familiares dos Espíritos que continuam na existência terrena.

Observamos, por fim, que a mediunidade de psicografia, através das inúmeras “vozes” que se projetam “do além” pelas mãos dos médiuns, constitui-se, na atualidade, como o maior meio de divulgação da doutrina. Por meio dessa prática a doutrina sedimenta suas verdades e garante a sua existência, uma vez que ela se presta não só à circulação dos princípios doutrinários, como também, à atualização de fundamentos e à

produção de informações inéditas que são, posteriormente, incorporadas à doutrina. Desse forma, ela assegura a sua existência em meio a outros sistemas religiosos.

Em seguida, nossa atenção voltou-se para o técnico em psicografia. Observamos que a doutrina instituiu a função de médium psicógrafo e a função de autor espiritual como lugares específicos do dizer. Dentre as funções-sujeito postas em exercício pela doutrina a posição de autor-psicógrafo e autor-espiritual recebem o estatuto de função que sustenta e garante a existência da doutrina como ciência que, como tal, precisa estar em constante processo de ressignificação para não tornar obsoletas suas verdades.

Logo após, buscamos compreender as diferentes formas de proceder ao registro psicográfico das mensagens dos Espíritos desencarnados. Para tanto, utilizamos como referência a prática psicográfica dos médiuns Chico Xavier e Yvonne A. Pereira. A partir de nossas análises sobre a prática de produção discursiva psicográfica desses médiuns, principalmente de Chico Xavier, observamos que esse processo se caracteriza pela heterogeneidade: há, portanto, vários modos de colocar em exercício a prática da psicografia. Por fim, centramos nossa atenção no produto resultante da técnica psicográfica: o texto psicográfico. Este funciona como veículo na circulação dos princípios doutrinários contribuindo, dessa forma, com a divulgação, sedimentação e ratificação desses fundamentos. O jogo de regras produzido pela doutrina para a produção e circulação do texto psicográfico funciona como meio de construir um jogo de verdades que permitiu colocá-lo como uma prova concreta da imortalidade e comunicabilidade dos Espíritos. Diríamos que o texto psicográfico funciona, também, como meio de ratificar, consolidar e garantir a existência e permanência da doutrina no cenário religioso da “pós-modernidade”.

Distribuímos o resultado da pesquisa em três capítulos. No nosso entendimento, embora cada um apresente uma autonomia por tratar de eixos temáticos diferentes, os dois primeiros funcionam como subsídios para a compreensão do que seja a mediunidade de psicografia; são, pois, complementares.

A comunicação com os “mortos”, como qualquer outro objeto de discurso, já foi alvo de inúmeros olhares. Sobre ele, portanto, muitas coisas já foram ditas, seja por leigos, seja por especialistas. Aqui, assumimos a posição de pesquisador que se propôs a observá-lo enquanto objeto de estudo científico, no campo discursivo religioso espírita; todavia, não com a pretensão de sobre ele dizer coisas novas. Assim como Foucault, acreditamos que não é fácil dizer algo novo sobre um objeto outras vezes observado;

“não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e na superfície do solo, lancem sua primeira claridade (FOUCAULT, 2000, p. 51). Nossa contribuição, acreditamos, é atualizá-lo em uma nova ordem do discurso científico: uma dissertação de mestrado, no campo das Ciências das Religiões.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Luciano dos. *O atalho: análise crítica do movimento espírita*. Publicações Lachâtre, 1993.
- BAGNO, Marcos. *Pesquisa na Escola. O que é e como se faz*. Edições Loyola, São Paulo, 2002.
- BAKTHIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, Elias. *No mundo de Chico Xavier*, São Paulo: IDE, 1992
- BASTIDE, Roger. *As religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: pioneira, 1985.
- BEZERRA, Cícero Cunha. *Mística e religiosidade: para além do “sagrado” e do “profano”*. Religare – Revista de Ciências das Religiões – nº5 (março de 2009). João pessoa: Editora Universitária, 2009.
- CAMARGO, C. P. *Católicos, Protestantes e Espíritas*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1963.
- _____. *Kardecismo e Umbanda*. São Paulo: Pioneira, 1963.
- CAVALCANTI, Maria Laura V. de. *O mundo invisível*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- COLOMBO, Cleuza Beraldi. *Idéias Sociais Espíritas*. São Paulo/Salvador: Editora Comenius e IDEBA, 1998
- CRUZ, Eduardo R. da. *A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza*. São Paulo. UNESP, 2004.
- DAMÁSIO, Sylvia. *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DOYLE, Arthur Conan. *A história do Espiritismo*. São Paulo: Pensamentos, 1995.
- DURKHEIN, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*, São Paulo:PAULUS, 1989.
- ELIADE, Mircea. *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do êxtase*; tradução Beatriz Perrone-Moisés e Ivone Castilho Benedetti, 2ª Ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo; Martins Fontes, 1992
- _____. *Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo; Martins Fontes, 1991.

- _____. *Tratado de História das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, *Orientação ao Centro Espírita*, 2006.
- _____. *Estudo e prática da mediunidade*. Programa I. Brasília:FEB. 2008.
- _____. *Curso de Estudo e Educação da Mediunidade*. Programa II. Brasília: FEB, 2003.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Tradução António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 4. ed. Editora Vega Passagens, 1992.
- _____. *A arqueologia do saber*. Petrópoles:Vozes, 2000a.
- _____. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000b. (Leituras filosóficas) 79p.
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Trad. Andréa Daher, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000c.
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a Literatura*. Trad., de Flávio Aguiar. São Paulo:Boitempo, 2004.
- GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e da legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- LEWGOY, Bernardo. *Etnografia da leitura num grupo de estudos espíritas*. Revista horizontes Antropológicos. Vol 10,nº 22. Porto Alegre Julio. 2004a.
- _____. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, SP: EDUSC, 2004b.
- _____. *A antropologia pós-Moderna e a produção literária espírita*. Horizontes Antropológicos, Porte Alegre: PPGAS/UFRGS, V.8, P. 87-113, 1998.
- _____. *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura espírita e*
- LEWIS, Ion M.. *Êxtase religioso*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LUÍZ, A. (Espírito). *Nosso Lar/ditado pelo Espírito André Luiz; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier*. – 59. ed. – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns e dos doutrinadores*/Allan Kardec: tradução de J. Herculano Pires. São Pulo – LAKE, 2004a.
- _____. *O Livro dos Espíritos: filosofia espiritualista*. Allan Kardec; trad. J. Herculano Pires. 64ª ed. – São Paulo – LAKE, 2004b.
- _____. *O Evangelho segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro, Federação Espírita

- Brasileira, 2000.
- _____. *O que é o espiritismo*. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, 217 p.
- _____. *Obras póstumas*. 21.ed. trad. de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB. 1985.
- _____. *A gênese*. 28. ed. Rio de Janeiro : F.E.B., 2007a, 423 p.
- _____. *O Céu e Inferno*. 60. ed. Trad. de Manoel Justiniano Quintão. Rio de Janeiro. FEB. 2007b.
- MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Antares. 1997.
- MAGGIE, Y. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*, Rio de Janeiro, 1992.
- MARCUSHI, LUIZ Antônio. *A questão dos suportes dos gêneros textuais*. UFPE/CNPq, 2003.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo:EDUSP, 1974.
- _____. *Chico Xavier - uma vida de amor*. Araras, São Paulo: IDE, 1992
- MEDINA, C. C. *O pensamento Kardecista*. Série Cadernos PUC, São Paulo, v. 33, p. 53-59, 1988.
- MIELE, Neide. *Religiões: múltiplos territórios*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: movimento dos sentidos*. 4ª Ed. Campinas-SP Editora da UNICAMP, 1997.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. 2ª ed. Editora Vozes; 1978.
- PARANDRÉIA, Carlos Augusto. *A psicografia a luz da Grafoscopia*. São Paulo: Fé, 1991.
- PEREIRA, A. Ivonne. *Devassando o invisível*. 9ª ed. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira, 1994.
- _____. *Recordações da mediunidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.1976.
- PIRES, Flávia Ferreira. Arguição em defesa de mestrado, no PPGCR, dia 08/10/10.
- POSSEBON, Fabrício. *Tò thaumastón: O maravilhoso. Introdução ao pensamento grego arcaico*, João Pessoa: Ed. Universitária, 2008.
- SCHUBERT, Sueli Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Brasília: Federação Espírita brasileira. 1998.
- SILVA, Severino Celestino. *Analisando as traduções bíblicas*. São Paulo: Mundo Maior, 2009.

SOARES, L. E. *O autor e seu duplo: psicografia e as proezas do simulacro*. In *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n 4: 121-140, 1979.

SOUTO MAIOR, Marcel. *As vidas de Chico Xavier*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

_____. *Por trás do véu de Isis: uma investigação sobre a comunicação entre vivos e mortos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

_____. *As lições de Chico Xavier: para quem acredita e para quem quer voltar a acreditar*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

STOLLI, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp. Curitiba: Orion, 2003.

TAVARES, Clóvis: *Trinta anos com Chico Xavier*. São Paulo: IDE, 1995.

TIMPONI, Miguel. *A psicografia ante os tribunais*. Brasília. Federação Espírita Brasileira, 1985.

XAVIER. *O Espírita Mineiro*, nº 137, abr./maio/jun. 1970

_____. Francisco Cândido. *Palavras minhas*. In: *Parnaso de Além Túmulo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, [1932]1994.

_____. *Explicando*. In: *Emmanuel*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, [1938].

_____. *No Pinga Fogo*. São Paulo: EDICEL, 1984.

_____. *Quando se pretende falar da vida* [pelo espírito Roberto Muskat]. Ed.GEEM, 2004

XAVIER F. C., e VIEIRA Waldo. *Entre irmãos de outras terras*, [Espíritos diversos]. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

WANTUIL, Zêus. *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1969.

_____. *As mesas girantes e o Espiritismo*. Brasília-DF: Federação Espírita Brasileira, 1994.

ZWEIG, Stephan *A cura pelo espírito*. Rio de Janeiro: Delta, 1956.

